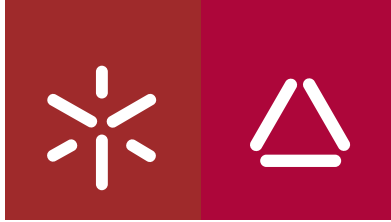


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Raquel da Silva Martins

Temas de ambiente na televisão portuguesa: características, mediatização e evolução. O caso do "Biosfera"



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Raquel da Silva Martins

**Temas de ambiente na televisão
portuguesa: características, mediatização
e evolução. O caso do "Biosfera"**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professor Doutor Joaquim Fidalgo

Nome: Ana Raquel da Silva Martins

Endereço eletrónico: anaraquelmartins23@gmail.com

Telefone: 915 931 347

Número do Cartão de Cidadão: 14321071

Título do Relatório de Estágio: Temas de ambiente na televisão portuguesa: características, mediatização e evolução. O caso do “Biosfera”.

Orientador: Professor Doutor Joaquim Fidalgo

Ano de conclusão: 2016

Mestrado: Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE

Universidade do Minho, __/__/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Aos meus pais, ao meu irmão e aos meus familiares que, das mais variadas formas, me fizeram chegar até aqui;

A todos os meus amigos. Aos de sempre, aos de há uns anos, aos mais recentes. Que continuem a sê-lo sempre da mesma forma. Ao João, à Lili, à Rita, ao André e ao melhor grupo de amigos que a Universidade do Minho me podia ter dado;

Ao professor Joaquim Fidalgo, por me ter orientado, no verdadeiro sentido da palavra;

À Universidade de Minho e a todos os que se cruzaram comigo durante este percurso académico;

A todos os grandes profissionais da Farol de Ideias, que tão bem me acolheram e que tanto me ensinaram: à Arminda, por me ter permitido estagiar na Farol; ao Hugo, por me ter levado até lá; ao Ricardo, às Joanas, à Marília, à Kat, à Sílvia, à Mariana e a todos os das 'outras salas'.

Temas de ambiente na televisão portuguesa: características, mediatização e evolução. O caso do “Biosfera”.

Resumo

O “Biosfera” é um dos poucos conteúdos jornalísticos regulares sobre ambiente em Portugal. Por essa razão, torna-se pertinente analisar as características de um programa totalmente dedicado a esse tipo de assuntos e perceber de que forma é que essas características têm evoluído ao longo do tempo. Há mais de uma década no ar, o “Biosfera” é um dos programas do Serviço Público de Televisão - já passou pela RTPN e RTP2 - e é produzido pela produtora Farol de Ideias, onde fiz o meu estágio curricular, de 31 de agosto a 27 de novembro de 2015.

O trabalho que aqui apresento começa por fazer uma descrição sintética e uma reflexão crítica sobre o estágio realizado (seja na área jornalística, seja na área da produção), continuando, na segunda parte, com um estudo de caso sobre um dos programas de ambiente mais antigos em Portugal, precisamente o “Biosfera”. O objetivo essencial é procurar identificar e analisar um eventual padrão nas práticas jornalísticas, no que ao jornalismo de ambiente diz respeito.

As alterações climáticas são um dos assuntos mais tratados pelo “Biosfera” e foram, aliás, o tema do primeiro programa, difundido em fevereiro de 2005. Como tal, foi feita, neste relatório, uma análise de conteúdo ao primeiro programa e a um outro mais recente sobre o mesmo tema. Este último programa foi o 502º a ser emitido e passou na RTP2 em fevereiro de 2016. Os dados recolhidos de cada programa foram comparados de forma a perceber como evoluíram em 11 anos algumas das características principais do “Biosfera”. De forma a complementar as informações recolhidas pela análise de conteúdo, foram feitas entrevistas a elementos diretamente relacionados com o “Biosfera”. Para além de Filipe Duarte Santos, especialista no tema das alterações climáticas e uma das fontes de informação mais requisitadas pelo “Biosfera”, foram entrevistadas a coordenadora editorial, Arminda Deusdado, a jornalista Marília Moura e a principal produtora do programa, Joana Guedes Pinto. A conclusão essencial sugere que é na organização da informação e na estrutura do programa que estão as grandes diferenças.

Palavras-chave: Jornalismo de ambiente; Biosfera; Serviço Público de Televisão; Jornalismo televisivo; Farol de Ideias; Produção televisiva.

Environmental subjects on Portuguese television: features, media coverage and evolution. The case of “Biosfera”.

Abstract

“Biosfera” is one of the few regular journalistic programs focused on the environment in Portugal. For that reason, it is important to analyze the features of a program totally dedicated to that kind of issues in order to understand how those features have evolved over time. For more than a decade on air, “Biosfera” is a Public Service broadcasting program – it has already been aired on RTPN and RTP2 – and is produced by Farol de Ideias, where I have undertaken a curricular internship between August 31st and November 27th, 2015.

This report starts with a brief description and a critical reflection about the internship (both in the fields of journalism and of production). In the second part, I present a study about “Biosfera”, one of the oldest environmental TV shows in Portugal. The main goal is to try to identify and analyze possible patterns in journalistic practices in the field of the environmental journalism.

Climate change is one of the issues that “Biosfera” covers the most and it was the subject of the first program, broadcasted in February 2005. This internship report presents a content analysis of the first program and also of a more recent one about the same subject. This last program was the 502nd to be emitted, and it was broadcasted by RTP2 in February 2016.

The data of each program was compared in order to understand how the show evolved throughout 11 years of environmental coverage. In order to complement the information collected in the content analysis, I conducted interviews with people directly related to “Biosfera”. Beyond Filipe Duarte Santos, an expert on the subject of climate change and one of the most reliable sources of information requested by “Biosfera”, I also interviewed the editorial coordinator, Arminda Deusdado, the journalist Marília Moura and the main producer of the show, Joana Guedes Pinto. The conclusion suggests that the main changes were felt in the organization and in the structure of the program.

Keywords: Environmental journalism; Biosfera; Public Service; Television journalism; Farol de Ideias; Television production.

Índice

1. Introdução.....	13
2. Estágio.....	15
2.1 Farol de Ideias.....	15
2.2 A experiência do estágio	18
2.2.1 Os primeiros dias, as primeiras impressões, as primeiras expectativas	18
2.2.2 Trabalho de Produção.....	20
2.2.3 Jornalismo: o “Biosfera”	24
2.2.3.1 Jornalismo de ambiente: que características?	27
2.2.4 Produção de conteúdos: a criação de novos formatos.....	29
2.2.5 O estágio: abordagem final	32
3. Identificação de uma questão específica	33
3.1 “Biosfera”, jornalismo de ambiente e alterações climáticas	33
3.2 Enquadramento e fundamentação teórica	34
3.2.1 Jornalismo de ambiente: mediatização das alterações climáticas.....	34
3.2.1.1 Jornalismo de ambiente: um jornalismo cívico de causas?	38
3.2.2 Fontes de Informação	39
3.2.3 Jornalismo televisivo	44
3.2.3.1 Programação semanal	46
3.2.3.2 Serviço público de televisão.....	48
4. Metodologia.....	51
4.1 Análise de conteúdo	52
4.2 Entrevistas.....	54
5. Resultados	57
5.1 Apresentação dos Resultados	57
5.1.1 “Biosfera” #001	57
5.1.2 “Biosfera” #502	64
5.2 Análise comparativa dos Resultados.....	70
5.3 Novas pistas: as entrevistas	78
6. Conclusões	87
7. Bibliografia	91

8. Anexos	95
8.1 Entrevista a Arminda Deusdado	95
8.2 Entrevista a Marília Moura	105
8.3 Entrevista a Joana Guedes Pinto	115
8.4 Entrevista a Filipe Duarte Santos.....	119

Índice de tabelas

Tabela 1: Estrutura do programa - "Biosfera" #001	58
Tabela 2: Fontes de informação - "Biosfera" #001	62
Tabela 3: Estrutura do programa - "Biosfera" #502	65
Tabela 4: Fontes de Informação - "Biosfera" #502	69
Tabela 5: Comparação das estratégias comunicativas	70
Tabela 6: Tipo de fontes de informação utilizadas - comparação	72
Tabela 7: Tempo de utilização das fontes de informação - comparação	73
Tabela 8: Comparação dos critérios de noticiabilidade.....	76

Índice de imagens

Imagem 1: "Biosfera" #001: Genérico	71
Imagem 2: "Biosfera" #502: Genérico	71
Imagem 3: "Biosfera" #001: Estratégia comunicativa.....	81
Imagem 4: "Biosfera" #502: Estratégia comunicativa.....	81

1. Introdução

Há cinco anos começava o meu percurso académico na Universidade do Minho. Um trajeto que, para além de extremamente enriquecedor, será sempre recordado com uma enorme nostalgia. Agora, cinco anos passados, aqui está o relatório de um estágio que não podia ter sido outro.

Cheguei à Farol de Ideias em agosto de 2015. Comecei por estar, desde logo, envolvida no “Biosfera”, um programa de ambiente transmitido na RTP2. Por essa razão, o jornalismo de ambiente acabou por marcar o meu estágio curricular. Fiz um programa para o “Biosfera”, que foi transmitido no final de novembro, e foi nessa altura que me surgiram algumas questões sobre um programa que está no ar há mais de 11 anos.

Afinal, que características tem o “Biosfera”? De que forma é que se foi reinventando ao longo dos anos? Estas começaram por ser as perguntas base deste relatório. Queria perceber as particularidades de um programa semanal sobre temas ambientais e conhecer um pouco mais sobre esta especificidade do jornalismo.

E estudar, analisar o “Biosfera” e falar com quem faz parte do programa é essencial para entender o jornalismo de ambiente em Portugal. Primeiro, porque é dos poucos conteúdos 100% dedicados a ambiente no nosso país. Depois, porque está no ar há mais de uma década.

A partir daqui, fica justificado o interesse neste tema. Um interesse que surgiu de uma reportagem sobre o rio Ave e que acabou por chegar às alterações climáticas, um dos temas mais abordados pelos jornalistas do “Biosfera”.

Conhecer algumas características do jornalismo de ambiente através da mediatização das alterações climáticas. Este é o ponto base deste relatório de estágio.

2. Estágio

2.1 Farol de Ideias

A Farol de Ideias é uma produtora de conteúdos, com sede em Vila Nova de Gaia. Fundada no ano de 2000 por dois jornalistas, Daniel Deusdado e Arminda Sousa Deusdado, a Farol de Ideias produz conteúdos originais de *media* para televisão, conteúdos editoriais para imprensa e programas de rádio. “Informação e novos *media*” é a assinatura, que demonstra, aliás, a área de especialização da empresa.

A empresa posiciona-se no mercado audiovisual como exemplo inédito de uma organização que tem na sua redação jornalística o principal *core business*. Dispõe de uma equipa coesa e uma estrutura acionista independente de qualquer grupo económico. A polivalência de talentos e uma agilidade técnica e editorial têm-lhe permitido produzir um leque alargado de conteúdos jornalísticos especializados para um conjunto diferenciado de órgãos de comunicação social.

Com uma equipa constituída por cerca de 20 profissionais que inclui jornalistas, produtores, operadores de imagem, editores e *motion graphic designers*, assume-se como uma “marca importante no audiovisual português”. “Todos os meses produzimos várias horas de conteúdos respeitando escrupulosamente os prazos e com um compromisso contínuo na qualidade, a nossa imagem de marca”, pode ler-se no *site* da empresa¹.

Desde a sua origem que se foca, essencialmente, em conteúdos de ambiente, ciências, economia, saúde e desporto. Vários programas produzidos pela Farol de Ideias estão ou mantiveram-se no ar durante vários anos. Exemplo disso será o “Radar de Negócios” – esteve 10 anos no ar, nascido na NTV e, posteriormente, convertida em RTPN e RTP Informação. Outro exemplo é o “Biosfera”, um magazine semanal que se debruça sobre temas ambientais, há 11 anos no ar entre RTPN e RTP2.

Por ser uma produtora de conteúdos, trabalha para vários órgãos de comunicação. RTP, SIC e Porto Canal são alguns dos destinos dos conteúdos televisivos da Farol de Ideias.

O “Fashion Film Factory” é outro programa que está a ser produzido atualmente para a RTP2 e RTP Internacional. É um programa mensal sobre moda e a indústria têxtil portuguesas, e está no

¹ Informações retiradas do *site* da Farol de Ideias (www.faroldeideias.com)

ar desde 20 de setembro de 2014. Este projeto resulta de uma coprodução entre a Farol de Ideias e a Associação Selectiva Moda, que conta com o apoio financeiro do QREN e do COMPETE.

“SENTES” é outro conteúdo recente da Farol de Ideias. Trata-se de uma série de 12 programas semanais sobre Engenharia e Arquitetura, transmitida na RTP2 nos meses de agosto, setembro e outubro de 2016. É um programa de reportagem e debate da autoria do professor emérito da Universidade do Porto Eduardo Oliveira Fernandes.

Também recente, mas que atualmente não se encontra em produção, é o programa “Seleção Agricultura”. Foi transmitido pela SIC Notícias, e, tal como o próprio nome indica, tratava-se de um magazine semanal sobre agricultura.

Apesar das experiências acumuladas na rádio e imprensa, o grande mercado da Farol de Ideias sempre foi a televisão. Alguns dos conteúdos produzidos pela empresa são, ainda hoje, recordados por um grande número de pessoas. A “Liga dos Últimos” é um desses exemplos. Começou como “N Amadores”, transmitido na então NTV, e passou para a RTPN, já como “Liga dos Últimos”. O sucesso viral deste programa na internet e nos primórdios do *YouTube* foi razão suficiente para levar José Fragoso, diretor de programas da RTP em 2008, a decidir importar o programa para o horário nobre da RTP1. Indubitavelmente, este foi assim um sucesso incontornável da Farol de Ideias.

Ao longo de 16 anos de história, foram muitos outros os projetos que, embora tivessem tido uma duração finita no tempo, deixaram uma marca no percurso da empresa. “Nobre Povo”, “Nativos Digitais”, “Radar de Negócios”, os “SPAs da Marisa”, ou “Termas no Centro de Si” são outros conteúdos produzidos pela Farol de Ideias para televisão.

E foi também em televisão que, em meados de 2009, a produtora deu os primeiros passos na produção de conteúdos para um género nobre e exigente como o documentário.

O primeiro projeto nesta área foram os documentários “Um Lugar de Esperança” (RTPN), uma série documental focada na ilustração do dia-a-dia de um hospital de fim de linha como o Hospital de São João. E no mesmo ano seguiu-se “Estou lá – Vidas em Espera” (RTP2), um documento único sobre a emigração em Portugal.

A partir daqui o percurso da produtora foi imparável neste género televisivo. Logo em seguida produziu “GeoPortugal” e “GeoPortugal 2” e a série “Geosfera”, todos eles documentários científicos com um foco no património geológico português e emitidos na RTP2. “O Sabor da Despedida” (RTP2), um documentário sobre o Rio Sabor e a construção da central hidroelétrica projetada para a região, foi outro dos trabalhos da produtora.

“O Som da Rua” (RTP2), sobre o projeto de orquestra com o mesmo nome da Casa da Música, “Himalaias – A Viagem dos Jesuitas Portugueses” (RTP2), “Nos Passos de Magalhães” (RTP2), “O Extraordinário Mundo das Fibras” (RTP2) e mais recentemente “Ulisses – Relançar a Europa a Partir do Sul” – este último foi um trabalho documental que explorou uma alternativa política proposta pelos “Verdes” com assento no Parlamento Europeu para relançar a Europa a partir dos países do Sul – foram outros documentários feitos pela produtora.

“Azul ou Branco” é um outro conteúdo de televisão que está, neste momento, na antena do Porto Canal. É um concurso de cultura geral e trata-se do primeiro grande conteúdo da Farol de Ideias na área do entretenimento televisivo.

Tem também clientes vários na imprensa, como o Diário Económico, Jornal de Notícias, Público, e até mesmo na rádio como a RDP Antena 1 e a Rádio Nova. No setor da imprensa, a Farol de Ideias foca-se nas áreas do humor, economia, agricultura, saúde, educação e justiça. No Jornal de Notícias, foi responsável por algumas reportagens e *dossiers* temáticos.

“Opinião JN”, “Fazemos bem”, “JN Agricultura”, “Barómetros JN” e “Conselho dos Doze – Caderno de Economia do Expresso” foram alguns dos projetos editoriais para os quais a Farol de Ideias produziu reportagens de informação e análises especializadas. O “Inimigo Público”, publicado semanalmente pelo Jornal Público, é um projeto editorial da “Estado do Sítio” – uma parceria entre a Farol de Ideias e as Produções Fictícias.

A completar este *portfolio* está ainda a conceção e execução de projetos pontuais de vídeos “a la carte” para um leque alargado de clientes institucionais. É o caso da realização de seminários e conferências, vídeos institucionais e até projetos multimédia de e-learning para universidades.

2.2 A experiência do estágio

2.2.1 Os primeiros dias, as primeiras impressões, as primeiras expectativas

31 de agosto de 2015. Começava o meu estágio na Farol de Ideias. O primeiro dia começava logo com uma reunião de equipa, que, por ser final de agosto, estava um pouco desfalcada. Discutiu-se pormenores dos novos programas, falou-se dos já conhecidos e distribuiu-se tarefas. Percebi, ali, um pouco da dinâmica da empresa. Por ser uma produtora de conteúdos audiovisuais, a Farol de Ideias tem um vasto leque de programas, não se dedicando exclusivamente a conteúdos informativos. Sabia, por isso, à partida, que iria fazer muito trabalho de produção, o que me entusiasmava, tendo em conta que iria contactar com novas áreas de trabalho e, assim, alargar o meu percurso de aprendizagem profissional.

Acompanhei, desde cedo, a edição de vários programas produzidos pela Farol de Ideias. Ora para perceber como se trabalhava com a ferramenta de edição lá utilizada (*Final Cut Pro*), ora para compreender como eram cortados e fechados os programas. Desde o início, senti que havia a preocupação em explicarem-me o tipo de conteúdos produzidos pela Farol de Ideias e qual o estilo de cada um deles.

Sempre houve esta preocupação em elucidarem-me, passo a passo, sobre o conceito dos diferentes programas e as especificidades de cada um deles. Por isso mesmo, nos primeiros dias, simulei entrevistas e fiz mesmo um “Biosfera” e um “Seleção Agricultura” (com falsas entrevistas feitas previamente) de acordo com alguns temas discutidos e acordados na reunião. Estas falsas ‘reportagens’, que serviriam apenas para a orientadora de estágio me testar, para além de me terem posto à prova, fizeram-me perceber as especificidades dos vários conteúdos.

Soube, desde o início, como já referi, que iria fazer muito trabalho de produção. Não sabia bem o que isso queria dizer, mas sabia que os três meses de estágio não iriam ser todos dedicados ao jornalismo. Foi por isso, aliás, que procurei a Farol de Ideias para estagiar. Queria abrir horizontes, conhecer novas áreas de trabalho, com as quais nunca tinha contactado, e poder ter a certeza do que queria fazer no futuro – se é que isso seria possível. Sabia que iria fugir das *hard news* e que, no jornalismo, iria fazer trabalho de fundo, de campo e de especialização – tendo em conta, aliás, os projetos que a Farol de Ideias tem em mãos. Na realidade, fiz mais produção que jornalismo e acabei o meu estágio com a certeza que é uma área com a qual me identifico.

Tinha chegado a uma produtora de televisão. Sabia os programas que produziam, nas mais diversas áreas, e sabia que estava ali para aprender. Para dar o meu melhor também, mas sobretudo para aprender.

Estava numa produtora de conteúdos originais, que desenvolve produtos mediáticos para vender aos meios de comunicação. É um conceito conhecido, é certo, mas que não é muito associado ao 'futuro' de um jornalista. Há poucas produtoras de conteúdos informativos e, por isso mesmo, a ideia que se tem da produção é que está sempre ligada ao entretenimento. Escolhi a Farol de Ideias para estagiar porque sabia que produzia conteúdos informativos e variados. Entusiasmava-me a ideia de poder fazer várias coisas, diferentes, à medida que apareciam novas propostas de programas.

Em três meses, aprendi imenso. Fiz um programa "Biosfera", fiz a produção desse mesmo "Biosfera" (e de edições do "Biosfera" de outros jornalistas); estive na organização de vários eventos (como o "Porto Fashion Film Festival" e a conferência "SENTES", cujo tema foi "a saúde na cidade" e que precedeu o programa de televisão com o mesmo nome); estive na produção de um programa completamente novo para a produtora (e inovador, no sentido em que é o primeiro concurso de entretenimento da Farol de Ideias), chamado "Azul ou Branco", transmitido no Porto Canal; e acompanhei o desenvolvimento de novos conceitos e de novos programas para a produtora.

Todas estas experiências deram-me inúmeras ferramentas para o meu futuro. Nada é mais interessante do que pôr em prática aquilo que ouvimos enquanto estudantes. Os primeiros dias fizeram antever uma experiência rica. Os últimos dias foram de reflexão, com a perfeita noção de que este foi o início de uma vida profissional e do qual guardarei muitas memórias.

Vários foram os aspetos positivos e negativos que merecem, naturalmente, destaque e reflexão. Seja pelos ensinamentos que trouxeram, seja por me alertarem para os erros que não devem ser cometidos. Desde logo, foi importante nesta caminhada ter 'mente aberta'. Sabia, desde início, que não iria fazer só conteúdos informativos e que o trabalho de produção iria ser muito importante e que ia assumir um papel de relevo no meu estágio. Fui avisada disso e comprometi-me a fazê-lo. E, na realidade, foi dos aspetos que mais me enriqueceram.

2.2.2 Trabalho de Produção

Estando a estagiar numa produtora, e estando envolvida no programa “Biosfera”, o trabalho de produção na área do ambiente tomou conta de grande parte do meu estágio.

A produção jornalística envolve procedimentos de selecção de alguns temas e questões em detrimento de tudo o resto que constitui a realidade num determinado momento, seguindo-se-lhe a recolha de informação e a sua reconstrução no discurso característico dos media. (Carvalho, Pereira, Rodrigues & Silveira, 2011, p. 112)

Na Farol de Ideias, tive a oportunidade de fazer muito trabalho de produção. Para além da reportagem jornalística que fiz (programa “Biosfera” sobre o rio Ave) e de todo o trabalho de produção que a precedeu, fiz também toda a produção de um “Biosfera” sobre a pesca de sardinha e a respetiva diminuição de quotas para o ano de 2016. Fiz, portanto, trabalho de produção em programas distintos. No “Biosfera” sobre a poluição e despoluição no rio Ave, e tendo em conta que fiz também o papel de jornalista neste caso, uma das grandes preocupações foi perceber, numa primeira fase, o tema, as enormes especificidades que dele fazem parte e, depois, procurar entender de que forma é que poderia levar para o terreno dados importantes sobre a questão.

Enquanto fazia este trabalho de pesquisa e recolha de informação, bem como da escolha (ainda que sujeita a aprovação) das fontes de informação, questionava-me sobre a distinção de tarefas entre um jornalista e um produtor. Na verdade, a ideia com que ficamos enquanto estudantes de jornalismo é que, cada vez mais, é o jornalista que faz todo este trabalho de recolha e pesquisa de informação.

Muitas vezes, fica ténue a fronteira entre a prática jornalística e o trabalho de produção que normalmente a precede. Na realidade, cabe ao produtor (que muitas vezes exerce também o papel de jornalista) o papel de selecionador da informação e das fontes de informação que vão ser levadas para a peça jornalística. Por isso mesmo, o produtor tem uma grande influência no resultado final do trabalho que o jornalista faz.

Nesse momento do meu estágio, várias questões surgiam. Refletia, sobretudo, sobre toda a importância desse trabalho que, sendo crucial no resultado final, é uma atividade de alguma responsabilidade. Em primeiro lugar, porque acaba por definir e seleccionar a informação que vai fazer parte do resultado final. Depois, porque é o produtor que explora os dados que serão levados para o terreno, a informação que é crucial incluir no tema – e no jornalismo de ambiente

esta questão é fundamental – e é, muitas vezes, quem encontra o tópico noticioso que acaba por levar ao desenvolvimento do trabalho jornalístico. É claro que o jornalista que está responsável por fazer a peça acaba por ser determinante neste processo, até porque está, desde o início, em contacto com o produtor e é ele, também, que muitas vezes diz o rumo que quer seguir na reportagem. Este não é um processo linear, tendo em conta que existem várias pessoas que acabam por definir a trajetória da ‘história’. Na Farol de Ideias, toda esta discussão – sobretudo no que diz respeito aos temas a serem explorados – é aberta a toda a redação de jornalistas que, nas reuniões, debatem muitas destas questões aquando das propostas dos temas.

Admito que o trabalho de produção na Farol de Ideias seja diferente do trabalho de produção numa redação em que a informação é muito mais superficial, mas necessária a cada minuto. Na Farol de Ideias, a produção de um programa depende, naturalmente, do tipo de temática desse mesmo programa. No caso do “Biosfera”, e tendo em conta que os temas são previamente debatidos numa reunião, cabe ao produtor encontrar focos de noticiabilidade, transformando a matéria-prima em notícia e em conteúdos que alimentem, com relevância e pertinência, uma reportagem de 25 minutos, tendo sempre em conta que se comunica para um público habituado a conteúdos específicos e especializados. O facto de ser um programa semanal faz com que haja um maior tempo de preparação. Normalmente, trabalha-se num programa cerca de três semanas/um mês antes de ser emitido. Nesta fase, o produtor, dependendo da sua ligação com o tema, pode ligar a alguns especialistas, de forma a perceber como pode ser seguida a história e onde poderá haver novos pontos de notícia. Definidos todos os ângulos de abordagem e escolhidas as fontes, é o produtor que agiliza as entrevistas, que organiza a agenda e faz com que o programa seja fechado a tempo de ser emitido.

Olhando para o produtor e refletindo sobre a sua importância no produto final, fica uma reflexão: Existe, afinal, alguma fronteira entre jornalismo e produção? Está essa fronteira muito vincada? Quando é que o trabalho de um produtor ultrapassa as barreiras do de um jornalista? Deve existir uma fronteira entre estes dois papéis?

Havendo uma articulação constante entre o jornalista que faz a peça e o produtor, esta fronteira acaba por se esbater. Até porque, na Farol de Ideias, há uma partilha de experiências e opiniões constante, que não deixa o produtor ou o jornalista completamente sozinho na sua tarefa. O

produtor acaba por ter de estar sempre em contacto com os jornalistas e a produção acaba por ser feita de acordo com as experiências partilhadas por todos.

É claro que para uma 'jornalista estagiária', a produção do seu próprio trabalho é muito importante numa primeira fase, até para aprofundar os conteúdos que vai trabalhar. Mas numa empresa onde a maior parte dos jornalistas faz já reportagens para o "Biosfera" há mais de 8 anos, o trabalho de produção acaba por ser, muitas vezes, feito por outra pessoa.

E a fronteira entre jornalismo e produção, apesar de ser dividida na Farol de Ideias, é muito ténue. Aliás, enquanto estudantes de jornalismo, poucas vezes se falou do trabalho de produção. É tudo atribuído ao jornalista e não se pensa o trabalho de produção como algo isolado e fechado. A ideia é de que há um jornalista que, normalmente, está encarregado de fazer todo o trabalho de seleção de informação e escolha das fontes.

Este trabalho de produção foi importante por isso mesmo – por me ter feito 'especializar', de certa forma, numa área que eu não conhecia como 'isolada'. Reforçando essa ligação paralela entre jornalismo e produção, que nunca se podem dissociar, é importante perceber que a produção acaba por ser determinante no resultado jornalístico final.

Na Farol de Ideias, apesar de haver uma produtora para os conteúdos do "Biosfera", essa mesma produtora acaba por fazer também trabalho de jornalismo e os próprios jornalistas assumem também, por diversas vezes, o papel de produtores do seu trabalho – dependendo, também, do tipo de conteúdos que forem tratar e do à vontade que sentem com os temas.

Tendo ocupado grande parte do meu estágio, o trabalho de produção ajudou-me a inteirar-me de muitos dos temas do "Biosfera", bem como a perceber de que forma devem ser contextualizados estes tipos de assuntos.

Quando fazia produção para o "Biosfera", ligava a especialistas sobre a área em questão. No caso do "Biosfera" sobre o rio Ave, para além de ter falado com um especialista em reabilitação de rios, Pedro Teiga – para perceber de que forma poderia pegar o tema e levar a narrativa -, falei com o vereador do ambiente da Câmara Municipal de Guimarães, Amadeu Portilha, com um elemento da associação AVE – Associação Vimaranesse Ecológica, José Cunha, e com José Pimenta Machado, diretor da Administração da Região Hidrográfica do Norte (ARH do Norte/APA). Sabendo, desde início, que seriam possíveis entrevistados para a reportagem,

procurei recolher o máximo de informação sobre o tema e perceber que questões seriam pertinentes abordar na reportagem.

Importava-me saber, sobretudo, quais os motivos da poluição do rio Ave, mesmo depois de ter beneficiado já de milhões de euros em apoios à despoluição. Sabia, também, que estava a ser levado a cabo um processo de despoluição. Desta informação, teria de saber qual a notícia, qual o foco da reportagem e o que é que de novo podia dar aos telespectadores, sobretudo àqueles que acompanham o “Biosfera” assiduamente e que estão já por dentro da temática.

Esse é mesmo o aspeto fulcral da produção: mais do que marcar reportagens, conciliar agendas e recolher informação, cabe ao produtor pesquisar todos os meandros do tema e encontrar – se existir – um foco noticioso e inédito.

O foco desta reportagem era, precisamente, perceber o que ainda poluía o rio Ave, depois de tanto investimento e depois de inúmeras ações e processos de despoluição.

Ainda assim, o trabalho de produção que ocupou grande parte do estágio não se ficou pelo “Biosfera”. Já na parte final do estágio, fiquei responsável pela produção do “Azul ou Branco”, um concurso de cultura geral, transmitido no Porto Canal. Numa primeira fase, fiz os contactos para os convidados, que preencheram cerca de um mês de emissões. Acompanhei, também, toda a construção do cenário e, de alguma forma, o desenvolvimento do conceito.

Para além de ser um projeto completamente novo e diferente para a Farol de Ideias, na medida em que é o primeiro formato de entretenimento ‘puro e duro’, foi também algo completamente diferente para mim.

Toda esta experiência de produção acabou por me dar ferramentas que possivelmente me serão úteis no futuro. Em primeiro lugar, porque o trabalho de produção nem sempre é feito de forma isolada, por uma pessoa dedicada a isso, nos outros meios de comunicação e é normalmente o jornalista a fazer todo esse trabalho. Depois, porque me deu ferramentas de pesquisa importantes e autonomia para explorar conceitos, informações e pontos importantes.

2.2.3 Jornalismo: o “Biosfera”

A Farol de Ideias é das poucas produtoras que se dedicam a fazer conteúdos informativos. O “Biosfera” é um desses conteúdos – e o mais antigo ainda no ar – e tem uma equipa algo extensa responsável pelo seu desenvolvimento.

Na minha primeira semana na Farol de Ideias, tive de fazer reportagens fictícias – e consequentes entrevistas fictícias – para me preparar para fazer um “Biosfera”. Notei, desde logo, uma preocupação em preparar os jornalistas para os programas que a Farol de Ideias produz. Aliás, grande parte dos programas produzidos pela Farol abordam temas muito específicos e, portanto, de alguma forma complexos.

Essa preparação foi muito importante no momento de avançar para o meu primeiro programa ‘a solo’. Em primeiro lugar, porque me ajudou a perceber o conceito dos programas em questão - no caso o “Biosfera” e o “Seleção Agricultura” - e depois porque me fez perceber o que é que se pretendia para os formatos.

Na realidade, esta preparação durou vários dias. Todos os processos, nomeadamente as entrevistas, a fase de escrita do guião, a gravação dos *off*, a organização da reportagem e montagem da peça, demoraram aproximadamente uma semana. As peças tinham mais ou menos a mesma duração que teriam se fossem ‘reais’ (25 minutos para o “Biosfera”; 15 para o “Seleção Agricultura”).

Esta foi uma importante introdução à atividade habitual da Farol de Ideias. Fiquei a conhecer ritmos de trabalho, tempo de escrita de guiões e prazos de entrega. Como é óbvio, o facto de não ter a pressão de ver a minha reportagem publicada, nesta fase, facilitou, de certo modo, o desenrolar do trabalho. Mas, acima de tudo, permitiu-me testar, treinar e mostrar também o que posso fazer em cada reportagem.

Ensaios feitos, era hora de passar para o trabalho real.

O processo de elaboração da reportagem “Biosfera” passou por várias fases. A primeira foi, naturalmente, a escolha do tema. O tema foi sugerido por mim, numa reunião destinada à discussão de assuntos para o programa, e a concretização da reportagem foi-me, por isso, entregue. Este tipo de reuniões faz com se discutam os temas e as várias formas de abordagem entre todos os jornalistas e produtores, e, ao mesmo tempo, acaba por ajudar o jornalista a

perceber qual o rumo que deve tomar a reportagem. Lançam-se ideias, expõem-se pontos de vista e possíveis tópicos de abordagem e distribuem-se os temas pelos jornalistas.

Estas reuniões são totalmente dedicadas ao “Biosfera”, e realizam-se, aproximadamente, de dois em dois meses. Sendo uma reunião só com jornalistas (e produtora do programa) – que já fazem o “Biosfera” há vários anos – os temas são discutidos até à exaustão. Fala-se de potenciais fontes a quem recorrer, de locais de abordagem, de formas de estruturar o programa.

O tema que foi, então, proposto por mim e que acabou por me ser entregue teve a ver com a poluição do rio Ave e o processo de despoluição que tem sido levado a cabo na zona de Guimarães. Para este programa, fui também a responsável pela produção.

A ajuda dos restantes jornalistas foi essencial. Quer na produção, com conselhos sobre as melhores fontes de informação, quer na redação do programa, todos os jornalistas se mostraram muito prestáveis e sempre me ajudaram.

Numa primeira fase, a minha preocupação era perceber o tema e tentar encontrar as razões da poluição num rio desde sempre conotado com as ‘cores da moda’. O facto de ter sido responsável pela produção do programa obrigou-me a esta necessidade de aprofundar uma questão complexa. Recomendaram-me um livro, do jornalista de ambiente Ricardo Garcia, para explorar e aprofundar o tema sobre o qual me iria debruçar nas semanas seguintes. Os jornalistas têm sempre um prazo muito concreto para entregarem o guião, a partir do momento em que têm já todo o material necessário para a reportagem. A mim foi-me dado um prazo mais largo, quer para a produção, quer para a escrita do guião. Tive, por isso, mais tempo para preparar o tema e para escolher as fontes de informação que iriam ter voz na minha peça.

Sendo uma reportagem sobre a poluição no rio Ave, pareceu-nos desde logo importante falar com a Agência Portuguesa do Ambiente, responsável pela administração da região hidrográfica do norte (ARH). Fiz, como já referido, toda a produção do programa – ainda que com a ajuda da produtora do “Biosfera”, Joana Guedes Pinto, que sempre me auxiliou e me deu conselhos sobre o caminho a seguir. Como é óbvio, todo este trabalho foi seguido, e aprovado, pela minha orientadora de estágio.

Fontes escolhidas, era tempo de marcar com elas e escolher os locais de entrevista. Com a ajuda do especialista em reabilitação de rios Pedro Teiga e com um elemento da Associação

Vimaranense Ecológica, escolhi os locais onde iriam ser feitas as entrevistas. As pontes de Donim e de Campelos, em Guimarães, foram os locais eleitos para as entrevistas e por onde iríamos caminhar com o especialista em reabilitação de rios Pedro Teiga. José Cunha, da Associação Vimaranense Ecológica, foi também um dos entrevistados nesta zona. A entrevista com o vereador do ambiente Amadeu Portilha foi feita na Câmara Municipal de Guimarães.

A fase de elaboração de entrevistas contou com o apoio direto da minha orientadora de estágio, Arminda Deusdado, que me acompanhou no momento da saída para reportagem. As conversas e entrevistas com as fontes iam alternando entre as duas. Tendo em conta a complexidade do tema e da reportagem, este apoio foi muito importante, na medida em que me guiou naquilo que viria a ser o trabalho final.

Recolhida toda a informação, era tempo de escrever o guião. Numa primeira fase, depois de visualizadas todas as entrevistas, procurei organizar a informação por temas. Depois, passei para a escrita do texto. Nesta parte, estava por minha conta. Como é óbvio, sempre que tinha dúvidas, consultava os outros jornalistas.

Tive cerca de quatro dias para visualizar as entrevistas, escrever o guião e organizar os excertos na *timeline* do *Final Cut* (*software* de edição utilizado na Farol de Ideias).

O facto de ter de escrever uma reportagem de 25 minutos assustava-me. Numa primeira fase, não sabia bem por onde poderia pegar no tema e de que forma é que poderia construir uma narrativa lógica e com sentido. Esse era o meu maior receio. Depois, sabia que a escrita para televisão segue critérios específicos e que é bastante diferente da escrita de imprensa. Acresce a isto o facto de ter de escrever para um público muito específico, já bastante por dentro dos temas de ambiente e conhecedor da realidade de que eu iria falar.

A fase de escrita do guião foi um pouco conturbada. Escrevi, reescrevi e continuava um pouco perdida. Tinha a noção de que, naquele caso, precisava de alguma orientação e ajuda. Ainda assim, decidi terminar o guião e entregá-lo de acordo com o prazo que me tinha sido dado. O que acontece normalmente nesta fase é que a coordenadora editorial do “Biosfera”, Arminda Deusdado, revê os guiões, para depois serem ‘lidos’ pela ‘voz’ do “Biosfera”, Rute Marinho.

Depois de entregar o guião, revi-o com a minha orientadora de estágio, para perceber o que estava bem, o que estava mal e o que seria necessário alterar. Questões de forma de escrita

para televisão, bem como aspetos relacionados com o conteúdo da própria reportagem foram os mais discutidos. A linguagem utilizada, normalmente a tender para a escrita de imprensa, foi um dos aspetos referidos pela minha orientadora como algo a ter de mudar. Frases mais curtas, mais incisivas e menos ambíguas são ideais para televisão. Devia também evitar as frases na passiva, pouco recomendáveis para televisão. A nível do conteúdo, foi-me dito que devia também apresentar dados mais concretos e nunca repetir o que já aparece em imagem. Este é, afinal, um dos trunfos da televisão – poder mostrar mais e não ser necessário dizê-lo por palavras.

Com base no que me foi corrigido, reescrevi o guião. Procurei informação extra para incluir na reportagem e voltei a contactar outras fontes para desenvolver tópicos que não estavam muito explorados. Liguei de novo para a Agência Portuguesa de Ambiente, li relatórios, nomeadamente os planos de gestão da Região Hidrográfica do Cávado, Ave e Leça – que já tinha consultado na fase de produção. Segui um ‘caminho’ completamente distinto do que tinha feito anteriormente, referindo aspetos que não tinham sido abordados.

Todo aquele processo de análise ao trabalho que tinha desenvolvido acabou por me ajudar, depois, a construir um novo guião. Até porque, como já referi, fui à procura de novos conteúdos de forma a enriquecer a reportagem. O “Biosfera” é um programa que explora os temas ambientais, como é sabido, e toda a informação tem de ser meticulosamente escolhida e rigorosa. É claro que o facto de ouvir algumas críticas ajudou-me a evitá-las nos projetos subsequentes. No caso do “Biosfera”, tendo um público e uma audiência muito específica, a informação não pode ser leviana e contada como se estivéssemos a explicar um tema pela primeira vez.

O trabalho final, já depois de entregue o segundo guião e lido pela locutora Rute Marinho, foi revisto na *timeline*, como é habitual, pela minha orientadora de estágio, pelo editor e por mim. Nesta fase, cortam-se os excertos que estão a mais, de forma a que o trabalho final não ultrapasse os 25 minutos. O programa foi para o ar a 28 de novembro de 2015.

2.2.3.1 Jornalismo de ambiente: que características?

Um dos aspetos que me suscitaram interesse e reflexão, nesta fase do meu estágio, tem a ver com o papel que este género de programas informativos tem na audiência. Poderemos

considerar o jornalismo de ambiente, particularmente o “Biosfera”, um “jornalismo de causas”? Um jornalismo que, de alguma forma, ‘defende’ um ponto de vista? É, aliás, legítimo que assim seja?

Parece-me, acima de tudo, que o que o “Biosfera” faz é dar conta do que está a acontecer no que ao ambiente diz respeito, narrando e contextualizando, na maior parte das vezes, acontecimentos e situações relacionados com o tema. Muitos dos programas são, por isso, denúncias sobre problemas ambientais que, de alguma forma, têm impactos a nível nacional. Afinal, é esse um dos papéis do jornalismo. Na reportagem que fiz, sobre a poluição do rio Ave, encontrámos um caso que prova, de alguma forma, isso mesmo. Demos conta de uma família que vive há anos com os esgotos a entrar-lhes pela casa. Ouvimos as pessoas, que conhecem melhor do que ninguém a realidade local, e mostrámos uma situação que é outra consequência – para além da poluição do rio – da sobrecarga dos sistemas de drenagem.

O ‘jornalismo de causas’, um dos temas que vou aprofundar mais à frente neste relatório, é muito comum no jornalismo de ambiente. Ao dar conta de situações ilegais relacionadas com o ambiente, o “Biosfera” acaba por se assumir como um meio de denúncia para algumas organizações ambientalistas. Vários são os pedidos que chegam, ou por *e-mail*, ou por telefone ou através das redes sociais, para que o “Biosfera” aprofunde e investigue alguns temas.

Mas é legítimo que um programa ou órgão de comunicação se associe, de alguma forma, a certas causas e que, mesmo cumprindo as ‘regras’ jornalísticas, assuma uma postura de defesa de algumas questões? Este será um dos aspetos que procurarei aprofundar junto de alguns jornalistas do “Biosfera”, a quem farei entrevistas.

Um dos principais valores desde sempre associados ao jornalismo tem que ver com o seu papel de intervenção social. As denúncias feitas pelos órgãos de comunicação social vêm reforçar este carácter ‘de causas’, expondo, muitas vezes, aquilo que de outra forma não seria exposto. E aqui o papel do “Biosfera” é claro: passa por assumir a necessidade de que é fundamental assegurar a preservação no meio-ambiente. E parece-me inegável a importância deste tema para o país e para o mundo. O mais importante acaba por ser a forma como isso é feito. Acima de tudo, as ‘regras jornalísticas’ não podem ser postas em causa.

Apesar de ter estado envolvida em vários projetos na Farol de Ideias, o “Biosfera” foi o único que eu fiz a nível jornalístico. E um dos aspetos mais curiosos é que o “Biosfera” está no ar há mais

de 11 anos. Que características tem de ter este tipo de conteúdos para conseguir conquistar uma audiência – específica, é certo – durante tanto tempo? De que forma é que o jornalismo ambiental se foi adaptado aos tempos e aos interesses de um público que parece cada vez mais ligado aos problemas ambientais?

Nas várias reuniões que existem para se debaterem os temas que farão parte da agenda do “Biosfera”, notei esta necessidade de reciclar temas. Em 11 anos, é natural que os temas se repitam. Primeiro, porque há a necessidade que assim seja, até porque é difícil ter sempre temas diferentes para 11 anos de programa. Segundo, porque esses mesmos temas evoluem e precisam de nova atenção.

É por isso importante perceber como é que mudou a mediatização de um mesmo tema em 11 anos. As alterações climáticas, sendo um assunto desde sempre pertinente – como aliás é comprovado pelo facto de ter sido o primeiro tema abordado pelo “Biosfera” –, é dos que mais atenção têm recebido.

Parece-me também curioso perceber de que forma é que evoluiu esta forma de jornalismo, tendo em conta que o “Biosfera” é dos poucos programas que se debruçam sobre esta temática. Estando já há 11 anos no ar, a informação que o “Biosfera” transmite é muito rigorosa e detalhada e inclui um fator de novidade, em relação a tudo o que já está feito. É, muitas vezes, a reportagem de contextualização de um assunto, que, por alguma razão, está na ordem do dia. Vai a fundo e procura mostrar o que mais ninguém mostra.

Este é o tópico que vou desenvolver numa segunda parte deste trabalho. Afinal, quais são as características de um programa de ambiente como o Biosfera? Como evoluíram essas mesmas características? Já aqui falei do ‘jornalismo de causas’. Haverá evidências de um ‘jornalismo de causas’ no Biosfera?

2.2.4 Produção de conteúdos: a criação de novos formatos

Numa produtora de conteúdos, a criação de novos conceitos e programas faz, naturalmente, parte do quotidiano. Na Farol de Ideias, tive oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de novos conteúdos e, inclusive, tive a oportunidade de fazer parte deles.

O “Azul ou Branco” foi o primeiro concurso de entretenimento que a Farol de Ideias produziu. É um concurso de cultura geral, diário, em que duas equipas de quatro elementos cada se defrontam num campeonato semelhante a um Campeonato do Mundo. A grande diferença é que os golos são marcados através de respostas certas.

As primeiras emissões do concurso foram com convidados especiais, cujo principal objetivo era dar a conhecer as regras e a dinâmica do concurso. Toda essa produção foi feita por mim, já na parte final do meu estágio.

Acompanhei todo o desenrolar e preparação do programa. Apesar de estar já desenvolvido o conceito do programa quando lá cheguei, acompanhei vários passos importantes: construção do cenário, escolha dos apresentadores, episódios teste/piloto, ... À medida que a data de estreia ia avançando, foram sendo adaptados vários pormenores a cada novo teste, relacionados com dinâmicas e tempo de jogo.

A criação de novos conteúdos, que pode também passar pela organização de eventos, fez-me sair da minha zona de conforto e fez com que a minha imaginação atingisse novos patamares. Estas experiências de criação de novos conteúdos foram extremamente enriquecedoras, na medida em que fizeram com que eu percebesse o que está por trás de um novo programa, desde a proposta inicial de um conceito, até à concretização final de um projeto. Trabalhar numa produtora de conteúdos permitiu-me conhecer a televisão e o que a envolve.

O desenvolvimento de um conceito para televisão depende de vários fatores. Por vezes, é um determinado canal de televisão que pede à produtora que desenvolva um conceito, com base em alguns pontos pré-definidos. Noutros casos, é a própria Farol de Ideias que apresenta ideias e programas já escritos e desenvolvidos, para possível transmissão num determinado canal. É claro que a produção do programa, já depois de aceite pelo canal, depende do tipo de conteúdo que trata.

No caso do “Azul ou Branco”, que foi o programa em que estive mais envolvida – já na parte final do meu estágio curricular –, para além de todo o trabalho de produção – que vai desde o contacto a convidados/concorrentes até à gestão de uma equipa – foi perceber as dinâmicas de gravação de um programa de entretenimento. Aliás, sendo um género de conteúdo com o qual eu nunca tinha contactado, fui-me apercebendo de várias áreas interessantes de trabalho e que, de certa forma, me agradam, relacionadas sobretudo com a produção. No entretenimento, esta

produção acabou por ser um pouco mais complexa. Engloba, para além do contacto com participantes, toda a logística que o programa exige: aspetos relacionados com o cenário, com a dinâmica de jogo, com os prémios e com o calendário de gravações e emissões.

No que à organização de eventos diz respeito, estive envolvida no “Porto Fashion Film Festival”. É um festival de filmes de moda que já teve três edições (2014/2015/2016). Tendo em conta que, quando começou o meu estágio, já estava quase tudo preparado para o Festival – que foi a 3 de outubro – o meu papel foi estar ligada à logística e produção no dia do próprio Festival.

Outro programa cujo desenvolvimento acompanhei, ainda que de forma mais ligeira, foi o “SENTES”, que começou por ser uma conferência e que, mais tarde, passou a ser uma série televisiva, que trata, simultaneamente, os temas da saúde, da energia, da natureza, do território, do edificado e da suficiência (tal como o acrónimo indica). Este é um projeto da autoria do professor emérito da Universidade do Porto Eduardo Oliveira Fernandes.

Cada programa (a série foi para o ar já depois de terminado o meu estágio curricular) tem duas peças informativas e de contextualização e as entrevistas, feitas por Eduardo Oliveira Fernandes a várias personalidades das áreas mencionadas, foram gravadas em estúdio.

Todo este processo de desenvolvimento de conceitos – que começa numa simples ideia – é muito interessante para quem gosta de televisão. Em primeiro lugar porque se percebe toda a dinâmica de trabalho neste meio e depois porque se parte de uma ideia – às vezes um pouco abstrata – e desenvolvem-se conceitos complexos, interessantes e engraçados para televisão. É, na realidade, aquilo que mais me fascina numa produtora de televisão como a Farol de Ideias. O facto de, constantemente, aparecerem programas diferentes, com conteúdos completamente diferentes e, muitas vezes, com formas de escrita também distintas.

Este conceito acaba por ser um desafio para os jornalistas. Ao haver vários programas e conteúdos de informação, a cada nova ideia e criação, os jornalistas da Farol de Ideias têm de se adaptar a diferentes géneros, sejam eles sobre ambiente, desporto, saúde ou agricultura.

Até porque, normalmente, os programas produzidos pela Farol de Ideias não são semelhantes às *hard news* que habitualmente se veem nos telejornais. São programas cujo conteúdo é mais detalhado e exige maior tempo de escrita e preparação.

2.2.5 O estágio: abordagem final

Toda esta caminhada, que foi rica em aprendizagens, deu-me inúmeras ferramentas que, com certeza, me serão extremamente úteis no futuro. Terminei com a certeza de que, ao não fazer só jornalismo, aprendi imenso sobre a profissão e a área da comunicação.

Três meses depois de ter iniciado a minha primeira experiência profissional na área, fiquei com uma certeza: o jornalismo não é uma área fechada e impermeável. Até o trabalho de produção pode, de certa forma, ser considerado jornalismo – quando isso engloba a pesquisa e aprofundamento de questões e temas sobre uma reportagem, por exemplo.

Há, acima de tudo, uma área – a comunicação. É claro que não estou a misturar informação e entretenimento - há a óbvia necessidade de distinguir e distanciar as áreas de entretenimento, na qual estive também envolvida, e de informação. São áreas completamente distintas e que em nenhuma circunstância devem ser confundidas. A informação e o jornalismo são áreas objetivas e que devem ter profissionais habilitados para as desempenhar. No entanto, mesmo na área da informação, há pontos completamente distintos. E na Farol de Ideias estas diferenças notam-se muito. Por ser uma produtora de conteúdos, são vários os conceitos que por lá passam e que exigem formas de abordagem completamente distintas. Veja-se o caso do “Biosfera” – um programa de ambiente, com uma escrita rigorosa, detalhada e um trabalho de fundo sobre um determinado problema ou questão ambiental. Mas comparemos o “Biosfera” com, por exemplo, a “Liga dos Últimos”. São ou foram ambos produzidos pela Farol de Ideias, mas apresentam conteúdos e, acima de tudo, formas de escrita completamente diferentes.

Isto significa que o jornalismo depende, naturalmente, do tipo de público e, até, do canal a que se destina. Todas as regras que sabemos serem básicas para a boa prática do jornalismo existem, é certo, mas nada é tão linear quando os conceitos e projetos são completamente diferentes. E um dos desafios de estagiar e trabalhar numa produtora como a Farol de Ideias é esse mesmo: adaptar-me constantemente a diferentes tipos de jornalismo (arrisco-me a dizê-lo), a diferentes públicos, a diferentes temas, a diferentes conteúdos e a diferentes formas de escrita.

3. Identificação de uma questão específica

3.1 “Biosfera”, jornalismo de ambiente e alterações climáticas

Durante os três meses de estágio curricular na Farol de Ideias, vários foram os projetos que fizeram parte do meu quotidiano. No entanto, tal como referido no ponto 2.2.3 do meu relatório, o “Biosfera” foi o grande projeto a nível jornalístico em que estive diretamente envolvida. Como tal, muitas das questões que serviram de reflexão têm, naturalmente, que ver com este programa de ambiente, que passa semanalmente na RTP2.

No ar desde fevereiro de 2005, o “Biosfera” é um magazine semanal de ambiente transmitido atualmente ao sábado na RTP2. Já passou pela RTPN (atual RTP3) e é dos poucos programas totalmente dedicados ao ambiente e emitidos em sinal aberto em Portugal.

O seu trabalho já foi por diversas vezes distinguido e são vários os prémios atribuídos ao programa e à equipa do “Biosfera”. Entre outros, destacam-se os seguintes: Prémio "Quercus 2007"; Prémio Nacional de Ambiente "Fernando Pereira" 2009/2010; Prémio FAPAS - Fundo Protecção Animais Selvagens 2013: Divulgação Ambiente; Prémio Melhor Doc. sobre Morcegos (II Jornadas Quiropterianas, Sintra, 2013); e Prémio Nacional da Mobilidade em Bicicleta 2015, como referido no *site* da empresa.

Arminda Deusdado, para além de assumir a coordenação geral e a direção da produtora Farol de Ideias, é coordenadora editorial do “Biosfera”. Fazem parte da equipa de redação Marília Moura, Joana Guedes Pinto, Hugo Manuel Correia, Sílvia Camarinha, Ricardo Caldas e Kathleen Araújo. Sérgio Morgado e Hélder Tavares são, neste momento, os operadores de câmara; Marco Miranda é, desde o primeiro episódio, o editor; Sofia Miranda é a responsável pelo grafismo e toda a conceção gráfica; Marta Coutinho é *copy-desk*; e a produção e logística estão à responsabilidade de Joana Guedes Pinto e Carlos Rodrigues. A locução/voz *off* é feita, desde o início, por Rute Marinho. Bernardino Guimarães foi o consultor editorial durante mais de 500 episódios.

Sendo dos poucos programas, em Portugal, totalmente dedicados a assuntos de ambiente e estando no ar há mais de 11 anos, a sua análise torna-se crucial para perceber a mediatização deste tipo de temas. Por isso mesmo, o “Biosfera” é uma referência no que diz respeito ao jornalismo de ambiente em Portugal.

Um dos assuntos mais mediatizados pelo “Biosfera” é o das alterações climáticas. Foi o grande tema do primeiro programa e tem sido constantemente referido, nas mais variadas abordagens, ao longo dos últimos 11 anos.

Assim sendo, as questões que procurarão ser respondidas na segunda parte deste relatório são as seguintes:

- **Quais as características de um programa de ambiente?**
- **Quais os critérios de noticiabilidade utilizados no jornalismo de ambiente?**
- **Que fontes falam sobre ambiente?**
- **Como evoluiu a mediatização das alterações climáticas em Portugal?**

Estas são apenas algumas perguntas base que servirão de ponte para o enquadramento teórico deste trabalho.

3.2 Enquadramento e fundamentação teórica

3.2.1 Jornalismo de ambiente: mediatização das alterações climáticas

As alterações climáticas são um tema complexo, desde sempre debatido pelos meios de comunicação social. Pelos mais diferentes ângulos, a cobertura mediática das questões ambientais, sobretudo das alterações climáticas, acaba por ser um fenómeno curioso de estudar. Até porque “as alterações climáticas são uma questão multi-dimensional e complexa que coloca vários desafios em termos jornalísticos” (Carvalho, Pereira & Cabecinhas, 2011, p. 145). E é precisamente por ser uma questão complexa, que engloba vários pontos de cobertura e abordagem, e por ser um desafio para os jornalistas, que é interessante perceber de que forma se fala das alterações climáticas.

Enquanto área de especialidade do jornalismo, o ambiente tem, também ele, algumas especificidades. Tem, desde logo, um público muito particular. Muito atento, normalmente, à atualidade ambiental. Ainda assim, pelo facto de se tratar de uma especialidade do jornalismo, funciona de forma semelhante. “Vários estudos têm demonstrado que os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas e outros profissionais dos media na selecção de

notícias sobre temas científicos e ambientais são os mesmos que noutras áreas (e.g. Mazur & Lee, 1993; Hansen, 1994)” (Carvalho, Pereira & Cabecinhas, 2011, p. 146 e 147). Carvalho, Pereira e Cabecinhas (2011, p. 147) referem que, segundo vários estudos, a “novidade”, a “controvérsia” e a “proximidade geográfica” são critérios relevantes para os meios de comunicação social, bem como a “relevância para o leitor” e o “interesse humano”.

A propósito dos critérios de noticiabilidade, importa, neste ponto, referir os que são enumerados por Galtung e Ruge – não só referentes ao jornalismo de ambiente, mas a toda a atividade jornalística (Harcup & O’Neill, 2001):

- **Frequência:** quando um acontecimento coincide com a atividade dos *media* tem maior probabilidade de ser mediatizado do que um que demore muito tempo a desenvolver;
- **Amplitude:** quanto maior a intensidade, maior a probabilidade de um acontecimento ser mediatizado.
- **Clareza:** quanto menos ambíguo um evento é, mais se torna apetecível para os *media*.
- **Significância:** preferência pelo que é culturalmente similar.
- **Consonância:** os eventos que o jornalista prevê ou que quer que aconteçam tendem a tornar-se notícia.
- **Previsibilidade:** os eventos raros ou inesperados têm maior probabilidade de serem selecionados para notícias.
- **Continuidade:** quando um evento ganha espaço na agenda mediática, continua a ser alvo de atenção noticiosa durante algum tempo, mesmo que a sua amplitude tenha reduzido, uma vez que se tornou um tema familiar.
- **Composição:** um determinado assunto/evento pode ser alvo de atenção mediática não só por causa do seu valor intrínseco mas como forma de dar equilíbrio e balancear um jornal/noticiário.
- **Referência a ‘nações elite’:** as ações destas nações são vistas como tendo mais conseqüências que as outras. As definições de ‘nações elite’ dependem de país para país.
- **Referência a ‘pessoas elite’:** ações das ‘pessoas elite’, normalmente famosas, podem ser vistas pelos jornalistas como mais influentes e com as quais os leitores se identificam.

- **Referência a pessoas:** *media* têm a tendência de mostrar o lado humano dos acontecimentos.

- **Referência a algo negativo:** notícias negativas podem ser vistas como consensuais e menos ambíguas e, sendo inesperadas, tendem a ocorrer durante um período de tempo mais pequeno que as notícias positivas.

Para além dos critérios acima identificados, Galtung e Ruge definem têm hipóteses sobre a seleção que os jornalistas fazem da informação e das notícias:

Segundo os autores, um evento terá mais probabilidade de ser mediatizado quanto maior for o número de critérios de noticiabilidade que cumpre (**seleção**); Os aspetos de 'noticiabilidade' – uma vez selecionada a informação - serão acentuados (**distorção**); O processo de seleção e o processo de distorção serão replicados em todos as fases da cadeia (**replicação**) (Harcup & O'Neill, 2001).

“A selecção de ângulos, a enfatização de determinados argumentos e a utilização de narrativas específicas são algumas das práticas comunicativas empregues para promover uma determinada agenda política, reprimir determinadas opções ou apontar alternativas de acção” (Carvalho, 2011a, p. 15). As estratégias comunicativas são uma constante no jornalismo. No caso do jornalismo de ambiente, é necessário adaptar o discurso ao tipo de público a que se destina. Da mesma forma, o perfil do jornalista que trata este tipo de assuntos acaba por determinar o resultado final e a forma como a mensagem chega ao recetor:

Vários investigadores têm indicado que a linguagem empregue para comunicar sobre ambiente (léxico, metáforas, formas retóricas, etc), bem como os sentidos que lhe são associados em diferentes arenas públicas, variam profundamente (e.g. Harré, Brockmeier & Mühlhäusler, 1999; Dryzek, 1997; Ereaut & Segnit, 2006). A pluralidade de definições explica-se pelo facto de que tanto a identificação de um problema ambiental como a formulação de respostas para o mesmo se prende com conhecimentos, valores, preferências e visões do mundo. Estes aspectos são particularmente prementes no caso das alterações climáticas dadas as questões envolvidas no problema e a diversidade de actores sociais que se pronuncia sobre ele. (Carvalho, 2011a, p. 15)

O tratamento da informação jornalística relativamente a assuntos ambientais depende, como já referido, de uma série de fatores que vai determinar o trabalho final. Os jornalistas e editores, apesar de serem naturalmente motivados, de alguma forma, pelos diferentes discursos dos actores sociais, produzem mensagens e conteúdos novos (Carvalho, Pereira & Cabecinhas, 2011). Apesar de não determinarem de forma rigorosa a forma como o público olha para os

problemas ambientais, os meios de comunicação fazem com que as pessoas pensem no tema e reflitam sobre ele (Schmidt, 2009).

Quando se fala de jornalismo de ambiente, fala-se de temas complexos e muitas vezes transversais a épocas. É o caso das alterações climáticas que não estão situadas num tempo-espaco específicos. Por essa razão, a sua abordagem acaba por, várias vezes, estar relacionada com determinado acontecimento que, depois, é transferido, associado e confrontado com o problema das alterações climáticas.

Smith (2005: 1477) refere-se ao caso das alterações climáticas nos seguintes termos: 'Editors have great difficulty placing climate change; an issue that not only spans these scales and categories but also is constituted by interactions between them.' Nestes casos, a investigação tem sugerido que o jornalismo ambiental se orienta tipicamente para a busca de 'eventos', ou seja ocorrências claramente identificáveis. (Carvalho, Pereira & Cabecinhas, 2011, p. 148)

Pelo facto de se tratar de um tema mais difuso no tempo, as alterações climáticas envolvem algumas dificuldades na transposição de mensagens e informações para a televisão. Há, à partida, como já referido, um acontecimento específico que faz com que as alterações climáticas sejam abordadas, mas os critérios de abordagem têm, constantemente, de se adaptar aos tempos. As consequências, bem como as causas deste problema ambiental, já foram bem exploradas pelos meios de comunicação e jornalistas de ambiente. Mas podem eles adaptar-se aos tempos e às novas exigências dos públicos, fazendo das alterações climáticas um assunto 'sempre com assunto'? De que forma é que os jornalistas de ambiente se adaptam, também eles, aos tempos e transpõem um tema sempre atual para a televisão, de forma constantemente inovadora?

Estudos sobre vários países apontam o final da década de 80 como um período determinante na história da mediatização das alterações climáticas e portanto, em grande medida, da sua existência como uma questão 'pública' (Mazur, 1998; Carvalho & Burgess, 2005). A partir de 1988, terá ocorrido um aumento significativo no volume de cobertura mediática, motivado por factores como um Verão anormalmente quente e seco nos EUA, as declarações prestadas por James Hansen ao Congresso norte-americano sobre a relação entre o efeito de estufa e as temperaturas então registadas, e alguns discursos de Margaret Thatcher sobre as alterações climáticas. Ao longo das duas décadas seguintes, os níveis de atenção dos media tiveram flutuações significativas. Vários autores sugerem que a cobertura das alterações climáticas é fortemente dependente de 'eventos' (e.g. Wilkins & Patterson, 1990). Por outras palavras, apesar do seu carácter contínuo, para as alterações climáticas se tornarem alvo do interesse dos media seria necessário que ocorressem reuniões políticas, encontros científicos ou outros acontecimentos. (Carvalho, Pereira, Rodrigues & Silveira, 2011, p. 106)

A mediatização das alterações climáticas nem sempre foi constante nem segue, ainda hoje, um caminho linear. Depende, naturalmente, dos critérios de noticiabilidade característicos no

jornalismo, de episódios concretos que fazem denotar uma situação com causas bem específicas.

3.2.1.1 Jornalismo de ambiente: um jornalismo cívico de causas?

Civic advocacy journalism is driven by the notion that the news media should be a tool of social change. Because the press contributes to both raising awareness among the public and setting policy priorities and agendas, civic actors aim to shape news coverage. They approach journalism as another mobilization strategy to affect the definition of “public problems” (Gusfield, 1981; Hilgartner & Bosk, 1988). Civic advocacy is the product of a growing consciousness among civic groups about the importance of the media in the construction of public problems, and the need to approach the press as a tactical ally. (Waisbord, 2009, p. 375)

O jornalismo, para além de ser um dos principais meios de informação, é uma ferramenta de divulgação para várias entidades e instituições. No caso do jornalismo de ambiente, esta ‘funcionalidade’ acaba por ser muito evidente. “From environmental to land rights movements, there is no shortage of organizations that have utilized advocacy journalism to promote their goals” (Waisbord, 2009, p. 375).

Segundo Alexandra Lázaro, Rosa Cabecinhas e Anabela Carvalho (Lázaro, Cabecinhas & Carvalho, 2011, p. 220), os *media* acabam por ser a principal fonte de informação no que diz respeito às alterações climáticas, tendo as “as práticas de uso das fontes de informação” influência no que concerne a algumas dimensões do envolvimento com o tema. Portanto, é através dos meios de comunicação que as pessoas se informam sobre o ambiente e, em particular, sobre as alterações climáticas. Acabam, por isso, por ser influenciadas por discursos mediáticos acerca de um tema. Ora, tendo em conta este ‘papel’ dos *media*, as organizações – ambientais, no caso – acabam por beneficiar e utilizar todo este trabalho dos meios de comunicação de forma a que seja propagada uma ideia e informações que, de outra forma, não chegariam a tanta gente. Segundo Silvio Waisbord (2009, p. 371), “through advocacy journalism, civic organizations aim to raise awareness, generate public debate, influence public opinion and key decision makers, and promote policy and programmatic changes around specific issues”.

Este “*civic advocacy journalism*” (Waisbord, 2009, p. 375) beneficiou, segundo Silvio Waisbord, com as recentes mudanças dos meios de comunicação. A expansão do cabo, a consolidação de secções especializadas (como o jornalismo de ambiente), o crescimento de publicações e

trabalhos para nichos de mercado e os inúmeros *sites* de notícias na Internet são algumas das mudanças que, atualmente, se traduzem numa série de oportunidades para os *media*: “In turn, the increase in the volume of news has opened new opportunities for civic advocacy” (Waisbord, 2009, p. 375).

Admitindo que o jornalismo de ambiente se assume como um jornalismo de nichos, e tendo também em conta o grande volume de notícias que constantemente chegam ao grande público, como falado por Waisbord, será ele influenciado pelos grupos ambientalistas?

3.2.2 Fontes de Informação

As fontes de informação são essenciais para os jornalistas. Dão informações sobre um determinado tema e sem elas o trabalho do jornalista seria muito difícil de realizar. Ainda assim, a escolha das fontes a quem recorrer no momento de escrever uma peça informativa nem sempre é linear e depende de uma série de fatores. Mas, antes de mais, o que são, afinal, fontes de informação?

As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua actividade a partir de estratégias e com tácticas bem determinadas. (Pinto, 2000, p. 278)

Percebe-se desde logo a importância que as fontes de informação assumem para os jornalistas. É o único trunfo que os profissionais da comunicação podem usar para conseguirem dados e informações sobre vários assuntos. Os jornalistas têm, aliás, assegurado o direito de recorrer às fontes. No estatuto do jornalista, artigo 6º, alínea b)², está garantida essa liberdade de acesso.

As fontes de informação podem assumir vários papéis. Se, por um lado, uma fonte pode ser alguém que assistiu a um acontecimento e que dá o seu testemunho sobre o mesmo, por outro, também pode ser um documento que contém informações concretas sobre um determinado assunto. Os dados que chegam aos meios de comunicação podem advir de um sem fim de fontes de informação. Cabe ao jornalista decidir o que é melhor para o trabalho que desenvolve.

² O Estatuto do Jornalista diz que os jornalistas têm “a liberdade de acesso às fontes de informação”. O documento pode ser consultado através da seguinte ligação: <http://www.erc.pt/documentos/lei199.pdf>

Como consideram Anabela Carvalho, Eulália Pereira e Rosa Cabecinhas (Carvalho, Pereira & Cabecinhas, 2011, p. 146), “o sentido associado à questão nos media depende, em grande medida, dos seus profissionais e, portanto, dos seus valores, formação e experiência. A relação do jornalista com determinados sujeitos e organizações que constitui em fontes é, também, um factor crucial para a sua análise do mundo”. Mas, neste processo de produção de notícias e conteúdos de informação, o jornalista não tem um papel totalmente livre e independente, “na medida em que realiza o seu trabalho dentro de organizações específicas que têm modos de funcionamento, lógicas e culturas próprias que marcam, de múltiplas formas, o exercício profissional” (Carvalho, Pereira & Cabecinhas, 2011, p. 146). O desenvolvimento de trabalho jornalístico depende, portanto, de uma série de fatores. Estes fatores, que podem ser externos ou internos, podem passar pelo tipo de assunto da peça, pelo tipo de organização em que estão inseridos ou, por exemplo, pelas fontes de informação que vão dando vida ao trabalho.

Quando se fala desta relação entre jornalistas e fontes de informação, é importante falar-se também da tipificação que muitos autores fazem das fontes, e que tem que ver com o papel e a abordagem que têm acerca do assunto a que se referem. Manuel Pinto (2000, p. 279) classifica as fontes “segundo a natureza” (pessoais ou documentais); “segundo a origem” (oficiais ou privadas); “segundo a duração”: (episódicas ou permanentes); “segundo o âmbito geográfico”: (locais, nacionais ou internacionais); “segundo o grau de envolvimento nos factos” (oculares/primárias ou indirectas/ secundárias); “segundo a atitude face ao jornalista” (ativas ou passivas); “segundo a identificação” (assumidas ou anónimas); “segundo a metodologia ou a estratégia de actuação” (preventivas ou defensivas).

Também Aldo Schmitz “estabelece uma demarcação e interrelação entre os tipos, grupos e classes de fontes” (Schmitz, 2011, p.7). O autor (2011, p.7) fala antes em...

- **Categoria** das fontes (no que diz respeito à relação e envolvimento com os factos/acometimento): fonte primária ou fonte secundária.
- **Grupo** (tem que ver com a notoriedade e papel de quem testemunha): Fonte oficial “refere-se a alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado”; Fonte empresarial “é quem representa uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio”; Fonte institucional “representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social” e procuram sensibilizar e mobilizar grupos sociais para causas de

defendem; Fonte individual “representa a si mesma” e não fala em nome de uma organização; Fonte testemunhal fala sobre o que viu e ouviu e é “participe ou observadora”; Fonte especializada é aquela que tem um saber específico e que é reconhecida como tal, estando, portanto, associada à profissão ou à área a que se dedica normalmente; Fonte de referência “aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta”.

- **Ação** (está relacionado com o interesse que a fonte tem em veicular a informação): Proativa, ativa, passiva e reativa.
- **Crédito**: Fonte identificada ou fonte sigilosa.
- **Qualificação**: confiável, fidedigna ou duvidosa.

A relação entre os vários tipos de fonte e os jornalistas é também variável de acordo com o estatuto de ambos. “If a source has a high level of power, reporters’ efforts to gather information can be thwarted. Conversely, high power reporters have the ability to gather more information from more sources (Reese, 1991)” (Berkowitz, 2009, p. 105). Segundo Berkowitz, “the interaction between these two parties represents a long-term, yet dynamic influence on society: the ability to shape ongoing meanings in a culture” (Berkowitz, 2009, p. 102).

Mas afinal, o que é que determina o poder? Segundo Berkowitz (2009, p. 105), do lado dos jornalistas, a questão deve ser vista tendo em conta não só as características do próprio jornalista, como as da empresa/órgão de comunicação de que faz parte. Três fatores aqui interessam: a experiência; o seu historial de escrita de reportagens com impacto; e o poder que tem dentro da empresa/órgão (não tendo, por exemplo, tanta pressão no que diz respeito ao *deadline*).

Na realidade, recorrer a fontes de informação é crucial para os jornalistas. Ao encararem o papel de distribuidores de informação, a única forma de conseguirem obter e transmitir mensagens é confiarem nas fontes de informação (Berkowitz, 2009, p. 112). Afinal, ao contactarem fontes de informação, os jornalistas procuram conteúdos inéditos, pretendem credibilizar e legitimar dados que recolheram, querem dissipar dúvidas ou confirmar informações recebidas através de outras fontes e lançar ideias e tópicos de debate (Pinto, 2000). Muitas vezes, os jornalistas procuram junto das fontes “o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos” (Pinto, 2000, p. 280).

No entanto, o interesse nesta relação não é unicamente dos jornalistas. Segundo Manuel Pinto (2000), as fontes de informação procuram, junto dos *media*, visibilidade e atenção e querem marcar a “agenda pública” e impor alguns temas de debate. As fontes procuram, de acordo com o autor, “a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços”, criar “uma imagem pública positiva” e neutralizar os “interesses de concorrentes ou adversários” (Pinto, 2000, p. 280).

A relação entre jornalistas e fontes não é mais do que uma relação negociada, onde os dois lados tomam partido. Segundo Berkowitz (2009, p. 103), “putting both parts of this equation together suggests that the interaction between reporters and their sources is a delicately negotiated relationship, with each party hoping to achieve their goals and maintain their organizational and societal status”.

Quando se fala em fontes de informação, um outro tópico importa debater: a profissionalização das fontes. Fundamentais no exercício do trabalho jornalístico, as fontes de informação têm-se transformado, sobretudo nas últimas décadas (Pinto, 2000), à medida que as exigências dos *media* foram também evoluindo. Fontes agora ‘profissionais’, “cujo papel consiste precisamente em posicionarem-se como fontes estrategicamente colocadas na órbita dos *media* e interessadas em serem desses mesmos *media* fontes privilegiadas” (Pinto, 2000, p. 282).

Portugal deparou-se com este fenómeno sobretudo a partir dos anos 70, “com multiplicação de instituições e serviços, na visibilidade de vários dos seus profissionais, no associativismo e nas publicações” (Pinto, 2000, p. 283).

A estas fontes interessa, sobretudo, “marcar a agenda dos *media*, jogar o seu jogo, tirar partido da sua lógica de funcionamento e, por essa via, atingir os objectivos que são, em primeiro lugar, os dos interesses que servem” (Pinto, 2000, p. 282).

Até porque, para as figuras de autoridade, interessa que a opinião pública se mantenha a seu favor, de modo a que mantenham essa posição de poder (Berkowitz, 2009). O mesmo acontece nas figuras de autoridade que foram, de alguma forma, eleitas para determinado cargo. O que os *media* dizem sobre os líderes de organizações acaba por definir o rumo da sua soberania (Berkowitz, 2009, p. 103).

Esta questão da profissionalização das fontes é cada vez mais notada no jornalismo. O que os jornalistas precisam é de fontes acessíveis, com uma linguagem clara para o público, e, por isso, recorrem muitas vezes às mesmas fontes. Aliás, segundo Berkowitz (1992, citado em Berkowitz 2009), grande parte das notícias surge de fontes experientes, que já conhecem as necessidades do jornalista e que, portanto, cedem informações regularmente. No entanto, segundo o autor, “much of what sources deliver overall tends to miss the mark and lose a place in the news (Berkowitz, 1992)” (Berkowitz, 2009, p. 104).

E é precisamente por causa da forte presença de determinadas fontes nos meios de comunicação que é necessário recorrer e procurar novos focos de informação:

Although they need to contact multiple sources for writing stories, their reconnaissance process needs boundaries. Sources are not always instantly available, so that scheduling of interviews becomes a task that demands time to accomplish and cuts into total working time until deadline. A basic collection of known sources helps make this task easier, but sometimes new sources must be found. (Berkowitz, 1987; Berkowitz & Adams, 1990; Brown, Bybee, Wearden, & Straughan, 1987; Gant & Dimmick, 2000; Roshco, 1975). (Berkowitz, 2009, p. 104)

Na realidade, como considera Berkowitz (2009), o trabalho de um jornalista requer muito trabalho de programação, sobretudo das fontes. Até porque têm de escolher as fontes que estão disponíveis, que darão a informação que procuram, e dentro do *deadline*. Mas, para além desta programação, o trabalho do jornalista é também interpretar a informação que recebe: “Once the scheduling of sources and their interviews has taken place, reporters can then shift to a new work mode, interpreting the information they have received, privileging some sources’ information over others, and crafting a news story that corresponds to the rules of the paradigm” (Berkowitz, 2009, p. 104).

No fundo, apesar de fundamentais, as informações que as fontes transmitem não definem, por si só, aquilo que chega ao público. O jornalista tem aqui um papel determinante, ao interpretar os conteúdos ‘em bruto’, ao organizar o próprio texto jornalístico e ao hierarquizar, por importância e pertinência, as fontes a que recorreu.

Também no jornalismo de ambiente, as fontes de informação assumem um papel preponderante na mensagem que é passada. Segundo Luísa Schmidt, no que diz respeito aos assuntos ambientais, existem, para além dos cientistas, três grupos de fontes predominantes a que os jornalistas recorrem: “leaders and experts from public administration, environmental associations, and activists, including charismatic personalities” (Schmidt, 2009, p. 170).

Segundo a autora (2009), os jornalistas e editores estão mais dependentes das fontes oficiais uma vez que garantem informação de forma regular.

3.2.3 Jornalismo televisivo

“The media, especially television, are one of the main sources of information about the environment in all European countries and are a primary source of environmental information” (Schmidt, 2009, p. 157).

O importante papel que a televisão tem na sociedade atual é inegável. “A televisão impõe uma relação permanente, de caráter emocional; revela-se uma espécie de companheiro, presente nas mais variadas situações; cria um ritual à volta do qual surgem nomes e emblemas variados” (Lopes, 2005, p. 81).

A televisão assume, para muitos, um papel relevante e, várias vezes, imprescindível. Se há quem dispense por completo a televisão em tempo real, vários são também aqueles que não vivem sem o rigor da programação de um determinado canal. “O pequeno ecrã torna-se uma espécie de amigo do público, acompanhando-o ao longo do dia, segundo os ritmos impostos pelo quotidiano” (Lopes, 2005, p. 83). Até porque, “é certo que a televisão, cada vez mais, acompanha a evolução da sociedade e não o inverso” (Sena, 2011, p. 163). Sendo, ainda hoje, um meio informativo de referência, a televisão teve um trajeto nem sempre constante até aos dias de hoje.

No início dos anos 90, diversos estudos assinalaram dois períodos para o audiovisual europeu: a paleo-TV, que corresponderia à era do monopólio televisivo, e a neo-TV, que estaria ligada à época da desregulamentação que abriu caminho aos canais privados. No início deste século, alguns investigadores apontaram novas características para o audiovisual que fazem pensar numa terceira fase, uma sugestão avançada por Eliseo Veron em 2001. Corresponderia esse novo período a um tempo em que a programação televisiva experimenta formatos que diluem realidade e ficção, baralhando ainda mais as fronteiras entre estes dois domínios que o espetáculo televisivo, inerente ao próprio medium, tem aproximado. (Lopes, 2007, p. 20)

Esta previsão, referida por Felisbela Lopes, que imaginava a televisão com mais conteúdos de *infotainment*, é um dos aspetos que têm sido, hoje, alvos de reflexão. “A televisão não produz conteúdos suficientemente diversificados que garantam a qualidade e um equilíbrio entre as três vertentes – informação, entretenimento e formação”. Esta é uma das conclusões apresentadas

por Nilza Mouzinho de Sena (2011, p. 165), num estudo que pretende caracterizar a oferta dos canais generalistas portugueses, entre 1990 e 2005.

O jornalismo assume, naturalmente, um papel importante para a televisão e para quem a segue. Ainda assim, a televisão e o jornalismo nem sempre estiveram de mãos dadas. Na realidade, “nos anos 50, a televisão estava pouco presente no campo jornalístico; quando se falava de jornalismo, mal se pensava na televisão” (Bourdieu, 1997, p. 59). A imprensa era a grande referência e o meio através do qual o jornalismo chegava às pessoas e a televisão era vista como um meio “dominado” pelos poderes políticos (Bourdieu, 1997). “Com os anos (...), a relação inverteu-se completamente e a televisão tende a tornar-se dominante económica e simbolicamente no campo jornalístico” (Bourdieu, 1997, p. 59).

Aliás, este domínio da televisão pode ser comprovado na imprensa. São cada vez mais habituais rubricas ou espaços dedicados à programação televisiva (Bourdieu, 1997), o que demonstra o espaço que a televisão conquistou na esfera pública.

Tendo em conta precisamente este domínio, Bourdieu (1997) considera que é a televisão que define a *agenda*. Mesmo que algum tema seja lançado, antes, pela imprensa, “ele só se torna determinante, central, quando retomado, orquestrado, pela televisão, e investido, ao mesmo tempo, de uma eficácia política” (Bourdieu, 1997, p.71).

A televisão está dependente das audiências (Bourdieu, 1997) e é por isso que a programação dos canais se torna um fator relevante de estudo. É um “fenómeno complexo” que depende do tipo de cultura, hábitos e costumes da sociedade para a qual é feita e dirigida (Sena, 2011, p. 40). Segundo Bustamante (2004, citado em Sena, 2011, p. 44), uma grelha de programação é muito mais do que a simples soma de todos os programas. É um produto final, onde os programas são “matérias-primas ou produtos semi-elaborados”.

A propósito desta visão ‘panorâmica’, é importante pensar na criação das grelhas de programação como uma ação estratégica. São várias as técnicas utilizadas pelos canais televisivos para captar audiências.

A valorização de certas franjas horárias, por exemplo, não pode ser encarada apenas como uma iniciativa unidireccional do programador, mas deve ser lida à luz das modificações das formas de vida (emprego e lazer). Acompanhando a disponibilidade que as pessoas têm para ver televisão, os programadores vão tentando otimizar essas audiências disponíveis (Lopes, 2005, p.83).

Segundo Eric Macé (2000, citado em Lopes, 2005, p. 84), “uma grelha de programação de um canal generalista que opere em sinal aberto deve ajustar-se sempre àquilo a que chama ‘o metabolismo sociotemporal dos indivíduos segundo a sua idade, sexo, actividade e local de residência’”. Esta definição das grelhas é pensada globalmente e, por isso, é feita por temporadas, sendo que é em setembro que se inicia a mais importante (Lopes, 2005).

Em Portugal, o entretenimento “representa mais de metade do ‘bolo’ geral de oferta televisiva” (Sena, 2007: 285)” (Sena, 2011, p. 113). Segundo Nilza Mouzinho de Sena (2011, p. 113), entre 1993 e 2005, a ficção dominou a área do entretenimento, representando 59,8% de volume de emissão. A “RTP apresentou sempre menos volume de emissões distractivas, embora a linha evolutiva revele uma tendência de crescimento deste género” (Sena, 2011, p. 113).

3.2.3.1 Programação semanal

Os programas de informação semanais são normalmente desprendidos da agenda da atualidade noticiosa e, para além de durarem, frequentemente, mais tempo do que os programas diários, requerem e dispõem de mais tempo de preparação (Lopes, 2007, p. 20).

Semanal e informativo, o “Biosfera” é um dos conteúdos que fazem, atualmente, parte da grelha de programação da RTP2, apesar de ter já passado pela então RTPN. Mas, afinal, qual é a importância que este tipo de conteúdos tem para as programações dos canais generalistas? Qual a importância que as audiências atribuem a este género de programas?

Os programas semanais de informação abrem espaço a que alguns temas negligenciados pela informação diária sejam debatidos e analisados. “Sendo palcos por excelência de representação da realidade, os programas de informação são simultaneamente uma oportunidade para um redimensionamento do objecto de debate” (Lopes, 2007, p. 50).

Muitas vezes temáticos, os programas de informação nem sempre tiveram caminhos lineares nas programações dos canais generalistas portugueses. Estes caminhos têm dependido, de certa maneira, da forma como os programas são recebidos pelo público:

Em 1993, a RTP é o canal de TV mais visto, seguido da SIC e da TVI. A informação semanal segue a tendência das respectivas estações, ultrapassando por vezes esses índices globais. Isso significa que os géneros informativos são valorizados pelas audiências e alvo de destaque por parte dos programadores (...). À entrada no século XXI, encontramos um diferente retrato nos

canais generalistas. Em 2001, as mudanças tornam-se mais visíveis naquilo que se tinha vindo a notar em 2000. (Lopes, 2007, p. 201)

Apesar de já terem tido um papel importante no quotidiano da sociedade portuguesa, os programas de informação não são, atualmente, os que mais cativam a audiência em Portugal. Os próprios canais generalistas portugueses têm vindo, também eles, a pôr de lado este tipo de programação (seja em forma de debate, entrevista ou grande reportagem) (Lopes, 2007). Aliás, segundo Felisbela Lopes (2007, p. 239) – que, no seu livro “A TV das Elites”, faz um estudo sobre a programação dos canais generalistas portugueses entre 1993 e 2005 –, “nos primeiros anos do século XXI, não é na informação semanal que os canais generalistas de televisão procuram capitalizar audiências”.

Para além desta diminuição, ao longo dos anos, do número de programas semanais de informação das grelhas dos canais generalistas portugueses, há um outro facto de demonstra a pouca importância atribuída a este tipo de conteúdos. Segundo Nilza Mouzinho de Sena (2011, p. 95), “os programas de pendor mais educacional, com conteúdos mais culturais ou eruditos, menos populares, ficam votados à marginalização horária, desaparecendo do *prime time* competitivo e figurando noutros segmentos de programação, quase sempre em horas mortas”.

De acordo com a autora, as televisões generalistas acabam por dar relevo a programas de distração, prevalecendo o entretenimento sobre este tipo de conteúdos educativos e culturais (Sena, 2011, p. 96).

Há, ainda assim, algumas ressalvas:

Sem prejuízo do facto de existir um domínio no entretenimento, também é digno de nota o facto de a RTP ter sensivelmente menos 15% de emissões distrativas do que os seus concorrentes privados, mesmo sabendo que, ao nível cultural, a expressão de programas é igualmente insignificante. (Sena, 2011, p. 96)

Felisbela Lopes acrescenta que “na RTP1 resistem alguns programas de informação semanal que têm uma periodicidade periclitante e uma audimetria débil. Em 2003, a RTP1 apresenta uma oferta mais estável no que respeita a informação semanal, embora haja menos programas” (Lopes, 2007, p. 201).

3.2.3.2 Serviço público de televisão

Falar em “Biosfera” significa falar de imediato na RTP. Primeiro transmitido na já extinta RTPN, depois na RTP2, o “Biosfera” está no ar há mais de uma década. É, portanto, um dos produtos que fazem parte da programação do serviço público de televisão. Por isso mesmo, torna-se essencial perceber o que é, afinal, este ‘serviço público’, de que forma é que o “Biosfera” se encaixa nos seus parâmetros e se a sua durabilidade em antena se prende com o facto de ser transmitido na RTP.

Voz de vários temas renegados pelos canais privados, o Serviço Público de Televisão deve seguir uma série de princípios clássicos: o da “continuidade” (que assegura a regularidade da emissão); o da “mutabilidade” (que garante uma adaptação constante à sociedade); o da “igualdade” (que impede qualquer género de discriminação e permite que o produto chegue a todos); o da “neutralidade” (não cedendo a interesses); e deve assegurar a “participação dos cidadãos no funcionamento dos serviços públicos” (Lopes, 2005, p. 86).

Joaquim Fidalgo fala no Serviço Público de Televisão (SPT), fazendo alusão aos princípios básicos que o regiam, nos seus primórdios.

De entre os princípios básicos que regiam esse SPT original, sobressaíam alguns que, pelo menos no plano teórico, sempre foram acompanhando o conceito: a universalidade (fazer chegar televisão a todos os cidadãos do país, e em igualdade de condições de acesso), a diversidade (uma programação variada, regida genericamente pela conhecida trilogia: informar, formar e entreter), o financiamento público (fosse através de uma taxa associada à posse de um aparelho de televisão, fosse mediante recurso ao orçamento de Estado) e a independência (tanto face aos diferentes governos como face a interesses particulares) - embora este último, sobretudo nos tempos de posse estatal em regime de monopólio, tenha sempre sido dos mais polémicos e mais desigualmente observados. (Fidalgo, 2005, p. 24)

Ora, estes princípios e valores são, ainda hoje, os que guiam o caminho do Serviço Público de Televisão (SPT), tendo em conta que são eles que o distinguem dos canais privados.

Nos últimos tempos, têm surgido questões sobre a legitimidade do SPT e o seu real papel de ‘serviço público’. Ainda assim, segundo o autor (Fidalgo, 2005), o conceito de Serviço Público de Televisão pode ter interpretações diferentes e ser entendido de formas bastante diversas. A isto acresce o facto de o SPT ter passado por várias transformações ao longo dos últimos anos.

Por um lado, cresce a sensação de que as mudanças tecnológicas tornaram um serviço público de televisão cada vez mais desnecessário; por outro lado, alastra a opinião de que esse serviço público, tal como ainda funciona, está a falhar, baixando audiências, ouvindo cada vez mais

críticas e nivelando a sua programação pelos canais comerciais (Collins, 2002). (Fidalgo, 2005, p. 25)

Esta crise do SPT é “definida por alguns autores (v. Yves Achille, citado por Raboy, 1996) como uma crise tripla: de financiamento, de funcionamento e de identidade” (Fidalgo, 2005, p. 26).

Afinal, o que deve ser o Serviço Público de Televisão? Segundo Joaquim Fidalgo (2005, p. 36), a programação do SPT deve ser “global, integrada, com uma linha condutora própria e objectivos bem definidos, quer em termos de projecto editorial (para a informação), quer em termos de formação e entretenimento”. Deve, acima de tudo, olhar para “encarar os receptores menos como clientes, consumidores, e mais como cidadãos”, não olhando, por isso, a audiências e sendo uma alternativa aos canais comerciais. Deve ser, antes de mais, um serviço-padrão, referência e modelo.

É neste contexto que surge a pertinência de analisar o “Biosfera”. O facto de não haver um outro programa com conteúdo semelhante em canal aberto em Portugal faz com que o “Biosfera” se assuma como um projeto vital para o serviço público de televisão. Ao mesmo tempo, acaba por ser dos poucos programas dedicados, na sua totalidade, a assuntos ambientais, alertando para temas globais com efeitos locais. “The media not only stimulate concern, but also encourage their audiences to increase their understanding and knowledge of these issues” (Schmidt, 2009, p. 162).

4. Metodologia

O “Biosfera”, transmitido semanalmente na RTP2, é um dos poucos programas de ambiente que têm espaço nas grelhas dos canais generalistas portugueses. Estando há 11 anos no ar, o “Biosfera” assume-se como uma referência no que diz respeito ao jornalismo de ambiente e, portanto, a sua análise torna-se pertinente para perceber de que forma é que evoluiu a mediatização das questões ambientais em Portugal.

Tendo em conta que é um programa do Serviço Público de Televisão, torna-se importante olhar para o “Biosfera” como uma referência no que ao jornalismo de ambiente diz respeito. Como tal, na segunda parte deste relatório de estágio realizado na Farol de Ideias, e como forma de perceber melhor o que caracteriza o jornalismo de ambiente que se faz hoje em dia no país, decidi fazer um estudo de caso. O “Biosfera” será o programa a estudar.

Para isso, vou utilizar vários métodos de recolha de informação. Decidi entrevistar pessoas envolvidas no programa e analisar o primeiro programa, emitido em fevereiro de 2005, comparando-o com o programa 502, emitido em fevereiro de 2016. Por questões de tempo, decidi analisar dois programas, procurando perceber a evolução entre um e outro e fazendo uma análise comparativa.

De forma a que os resultados sejam coerentes e passíveis de serem interpretados em termos comparativos, torna-se fundamental que os temas dos programas a analisar sejam semelhantes. Tendo em conta que o primeiro episódio foi sobre alterações climáticas, e para perceber a evolução da mediatização de ambiente em 11 anos, pareceu-me interessante analisar o programa 502 sobre o mesmo tema. Até porque o tema das alterações climáticas é dos temas mais explorados pelo “Biosfera”.

Assim sendo, a pergunta de partida a que pretendo dar resposta no final deste relatório de estágio é a seguinte:

Quais as principais características de um programa televisivo dedicado ao ambiente, em particular ao tema das alterações climáticas, e de que modo evoluíram essas características nos últimos 11 anos?

4.1 Análise de conteúdo

“Em investigação social, o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 195). De forma a levar dados e informações pertinentes para as entrevistas, é fulcral perceber alguns pontos comuns ou distintos dos programas analisados. Importa, nesta fase, recolher alguns elementos de reflexão para, depois, confrontar com o parecer dos entrevistados.

Assim sendo, como já dito acima, decidi analisar dois programas do “Biosfera”, com cerca de 11 anos de diferença. O programa escolhido para comparar com o primeiro episódio, transmitido em fevereiro de 2005, foi o 502º “Biosfera”, emitido também no mês de fevereiro, mas de 2016.

De forma a responder à questão de partida, optei por analisar detalhadamente os seguintes aspetos:

Forma

- Duração do programa
- Estratégias comunicativas: recurso a apresentadora; organização da informação (divisão por pontos/rubricas/questões temáticas)
- Grafismo / recursos visuais

Conteúdo

- Temas abordados dentro das alterações climáticas: Como explicar as alterações climáticas; Ângulos de abordagem; Tópicos debatidos dentro do tema
- Fontes:
 - Número de fontes
 - Relação com o tema (categorização)
 - Duração de cada uma
 - Número de vezes que aparecem
 - Sobre o que falam
- Foco do programa (motivo do programa) – critérios de noticiabilidade

- Marcas que possam indicar um 'jornalismo de causas'

Explicito, a seguir, a forma como serão analisados os vários pontos relacionados com o conteúdo dos programas.

Temas abordados dentro das alterações climáticas

São vários os pontos abordados quando se fala de alterações climáticas. Interessa-me aqui analisar os ângulos de abordagem, como se explica as alterações climáticas, e os pontos e tópicos abordados e destacados dentro da grande temática. Desde a explicação de conceitos chave ao aprofundamento de um tópico muito restrito. Afinal, como é que foi abordado o tema nos dois programas?

Fontes de informação

Para analisar as fontes utilizadas nos dois programas, vou utilizar a categorização feita por Aldo Schmitz, explicitadas no ponto 3.2.2 deste relatório de estágio. Vou, por isso, definir as fontes de informação de acordo com a sua **Categoria** (primária ou secundária); **Grupo** (oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal e especializada – neste caso, tendo em conta a dificuldade em perceber a existência de fontes de referência, esta análise fica excluída). Neste ponto, as fontes serão analisadas não só tendo em conta a informação que constará no oráculo, como o cargo e função, mas também o que dizem e sobre o que falam (nesta análise, vou sobretudo distinguir entre fontes especializadas / oficiais / institucionais VS individuais / testemunhais); e **Crédito** (Fonte identificada ou fonte sigilosa). Nesta análise não faz sentido definir as fontes quanto à Ação, porque é impossível, nesta análise de conteúdo, perceber se as fontes foram proativas, ativas, passivas ou reativas. Da mesma forma, torna-se também difícil e, neste caso, pouco pertinente, analisar as fontes quanto à sua Qualificação (se confiáveis, fidedignas ou duvidosas). Ainda assim, a Ação das fontes de informação será explorada nas entrevistas semi-diretivas.

Posto isto, para além desta descrição sobre as fontes de informação utilizadas, vou analisar também os seguintes pontos:

- O que diz

- Número de vezes que aparece
- Duração/ Tempo de antena total

Crítérios de noticiabilidade

Para perceber quais os critérios de noticiabilidade mais utilizados nos programas do “Biosfera”, irei utilizar os enumerados por Galtung e Ruge, mencionados no ponto 3.2.1 deste relatório de estágio. Assim sendo, os valores notícia referidos pelos dois autores que irei tentar encontrar nos dois programas são os seguintes: Amplitude (de acordo com a intensidade, quando se refere a um grande número de pessoas); Clareza (do tema); Significância (aproximação cultural); Previsibilidade (há a previsão de acontecimentos ou situações?); Referência a ‘nações elite’; Referência a ‘pessoas elite’; Referência a pessoas; Referência a algo negativo. De fora desta análise ficam os valores-notícia da Frequência, Consonância, Continuidade e Composição por serem, nesta análise, impossíveis de notar nos programas.

Marcas de um ‘jornalismo de causas’

Neste ponto, irei procurar, sobretudo, referências a um ‘jornalismo de causas’. O objetivo é perceber se há expressões que evidenciem a defesa de um determinado ponto de vista ou causa, e descodificá-lo como tal.

É claro que um dos objetivos principais desta análise é perceber de que forma é que evoluíram todos estes aspetos em 11 anos. Há características comuns que possam denotar um padrão no que ao “Biosfera” e ao jornalismo de ambiente diz respeito? Só dessa forma podemos perceber quais os aspetos que caracterizam o “Biosfera” e o jornalismo de ambiente, sobretudo quando se aborda o tema das alterações climáticas.

4.2 Entrevistas

Um dos métodos de recolha de informação que irei utilizar neste trabalho é a entrevista semidiretiva. “É semidiretiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma série

de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.192).

Este é um método muito utilizado nas Ciências Sociais, tendo em conta que permite que se recolham informações, interpretações e opiniões muito ricas junto de interlocutores diretamente relacionados com o tema que se pretende estudar. Permite um “grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.194) e permite que surjam “elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.195).

De forma a perceber como é que evoluiu a mediatização dos assuntos de ambiente, particularmente das alterações climáticas, ao longo de 11 anos, nada melhor do que percebê-lo junto daqueles que estão por trás do “Biosfera”.

Assim sendo, para perceber quais as características fundamentais de um programa de ambiente, de que forma é que ele se reinventou ao longo dos anos e as razões que fazem com que ele dure há tanto tempo no ar, optei por entrevistar Arminda Deusdado, Marília Moura, Joana Guedes Pinto e Filipe Duarte Santos.

Arminda Deusdado, diretora da Farol de Ideias e coordenadora editorial do “Biosfera”, sendo uma das criadoras da produtora e a grande responsável pelo programa, tem uma visão ampla sobre a evolução da mediatização de ambiente em Portugal. Interessa, acima de tudo, perceber a visão de uma jornalista que, mesmo antes de ter criado o “Biosfera”, trabalhava já em temas de ambiente. Entre outros aspetos, é pertinente perceber que preocupações existem quando se fala de ambiente, o jornalismo ‘de causas’ que pode representar, de que forma é que a própria audiência tem determinado os conteúdos que são produzidos e como é que é o ambiente é mediatizado em Portugal.

Marília Moura é uma das jornalistas que integram a equipa do “Biosfera”. Trabalha na Farol de Ideias há sete anos e, desde logo, se tornou numa das jornalistas responsáveis pelos conteúdos de ambiente. Foi a jornalista responsável pelo 502º “Biosfera”, sobre alterações climáticas, que faz parte desta análise. A perspetiva de Marília Moura torna-se fulcral, tendo em conta que está diretamente relacionada com os conteúdos que quero analisar. As características dos programas do “Biosfera”, nomeadamente as particularidades da mediatização de alterações climáticas, as

preocupações quando se aborda o tema, bem como a relação que se estabelece com as fontes, são alguns dos tópicos que me interessaram abordar.

Joana Guedes Pinto, para além de ser jornalista e de ter estado por de trás de vários dos programas, é, neste momento, a produtora do “Biosfera”. Como tal, a sua perspetiva sobre as fontes escolhidas no momento de se falar de ambiente e alterações climáticas, bem como a sua perceção sobre a evolução da mediatização deste tipo de assuntos, torna-se essencial.

E falar em fontes de informação do “Biosfera” implica falar de Filipe Duarte Santos. Físico, professor catedrático da Universidade de Lisboa e investigador na área das alterações climáticas, é das vozes mais requisitadas para falar sobre o tema e aparece nos dois programas analisados. Por essas razões, a sua perspetiva sobre a mediatização do ambiente em Portugal e as implicações e o papel do jornalismo nos telespectadores torna-se curiosa de analisar.

Arminda Deusdado, Marília Moura e Joana Guedes Pinto foram entrevistadas na redação da Farol de Ideias, em Vila Nova de Gaia, nos dias 10, 11 e 12 de agosto, respetivamente. A conversa com Filipe Duarte Santos foi feita por telefone, no dia 3 de outubro de 2016.

5. Resultados

5.1 Apresentação dos Resultados

5.1.1 “Biosfera” #001

Emitido em fevereiro de 2005, o primeiro “Biosfera” transmitido na televisão portuguesa debruçava-se sobre a temática das alterações climáticas. Por ser o primeiro programa, nota-se uma necessidade de se explicar os temas e subtópicos. Sumidouros de carbono e efeito de estufa foram os assuntos explicados no programa, que teve a duração de 24:06min.

Estratégias comunicativas

- Recurso a apresentadora, em estúdio
- Breve apresentação inicial dos conteúdos a aprofundar no programa
- Texto no ecrã: Informação de uma fonte foi acentuada e transposta para o ecrã
- Organização da informação por rubricas/peças:
 - Uma peça sobre efeito de estufa (alterações climáticas)
 - Uma peça sobre sumidouros de carbono
 - Bilhete de Identidade: uma peça, só com um entrevistado e sem voz *off*, sobre a Ribeira da Granja
 - Uma peça sobre Lixo e resíduos perigosos
 - Uma peça sobre atitudes biológicas e ‘amigas do ambiente’ dos portugueses (com uma voz *off* diferente)
 - Uma peça sobre as notícias bioativas que circulam na blogosfera
 - Agenda (unicamente em forma de texto no ecrã, no momento da despedida da apresentadora)

Peças/Momentos do programa	Tempo	Descrição
Genérico	0:00-00:31	—

Apresentadora (em estúdio)	00:31-2:04	Apresentação do programa e dos temas a debater; apresentação da peça sobre alterações climáticas.
Peça (exterior)	02:04-7:51	Efeito de estufa; alterações climáticas.
Apresentadora (em estúdio)	7:51-8:04	Apresentação da peça seguinte: sumidouro de carbono.
Peça (exterior)	8:04-11:22	Sumidouros de carbono.
Apresentadora (em estúdio)	11:22-11:32	Apresentação do tema seguinte: Ribeira da Granja.
Bilhete de Identidade (exterior)	11:32-12:37	Características da Ribeira da Granja (uma única fonte, que fala sobre o tema; sem voz <i>off</i>).
Apresentadora (em estúdio)	12:37-12:53	Apresentação do tema seguinte.
Peça (exterior)	12:53-16:14	Lixo e resíduos perigosos; coíncineração: vantagens e desvantagens.
Apresentadora (em estúdio)	16:14-16:26	Apresentação do tema seguinte: atitudes biopositivas dos portugueses.
Peça (exterior)	16:26- 22:29	Atitudes biológicas dos portugueses; hortas biológicas.
Apresentadora em estúdio	22:29-22:40	Apresentação do tema seguinte: blogosfera sobre ambiente.
Peça (imagens na internet)	22:40-23:08	Notícias sobre ambiente na blogosfera.
Apresentadora	23:08-23:30	Despedida; Agenda (em texto na imagem – eventos futuros na área do ambiente).
Genérico final	23:30-24:06	—

Tabela 1: Estrutura do programa - "Biosfera" #001

Temas abordados dentro das alterações climáticas

- Gases efeito de estufa
- Sumidouros de carbono
- Consequências das alterações climáticas: Temperatura, Subida do nível médio do mar e erosão; Efeito nas espécies marinhas

Fontes de informação

Fonte (nome e apresentação em oráculo ou em <i>off</i>)	Categoria	Grupo	Crédito	Sobre o que fala	Nº vezes que aparece	Duração e tempo de antena
1. Filipe Duarte Santos (prof. Universitário)	Secundária	Especializada	Identificada	Fontes de energia; Dificuldade em inverter dependência dos combustíveis fósseis; Necessidade de adaptação a um clima diferente; Portugal como país vulnerável às AC; Necessidade de reduzir emissões; Diminuição precipitação; Ondas de calor;	IIII	1ª peça: 2:20-2:59 3:10-3:23 3:35-4:17 4:29-5:08 Total: 2:13

				Doenças transmitidas por vetores.		
2. Paulo Santos (Biólogo Marinho)	Secundária	Especializada	Identificada	Dióxido de carbono libertado, que acaba na matéria orgânica do oceano; Oceano como sistema de captação do dióxido de carbono; Aumento da temperatura para as espécies (consequências); Erosão costeira.	III	1ª peça: 5:20-6:25 6:32-7:00 7:10-7:43 Total: 2:06
3. Luís Macedo (Dir. Parque Nacional Peneda-Gerês)	Primária	Oficial	Identificada	Obrigações do Protocolo de Quioto; Projeto Parque Nacional Peneda-Gerês e exploração florestal; Sumidouro Carbono; Ações para Futuro.	III	2ª peça: 8:31-9:16 9:36-10:12 10:24-11:03 Total: 2:00
4. Nuno Quental (Eng. do Ambiente)	Secundária	Especializada	Identificada	Características da Ribeira da Granja.	I	Bilhete de Identidade (peça

						narrada unicamente pela fonte) 11:35-12:35 Total:1:00
5. Rui Berkermeier (Quercus)	Secundária	Institucional	Identificada	Vários tipos de resíduos; Reutilização de resíduos; Regeneração; Coincineração.	III	Peça sobre resíduos: 13:07-13:45 13:55-14:09 14:15-14:36 Total:1:13
6. José Cavalheiro (Prof.Universitário, membro da comissão científica que avaliou a co- incineração em Portugal)	Primária	Especializada	Identificada	Coincineração; Sistema de queima vs enterro do lixo.	II	Peça sobre resíduos: 14:43-15:19 15:29-16:04 Total: 1:11
7. Maria Alice (apresentada em <i>off</i> como funcionária dos CTT)	Primária	Individual / Testemunhal	Identificada	Hortas bio; Tomates que plantou.	I	Peça sobre hortas biológicas: 16:26-16:43 Total: 0:17
8. Benedita Chaves (Lipor)	Primária	Empresarial	Identificada	Horta da Formiga; Produção e tratamento de resíduos; Agricultura biológica;	II	Peça sobre hortas biológicas: 17:03-17:36 17:59-18:25 Total: 0:59

				Projeto das Hortas.		
9. Rui Sá (Vereador Ambiente Porto)	Primária	Oficial	Identificada	Objetivo das Hortas.	I	Peça sobre Hortas biológicas 18:51-19:53 Total: 1:02
10. Maria do Céu ("uma das coordenadoras do projeto"; Acção Local XXI-CMP)	Primária	Oficial	Identificada	Pessoas envolvidas no projeto.	I	Peça sobre Hortas biológicas: 20:14-20:25 Total: 0:11
11. Isolino Silva (Reformado)	Primária	Individual / Testemunhal	Identificada	O seu "quintal" e a experiência de ter uma horta biológica.	I	Peça sobre Hortas biológicas: 20:25-20:50 Total:0:25
12. Urbano Pimpão (Prof. Educação Física)	Primária	Individual / Testemunhal	Identificada	Por que decidiu candidatar-se. Experiência de ter uma horta.	I	Peça sobre Hortas biológicas: 21:05-21:33 Total: 0:28
13. Maria Alice (reformada)	Primária	Individual / Testemunhal	Identificada	Variedade da sua horta.	I	Peça sobre Hortas biológicas: 22:29-22:19 Total: 0:10

Tabela 2: Fontes de informação - "Biosfera" #001

Numa rápida síntese aos aspetos marcantes desta análise, pode dizer-se que todas as fontes de informação utilizadas no primeiro "Biosfera" são identificadas. Há uma predominância das

fontes especializadas, oficiais, empresariais e institucionais sobre as individuais ou testemunhais. Merece também destaque o facto de grande parte das fontes serem primárias, no que diz respeito ao grau de envolvimento com os factos.

Crítérios de noticiabilidade

- Previsibilidade (Previsões sobre acontecimentos: Projeto no Parque Peneda-Gerês com uma previsão de 20 anos)
- Referência a pessoas (peça sobre hortas biológicas)
- Referência a algo negativo (“Estamos a alterar o clima terrestre de forma muito perigosa”)
- Significância (Todo o programa é sobre as consequência em território nacional – projetos nacionais)
- Amplitude (“Fundamental é não deixar as populações fora deste movimento”)

Marcas de um ‘jornalismo de causas’ (por voz *off* ou apresentadora)

- “A “Biosfera” apresenta-lhe a informação necessária para que esteja em equilíbrio com a “Biosfera””;
- “Estamos a alterar o clima terrestre de forma muito perigosa”;
- “Portugal tem tido um mau comportamento”;
- “Consequências dramáticas”;
- “Fundamental é não deixar as populações fora deste movimento”;
- “A “Biosfera” detesta lixo”;
- “Não podemos e não ficamos indiferentes ao destino de tantos produtos tóxicos”;
- “Como vê, está nas suas mãos melhorar a sua qualidade de vida e ser biopositivo”;
- “A “Biosfera” tem uma prima ecológica e repleta de informação: a blogosfera”;
- “Apetece respirar fundo e pensar que o futuro vai ser melhor. Mas agora mova-se, sintase em equilíbrio com o ar, com a natureza e consigo próprio. Mude este grande mundo através de pequenos gestos. Seja Biopositivo”.

5.1.2 “Biosfera” #502

O 502º programa do “Biosfera” foi transmitido a 13 de fevereiro de 2016 e teve a duração de 26:16 minutos. À volta da questão das alterações climáticas, este programa mostrou possíveis soluções, abordando, de forma constante, a necessidade de adaptação a um clima em mudança.

Estratégias comunicativas

- Sem recurso a apresentadora; Sem conversas de estúdio; Peças de ‘exteriores’
- Uso de grafismo: desenhos que ilustram o que um entrevistado/fonte de informação está a dizer no momento (a propósito de estratégias de adaptação costeira)
- Há uma só peça, com um só tema aprofundado, organizada e dividida por pontos/questões:
 - Introdução do tema
 - “Alterações climáticas”: que oportunidades e desafios em Portugal?”
 - ClimAdapt.Local
 - “As cidades portuguesas estão preparadas para enfrentar as vulnerabilidades futuras?”
 - Braga, Viana do Castelo, Almada
 - Ação Local, a resposta climática global (conclusão)

Peças/Momentos do programa	Tempo	Descrição
Genérico	0:00-0:22	—
Peça (exterior)	0:22-2:49	Erosão; Cheias.
Questão (em texto no ecrã): “Alterações climáticas”: que oportunidades e desafios em Portugal?”	2:49-2:55	—
Continuação da peça (em exterior)	2:55-9:31	Apresentação do ClimAdapt; Consequências das alterações climáticas.

Questão (em texto no ecrã): “As cidades portuguesas estão preparadas para enfrentar as vulnerabilidades futuras?”	9:31-9:36	—
Continuação da peça (em exterior)	9:36-24:28	Adaptação local; Consequências locais das alterações climáticas; Estratégias de adaptação costeira.
Questão (em texto no ecrã): “Ação Local, a resposta climática global”	24:38-24:44	—
Continuação da peça (só com voz <i>off</i> e imagens de exteriores)	24:44-25:34	Síntese do tema em jeito de conclusão; Voz <i>off</i> termina com: “Conseguirá o compromisso político local ditar as regras do futuro?”
Genérico final	25:34-26:16	—

Tabela 3: Estrutura do programa - "Biosfera" #502

Temas abordados dentro das alterações climáticas

- Adaptação às alterações climáticas
- Consequências das alterações climáticas: Erosão; Cheias; Desordenamento do território; Precipitação; Ondas de calor; Incêndios.

Fontes de informação

Fonte (nome e apresentação em oráculo ou em <i>off</i>)	Categoria	Grupo	Crédito	Sobre o que fala	Nº vezes que aparece	Duração e tempo de antena
1. Maria	Secundária	Especializada	Identificada	Plano Diretor	III	0:39-0:55

Elizabeth de Matos (Planeamento regional e urbano)				Municipal e exigências em Viana do Castelo; Área de grande sensibilidade ambiental (praia junto à foz do rio Neiva); Recuo de cerca de 7, 8, 10 metros; Área de alto risco; Subida do nível do mar.		15:02-15:40 17:04-17:20 Total: 1:10
2. Catarina Freitas (Departamento DECAM, CM Almada)	Primária	Oficial	Identificada	Lei dos Solos; MultiAdapt; Projetos que integram; Recuperar a continuidade ecológica; Previsões para futuro; Ilha de calor; Estimativas.	IIII	1:10-1:48 19:13-20:11 20:22-21:07 21:29-22:23 22:37-24:38 Total: 5:16
3. Filipe Duarte Santos (coordenador geral "ClimAdapt. Local")	Primária	Especializada	Identificada	Cheias tenderão a ser mais frequentes e gravosas; necessidade de adaptação; diminuição da	IIII	2:05-2:20 4:14-5:11 15:55-17:04 17:20-18:15 Total: 3:16

				precipitação nos últimos 50 anos; Nível médio do mar; Calor vai aumentar; Aumento do risco de inundação.		
4. Gil Penha-Lopes (Coordenador executivo "ClimAdapt.Local")	Primária	Especializada	Identificada	Adaptação às alterações climáticas; Em Portugal, as consequências vão variar de região para região; Adaptação local, interligação entre municípios.	II	3:17-4:14 5:34-5:52 Total: 1:15
5. Maria Fabiola Oliveira (Engenharia Florestal CM Viana do Castelo)	Secundária	Especializada	Identificada	Gestão de floresta em Viana do Castelo; Previsão de temperaturas; Incêndios; Faixa da rede primária (limpeza de vegetação).	II	6:22-7:00 7:23-8:20 Total: 1:35
6. José Mário Costa	Primária	Oficial	Identificada	Manchas florestais; Papel	I	8:21-9:02 Total: 0:41

(Presidente, CM Viana do Castelo)				da CM na minimização da plantação de algum tipo de espécies,		
7. Altino Bessa (Vereador do Ambiente)	Primária	Oficial	Identificada	Derrocadas em Braga; Sarjetas com resíduos; Previsões; Anos de más políticas; Desassoreamento do leito do rio; Minimização dos efeitos das cheias; Candidatura a quadros comunitários para requalificação das margens.	III	9:39-10:04 11:54-12:30 13:11-14:00 Total: 1:59
8. Carlos Ferreira (Técnico, CM Braga)	Primária	Oficial	Identificada	Visita e monitorização do nível da água nos túneis; Sistema de alerta de risco de inundações; Tanque, alerta de cheia.	II	10:29-10:59 11:13-11:31 Total: 0:48
9. Patrícia Freitas (Técnica,	Primária	Oficial	Identificada	Hortas S. João; Hortas	I	18:20-18:41 Total: 0:21

CM Almada)				municipais de Almada.		
------------	--	--	--	--------------------------	--	--

Tabela 4: Fontes de Informação - "Biosfera" #502

No programa nº502 do “Biosfera”, todas as fontes de informação são identificadas. As fontes ou são oficiais ou são especializadas, não havendo nenhum registo de fontes individuais ou testemunhais. A esmagadora maioria das fontes são primárias, o que indica que estão, de algum modo, relacionadas com o tema que abordam.

Crítérios de noticiabilidade

- Amplitude (“Em 2050, seremos mais de 9 mil milhões de habitantes (...)”)
- Previsibilidade (Cenários e constantes previsões para os próximos anos)
- Significância (Braga, Viana do Castelo e Almada)
- Referência a algo negativo (Por exemplo, erosão e subida do nível do mar)

Marcas de um ‘jornalismo de causas’ (genérico e voz *off*)

- No genérico inicial: “Observar, examinar, ponderar, **agir**, investigar, analisar, evoluir, transformar, ponderar, confrontar, informar, decidir”;
- Na despedida: “Até lá, seja Bioativo”.

5.2 Análise comparativa dos Resultados

São 11 anos que separam o primeiro “Biosfera” do programa nº 502. Neste caso, interessa perceber quais os aspetos que os caracterizam, ao mesmo tempo que os distinguem ou assemelham. De acordo com as características descritas acima, importa agora colocá-las frente a frente, de modo a perceber o que, na realidade, caracteriza o “Biosfera” e de que forma foi evoluindo esta mediatização do ambiente e, em particular, das alterações climáticas ao longo dos anos.

Estratégias comunicativas

	“Biosfera” #001	“Biosfera” #502
Duração	24:06min	26:16min
Ângulos de abordagem das alterações climáticas	- Gases efeito de estufa - Sumidouros de carbono - Consequências das AC	- Adaptação às alterações climáticas - Consequências das AC
Apresentadora	Sim	Não
Rubricas / Peças	6 (2 sobre tema principal; 1 BI; 1 sobre resíduos; 1 sobre atitudes Bio; 1 sobre blogosfera).	1 (organização do tema numa só peça, subdividida em pontos/questões).
Grafismo (estratégia comunicativa)	Uso de texto para acentuar uma ideia	Uso de desenho/grafismo para explicar uma ideia

Tabela 5: Comparação das estratégias comunicativas

A duração semelhante dos dois programas acaba por permitir que se faça uma análise mais justa às características de cada um, nomeadamente no que diz respeito ao número de fontes e à forma como a informação é transmitida e organizada. Nota-se, desde logo, uma diferença na forma do programa. No primeiro “Biosfera”, há uma apresentadora, a jornalista Maria Grego, que guia a história e que vai apresentando os temas, à medida que faz uma introdução aos

tópicos que serão aprofundados de seguida. Na realidade, a jornalista Maria Grego manteve-se no programa até setembro de 2014, altura a partir do qual o “Biosfera” deixou de contar com apresentadora. A não existência de apresentadora denota, por isso, uma mudança de estratégia na comunicação e transmissão dos conteúdos.

Uma outra diferença que, apesar de ser condicionada naturalmente pela evolução do programa, merece ser destacada é o genérico de cada programa. O “Biosfera” já teve três genéricos diferentes, pelo que estamos perante os genéricos mais antigo e mais recente, respetivamente.



Imagem 1: “Biosfera” #001: Genérico



Imagem 2: “Biosfera” #502: Genérico

O mais recente programa acaba por dedicar todo o tempo ao mesmo tema: alterações climáticas. E, aqui, difere também a abordagem que os dois programas assumem ao falarem de alterações climáticas. De forma muito sucinta, e porque não é de todo conclusivo o que apenas dois programas dizem sobre as alterações climáticas, é curioso perceber que, há 11 anos, se explicava alguns conceitos importantes dentro do tema, como sumidouros de carbono ou gases de efeito de estufa, e que o programa mais recente se debruça sobre a adaptação às alterações climáticas. Em 11 anos, passou-se como que da explicação do tema ao assumir de que já faz parte da vida quotidiana. Ainda assim, os dois programas acabam por destacar algumas das consequências deste fenómeno global.

Também a organização da informação acaba por ser bastante diferente. Basta olhar para as rubricas de cada programa. Em 2005, o “Biosfera” era mais diversificado, na medida em que,

num programa, se debatiam vários conteúdos. Em sentido contrário, o “Biosfera” de 2016 debruça-se, de forma mais exaustiva, sobre um único conteúdo. As matérias acabam, assim, por ser mais aprofundadas e há espaço para orientar o tema para vários subpontos.

Ainda assim, os dois programas têm um ponto em comum: recorrem à imagem (em grafismo ou texto) para acentuar uma ideia. É claro que diferem no tipo de recurso visual, até porque são programas feitos em alturas muito distintas. O primeiro programa utiliza texto para reforçar uma ideia de um entrevistado. Pelo mesmo motivo, para acentuar as soluções apresentadas por Filipe Duarte Santos, são mostrados desenhos e imagens do que o entrevistado diz no momento.

Fontes de informação

		“Biosfera” #001		“Biosfera” #502	
Núm. total fontes		13		9	
Categoria (número de fontes)	Primária	9		7	
	Secundária	4		2	
Grupo (número de fontes e tempo de antena - em minutos)	Oficial	3	3:13	5	9:05
	Empresarial	1	0:59	0	0
	Institucional	1	1:13	0	0
	Individual/ Testemunhal	4	1:20	0	0
	Especializada	4	6:29	4	7:16
Crédito (número de fontes)	Identificada	13		9	
	Sigilosa	0		0	

Tabela 6: Tipo de fontes de informação utilizadas - comparação

	“Biosfera” #001	“Biosfera” #502
Tempo total utilizado pelas fontes	13:15min (795seg)	16:21min (981seg)
Tempo de antena médio por	1:01min (61seg)	1:49min (109seg)

fonte		
Média de vezes em que cada fonte aparece (total de vezes que as fontes apareceram)	1,85 (24vezes)	2,56 (23vezes)

Tabela 7: Tempo de utilização das fontes de informação - comparação

A análise das fontes de informação escolhidas pelos jornalistas e produtores do “Biosfera” para estes dois programas pode dar muitas indicações daquilo que é o programa e daquilo que se pretende passar para o público.

Nota-se, desde logo, uma diferença: o número de fontes utilizadas em cada programa. No primeiro “Biosfera” há mais fontes, mesmo sendo o programa mais pequeno e tendo apresentadora a conduzi-lo. Isto significa que cada fonte fala, de forma geral, durante menos tempo. No total, as fontes falam durante 13:15min. No segundo programa, as fontes ocupam uma fatia maior: falam durante 16:21min, o que significa que todo o resto do tempo é ocupado com voz *off*.

O facto de o primeiro “Biosfera” ter temas mais diversos faz com que as fontes a que os jornalistas e produtores recorreram sejam, também elas, mais diversas. Como falado acima, a informação do programa mais recente acaba por ser mais pormenorizada e, portanto, acaba por se dar mais atenção a cada fonte de informação. O tema é sempre o mesmo e não necessita que haja muitas fontes de informação por programa. Aliás, esta diferença de estratégias dos dois programas é notada através do tempo médio dedicado a cada fonte, bem como através do número médio de vezes em que cada entrevistado intervém. No “Biosfera” 1, cada fonte falou, em média, 1:01min, enquanto no 502º programa, cada fonte falou, em média, durante 1:49min.

Apesar de todas estas diferenças, nota-se, desde logo, um padrão: há poucas fontes individuais e/ou testemunhais nos dois programas. No primeiro “Biosfera”, todas as fontes individuais entram na peça sobre hortas biológicas não estando, por isso, diretamente integradas no tema das alterações climáticas.

Mesmo quando falam, as fontes individuais acabam por ter pouco tempo de antena. Veja-se, por exemplo, o caso do primeiro “Biosfera” em que as fontes individuais ou testemunhais acabam por aparecer, normalmente, só uma vez e durante muito pouco tempo. Uma fonte institucional acabou por ter mais tempo de antena do que as quatro fontes individuais/testemunhais utilizadas.

No “Biosfera” 502, a situação mantém-se. Neste caso, não há nenhuma fonte de informação individual ou testemunhal, pelo que todos os entrevistados falam ou como especialistas ou como oficiais. Neste programa, ao falar da adaptação às alterações climáticas a nível local, nos municípios, foram várias as vozes de carácter oficial.

As fontes individuais e testemunhais, como já referido, pertencem à peça das hortas biológicas. A fonte institucional corresponde a um elemento da Quercus, uma organização não-governamental de ambiente.

Aqui, importa sobretudo diferenciar as fontes individuais ou testemunhais das oficiais, especialistas, empresariais ou institucionais. Até porque muitas vezes fica ténue a fronteira entre o papel de especialistas, fontes oficiais, institucionais e empresariais. Podendo estar ligadas a determinada organização ou instituição, as fontes podem assumir-se, mesmo assim, como especialistas, dando o seu parecer sobre um tema. E no caso das alterações climáticas, esta situação é muito notada. Até porque, apesar de várias vezes o cargo estar identificado, as fontes falam da questão das alterações climáticas enquanto especialistas, dando um parecer sobre o tema. Esta situação é muito notada sobretudo no que diz respeito às fontes institucionais que, no caso do tema em questão, podem coincidir com as especializadas. E o mesmo pode acontecer com as fontes individuais e testemunhais. Um cidadão que fale por si próprio e da sua experiência pode assumir-se como individual e testemunhal.

Assim sendo, depois de analisados os programas, nota-se uma preferência pelas fontes ‘especialistas’, que procuram explicar e enquadrar o tema, falando sempre dos efeitos abrangentes do problema.

Um aspeto muito curioso tem que ver com o facto de os jornalistas dos dois programas recorrerem a uma mesma fonte de informação para falar das alterações climáticas: Filipe Duarte Santos, físico e investigador da área das alterações climáticas.

Aliás, no primeiro “Biosfera”, Filipe Duarte Santos acaba por ser a fonte que fala durante mais tempo e por mais vezes (2:13min em quatro intervenções). No programa mais recente, o investigador teve 3:16min de tempo de antena.

Isto pode indicar várias coisas: ou que há poucas pessoas em Portugal a falar e a estudar as alterações climáticas; ou que há, da parte do “Biosfera”, uma lista de contactos preferenciais a que se recorre no momento de abordar a temática. Na realidade, todas as outras fontes diferem, até porque os temas acabam por ser muito específicos e os entrevistados assumem-se como parte integrante da questão. Veja-se, por exemplo, o número de fontes primárias notadas nos programas. Isto indica que, de uma forma ou de outra, as fontes de informação estão diretamente relacionadas com aquilo de que estão a falar, que não precisa de ser diretamente sobre o problema das alterações climáticas. No caso deste último programa, o grande número de fontes primárias deve-se ao facto de serem pessoas diretamente relacionadas com as adaptações de que se fala nesse “Biosfera”. Nos municípios, várias são as vozes oficiais que acabam por estar relacionadas com os eventos e com atividades que se desenvolveram. Este é um aspeto curioso. Sobretudo, porque dá conta que, para se falar das alterações climáticas, não é necessário que se recorra sempre a fontes secundárias, que acabam por dar o ponto de vista teórico do problema. Pode recorrer-se a casos muito específicos (como este do ClimAdapt) para dar outros ângulos de abordagem para as alterações climáticas. Olhando para o caso do Filipe Duarte Santos, podemos perceber que no primeiro programa o investigador era uma fonte secundária, na medida em que assumia um papel de especialista que falava sobre os efeitos e consequências das alterações climáticas. No segundo programa, assumindo na mesma o papel de especialista que fala sobre os efeitos e consequências da questão, Filipe Duarte Santos, estando ligado ao ClimAdapt, acaba por ser uma fonte primária, na medida em que é apresentado também como parte envolvida neste projeto.

Há um outro aspeto que distingue estes dois programas, para além do número de fontes e do tempo de antena dado aos entrevistados. No primeiro programa as fontes intervinham isoladamente. Isto é, uma fonte falava e, quando surgia uma outra fonte, normalmente, aquela não voltava a aparecer. Os temas estavam mais ‘engavetados’ e organizados de forma sequencial. No último programa, e até tendo em conta a estratégia de dedicar 25 minutos a um mesmo tema, as fontes de informação vão alternando, de acordo com os tópicos abordados.

As fontes de informação dos dois programas são todas identificadas, não havendo nenhuma informação de fonte anónima ou sigilosa.

Crítérios de noticiabilidade

	“Biosfera” #001	“Biosfera” #502
Amplitude	X	X
Clareza		
Significância	X	X
Previsibilidade	X	X
Referência a ‘nações elite’		
Referência a ‘pessoas elite’		
Referência a pessoas	X	
Referência a algo negativo	X	X

Tabela 8: Comparação dos critérios de noticiabilidade

Amplitude, Significância, Previsibilidade e Referência a algo negativo são os valores-notícia notados em ambos os programas analisados. Ainda assim, no primeiro programa, com a peça sobre as hortas biológicas em que se recorreu a cidadãos e fontes individuais/testemunhais, nota-se que o critério de Referência a pessoas foi também utilizado. No entanto, como já visto em cima, as fontes individuais/testemunhais – os comuns cidadãos – parecem não ser chamadas a falar sobre alterações climáticas.

Aliás, o facto de se utilizar especialistas para falar sobre o tema faz notar esta procura pela Amplitude e Previsibilidade. São os especialistas que têm a capacidade de explicar a questão, enquanto problema que afeta todos. Naturalmente que, falando quase sempre das consequências das alterações climáticas, os programas acabam por fazer referências ao lado negativo da questão.

A preferência por conteúdos e exemplos portugueses dá conta da ligação do “Biosfera” aos problemas nacionais, mesmo falando de um problema global. Aliás, o propósito do projeto apresentado no programa 502 é mesmo esse: adotar procedimentos locais para uma questão global. E o mesmo acontece no primeiro “Biosfera”. A Significância acaba, assim, por se assumir como um critério chave no momento de falar sobre o tema.

Posto isto, o padrão notado depois da análise dos dois programas é o seguinte: os critérios de noticiabilidade mais utilizados nos programas sobre alterações climáticas são a Amplitude, a Significância, a Previsibilidade e a Referência a algo negativo.

Linguagem: Marcas de um ‘jornalismo de causas’

São várias as expressões que dão conta de um “jornalismo de causas”. Este fenómeno é sobretudo notado no primeiro programa do “Biosfera”.

“Não podemos e não ficamos indiferentes ao destino de tantos produtos tóxicos”

“Como vê, está nas suas mãos melhorar a sua qualidade de vida e ser biopositivo”

“Apetece respirar fundo e pensar que o futuro vai ser melhor. Mas agora mova-se, sinta-se em equilíbrio com o ar, com a natureza e consigo próprio. Mude este grande mundo através de pequenos gestos. Seja Biopositivo”

Estas frases denotam uma preocupação pela natureza e a necessidade de alertar para os desequilíbrios ambientais. Também no segundo programa, ainda que de forma mais subtil, existem referências a esta pró-atividade em favor do ambiente. Aliás, logo no genérico, aparecem algumas palavras-chave que indicam a postura a que o “Biosfera” quer ser associado: “Observar, examinar, ponderar, agir, investigar, analisar, evoluir, transformar, ponderar, confrontar, informar, decidir”. A palavra agir acaba por acentuar este ideal de que é necessário adotarmos comportamentos ‘verdes’ em favor de um planeta mais saudável. Aliás, esta postura acaba por ser corroborada já na parte final do programa: “seja Bioativo”.

Posto isto, parece, para já, correto afirmar que o “Biosfera” se assume como um género de jornalismo que defende uma causa, adotando um ângulo de visão favorável ao ambiente e aos comportamentos ‘bioativos’.

5.3 Novas pistas: as entrevistas

A análise aos dois programas acima descritos levantou algumas questões que só podem ser cabalmente esclarecidas com o parecer dos intervenientes do “Biosfera”. Resta, agora, cruzar perspetivas e ir mais além daquilo que já foi dito até agora. As pistas deixadas pelos dois programas foram levadas para as entrevistas com Arminda Deusdado, Marília Moura, Joana Guedes Pinto e Filipe Duarte Santos, para que se obtenham conclusões sobre o que caracteriza e distingue o jornalismo de ambiente em dois momentos recentes (2005 e 2016).

Alterações climáticas: Ângulos de abordagem e formatos distintos

Com a análise aos programas, percebeu-se que a abordagem ao tema das alterações climáticas foi distinta de um programa para outro. Da explicação de alguns conceitos chave, passou-se para a ilustração de um projeto que visa a adaptação às alterações climáticas. O que mudou, afinal, na comunicação de ambiente? Segundo Arminda Deusdado, “a sociedade evoluiu, por isso é mais fácil comunicar agora com pessoas que estão mais disponíveis para ouvirem este conteúdo”.

Há 11 anos, segundo a coordenadora do “Biosfera”, era mais difícil passar para o telespectador alguns conceitos chave sobre ambiente: “Na altura, eu lembro-me de termos alguma dificuldade em passarmos um tema que era o ‘sumidouro de carbono’. Era um daqueles conceitos complicados de explicar”.

A reinvenção do tema acaba por ser uma necessidade que as jornalistas assumem. “Hoje em dia, o “Biosfera” tenta sempre ir à procura do que é que já se fez. (...) Já não se explica o que é um sumidouro de carbono, mas diz-se por que é que em Portugal, em especial, está mais sujeito a um determinado vetor”. Este é um dos exemplos apresentados por Arminda Deusdado. Também Marília Moura acaba por destacar esta necessidade de não só reinventar o tema, mas também de mostrar as evoluções que foram sendo notadas ao longo dos anos. “Estamos a passar por um período em que o clima está a mudar e já não se fala de ‘o que é que é’ mas de ‘o que é que vamos fazer para mitigar as alterações climáticas e como nos vamos adaptar’. (...) Vamos perceber o que se está a fazer, se há estratégias locais, grupos de trabalho pelo país,..., e noticiar dessa forma pode ser até o impulso positivo para que se façam outras coisas noutros territórios em que isso não é valorizado”.

O caráter educativo do “Biosfera” foi também referido por Marília: “Nestes últimos anos temos investido muito nessa abordagem mais didática de lembrar o que está na origem e porque chegamos até aqui para depois apresentar o tema de uma perspetiva diferente, com outro enquadramento”. Acaba por se “mostrar às pessoas que aquilo que falávamos há 11 anos concretiza-se”, acrescenta Arminda Deusdado.

Filipe Duarte Santos, enquanto especialista no tema e sendo uma fonte muito requisitada pelo “Biosfera” para falar sobre alterações climáticas, admite que ainda há necessidade de explicar o tema aos telespectadores, muito por causa da falta de conhecimento sobre o assunto: “Os meios de comunicação social, se privilegiam muito a questão de tornar atraente, entusiasmante, terão de reinventar a forma de comunicar, mas o problema não se tem alterado muito”.

O tema acabou por ser reinventado por Marília Moura que falou, no 502º programa, sobre a adaptação local às alterações climáticas: “Depois de ter trocado algumas informações com uns investigadores, percebi que poderia ser interessante, uma vez que já estavam ações a decorrer. Porque temos muitos projetos que às vezes passam por identificar problemas, definir estratégias, mas não há ação no terreno e neste havia ação no terreno. Este foi um critério que pesou bastante para seguir esta história e para fazer um programa sobre este projeto”. Pensar as “alterações climáticas com ângulos diferentes, mas não fugindo muito daquilo que é próximo do cidadão” acaba por ser, segundo Joana Guedes Pinto, essencial quando se determina os temas para o “Biosfera”.

Para além desta evolução dos temas, o próprio formato do programa foi mudando ao longo dos anos. “Já tivemos um programa de 20 minutos, depois passámos para 25 minutos, depois para 30. Já tivemos 45 minutos, agora estamos outra vez 25 minutos. Começámos na RTPN, agora estamos na RTP2, ou seja, há também uma evolução dentro do próprio programa. E isso, depois, acaba por se transpor para a forma como abordamos os temas”, explica Joana Guedes Pinto, jornalista e produtora do “Biosfera”. Há, no formato que o “Biosfera” tem agora, “muito mais tempo para conseguir aprofundar o tema”. Quem o diz é Marília Moura: “A título de exemplo, vou falar do ClimAdapt, das alterações climáticas, e consigo mostrar a metodologia de investigação associada a um projeto de estudo de impermeabilização das cidades”.

O amadurecimento da equipa que compõe o “Biosfera” acaba por ser determinante, segundo todos os jornalistas entrevistados, na evolução que o programa registou ao longo dos anos. “Em

500 “Biosferas” houve uma evolução muito grande”, considera Joana Guedes Pinto. A diretora da Farol de Ideias e coordenadora editorial do programa também reconhece que a experiência e respetiva evolução da equipa foi muito importante para aquilo que foi o crescimento do próprio “Biosfera”: “Há um painel de jornalistas que foi ficando cada vez mais especialista nestas matérias. Eu vinha deste *dossier*, mas o grupo, desde o primeiro momento, não estava tão ligado ao ambiente como eu estava”.

A experiência da equipa do “Biosfera” acaba por ser apontada como um elemento chave naquilo que é o resultado final de cada programa. Filipe Duarte Santos reconhece que, para as fontes de informação, há a confiança de que o tema vai ser tratado de forma exaustiva e que há tempo para aprofundar um tema, aumentando, assim, “a probabilidade de que as pessoas compreendam aquilo que está a ser dito”.

Várias são as ilações que se podem tirar sobre esta abordagem às alterações climáticas. Com a análise a apenas dois programas, não podemos arriscar muitas conclusões. No entanto, as entrevistas dão algumas pistas. O facto de agora o programa ter 25 minutos dedicados a um só tema pode ser explicado precisamente pela longevidade do programa. Com 11 anos, vários foram os temas já abordados pelo “Biosfera”, pelo que importa agora, segundo as jornalistas, fazer a cada semana uma análise exaustiva a um tema específico e que, até, já terá sido explorado num outro programa.

Recursos visuais

A utilização de determinadas estratégias para reforçar uma ideia foi um aspeto notado em ambos os programas. No primeiro, através de texto; no segundo, com desenhos representativos.

A importância deste tipo de técnicas foi abordada por Arminda Deusdado, que considera essencial a utilização do grafismo num programa de ambiente: “Se as imagens não forem fortes eu tenho que tornar mastigável e perceptível ao espectador um conteúdo que às vezes não é fácil. (...) E esta evolução da comunicação passava muito, por exemplo, pelo grafismo. Eu sempre apostei imenso no grafismo. O grafismo, num conteúdo de ciência e ambiente, é muito importante. Aquilo que a imagem ou a descrição não conseguem, o grafismo tem de passar. E isso foi uma das coisas mais importantes para mim, foi o evoluir da técnica de grafismo no

programa, a maneira como eu apresentava o conteúdo, simplificando-o e facilitando. É um conteúdo imediato”.

Sendo um conteúdo imediato, o grafismo assume-se como uma ferramenta utilizada pelos jornalistas do “Biosfera” para se passar uma mensagem de forma mais rápida e fácil. Aliás, em ambos os casos, estas técnicas comunicativas (ainda que em forma de texto no primeiro programa) estão presentes como forma de reforçar a ideia de um entrevistado. E esta evolução da técnica de grafismo, referida por Arminda Deusdado, acaba por ser muito notada nos dois programas. No “Biosfera” 1, foi a partir de texto (ou números, no caso) que se reforçou uma ideia. No mais recente programa, ilustrou-se as técnicas de adaptação costeira, referidas por Filipe Duarte Santos, através de desenhos exemplificativos do que o entrevistado ia dizendo.



Imagem 3: “Biosfera” #001: Estratégia comunicativa



Imagem 4: “Biosfera” #502: Estratégia comunicativa

Esta acaba por ser uma forma de simplificar um conteúdo que, ora sendo complexo, ora sendo difícil de mostrar por imagem (os aquíferos foram um exemplo dado por Arminda Deusdado), é passado para o público de forma direta. Do primeiro para o mais recente programa, foi notória e evidente esta evolução de que a responsável do programa fala (de texto para imagem). Isto vai um pouco ao encontro daquilo a que Filipe Duarte Santos se refere quando diz que ainda é

necessário explicar alguns conceitos chave ao público. O grafismo acaba por ser uma ferramenta utilizada para contrariar algumas limitações de orçamento e até de tempo. Ao mesmo tempo, acentua uma ideia que os jornalistas acham importante e é flexível, na medida em que é feito de acordo com a vontade de quem escreve o programa e de quem faz o grafismo (seja em termos de duração de um grafismo, do relevo dado a uma informação, ...).

As fontes de informação: identificadas, (algumas) primárias e a preferência pelas especializadas, institucionais e oficiais

A análise aos dois programas permitiu perceber um padrão: há uma preferência pelas fontes especializadas, institucionais ou oficiais, em detrimento das individuais ou testemunhais. Na realidade, esta preferência é assumida pelas jornalistas e produtora do “Biosfera” e é considerada essencial para transmitir as alterações climáticas de forma concisa e rigorosa.

Arminda Deusdado explica esta opção: “Todos nós achamos que chove mais e por isso notamos as alterações climáticas. Se eu perguntar a um senhor quando sair daqui, vão-me dizer ‘Ah, isto são as alterações climáticas, estes fogos,...’. Mas é um conceito que não é cientificamente comprovado. O “Biosfera” vai buscar a informação da ciência”.

Produtora do “Biosfera”, Joana Guedes Pinto acaba por ser, muitas vezes, quem contacta com as fontes de informação. O comum cidadão “não vai trazer nada de novo ao programa, nada que não se saiba. Provavelmente vão dar respostas muito vagas ou até confusas. O que nós procuramos é, através dos especialistas, dar respostas ao nosso público. (...) Podemos, quanto muito, fazer *vox-pop* e perceber quais as preocupações do cidadão e de que forma é que veem este assunto, mas as respostas que eles nos darão não irão muito ao encontro das questões que o nosso público tem feito sobre esta questão”. Marília acrescenta: “No caso do “Biosfera”, já se parte realmente do princípio que já há algum conhecimento por parte de quem lê e procura essas notícias”.

Mas qual é, afinal, o perfil do entrevistado do “Biosfera”? “Tem que ser especializado”, responde Joana Guedes Pinto, acrescentando que se recorre, normalmente, a académicos. Marília Moura confirma que se privilegia “o investigador que tenha trabalho desenvolvido nesse campo, com estudo ou trabalho de campo a decorrer”. Este perfil acaba por ir ao encontro daquilo que foi

analisado nos programas. As fontes eram sempre identificadas (algo inquestionável para o bom jornalismo) e havia um grande número de fontes primárias. Tem isto que ver com a relação que as fontes têm com o conteúdo que abordam. Ora, no caso de serem investigadores de determinados assuntos, com trabalho de campo numa área específica, acabam por se assumir, ao mesmo tempo, como fontes especializadas e primárias. Este é um aspeto curioso de perceber, sobretudo quando se pensa nas alterações climáticas como fenómeno global e muito difícil de contrariar. Na realidade, nos dois programas analisados, várias são as fontes que, de uma forma ou de outra, têm uma relação direta com tema (não relacionadas, naturalmente, com as consequências do problema, mas sobretudo com as soluções de mitigação).

Outro aspeto notado aquando da análise de conteúdo tem que ver com a utilização de uma mesma fonte de informação. O investigador Filipe Duarte Santos foi entrevistado nos dois programas, com 11 anos de diferença, o que pode evidenciar, por um lado, uma confiança naquela fonte de informação e, por outro, a existência de poucas personalidades que abordem, de forma rigorosa, a temática das alterações climáticas. Joana Guedes Pinto admite que “não há muita gente em Portugal a tratar este assunto de forma especializada” e que é, ainda hoje, difícil encontrar quem fale de alterações climáticas. “Mas, apesar de ser difícil, acaba por ser mais fácil agora porque nós já temos mais experiência. E há fontes que falavam connosco e que depois foram dando outros contactos que acabaram por enriquecer a nossa lista. No fundo, neste assunto das alterações climáticas, vamos quase sempre às mesmas pessoas. Não há uma lista muito diversa. Pode haver é um ou outro estudo que vá complementar o tema e que inserimos nestas nossas fontes”, acrescentou a produtora do programa, que confirmou que Filipe Duarte Santos é a fonte mais requisitada quando se fala do tema no “Biosfera”.

Crítérios de noticiabilidade

A Amplitude, a Significância, a Previsibilidade e a Referência a Algo Negativo foram os valores-notícia detetados no primeiro e no 502º programas do “Biosfera”. Aliás, o facto de se utilizar especialistas para falar sobre o tema faz notar esta necessidade de o tornar abrangente. Marília Moura acaba por corroborar a ideia de que às alterações climáticas está associada a ideia de previsibilidade: “Quando fazemos programas sobre as alterações climáticas, baseamo-nos em previsões, em modelos climáticos”. A Referência a algo negativo acaba por ser intrínseco às alterações climáticas, não havendo forma de fugir a isso.

A Significância, traduzida pela preferência por conteúdos e exemplos portugueses, foi também notada na análise de conteúdo. Marília Moura, jornalista da Farol de Ideias há sete anos, admite que a atualidade internacional não é o foco do “Biosfera”: “Sempre que podemos também trazemos notícias de fora, mas como existe uma lacuna de informação do que se passa em Portugal, nós acabamos sempre por ter matéria muito interessante”.

Impossíveis de perceber na análise dos programas, existem outros valores notícia, como por exemplo a Atualidade. Sendo um programa semanal, que é feito com algumas semanas de antecedência, pode pensar-se na Atualidade como um critério difícil de abordar. Ainda assim, não é de todo posto de parte pela equipa do “Biosfera”. Segundo Arminda Deusdado, “a atualidade condiciona sempre. (...) O que às vezes acontece é que trabalhamos um programa para aparecer numa certa altura. (...) Se se comunica alterações climáticas em fevereiro, eu irei buscar elementos que o público consegue ver. Eu não vou falar em vagas de calor em janeiro, quando em Portugal não há vagas de calor. (...) Nesse sentido, eu antevi a atualidade, porque o ambiente é cíclico. Se lermos o que está a acontecer à nossa volta, há alguma previsibilidade de acontecimentos”.

Aliás, como já foi referido acima, a utilização de especialistas como fontes de informação acaba por denotar esta necessidade de fazer previsões sobre o tema. Do mesmo modo, só estudiosos e investigadores especializados em alterações climáticas podem indicar de que forma é que este é um tema amplo e que afeta todo o globo.

Jornalismo de ambiente: Um ‘jornalismo de causas’

Várias são as pistas, ainda que as expressões tenham sido mais notadas no primeiro programa, que indicam que o “Biosfera” representa e defende uma causa na sociedade. Mas, afinal, o que pensam os jornalistas do “Biosfera” sobre este assunto? “Acredito imenso nesse tipo de jornalismo que defende uma causa. (...) E um jornalista que está muito próximo de causas e que acredita naquilo em que escreve é sempre um jornalista muito mais capaz”, defende Arminda Deusdado.

Também Marília Moura admite esta situação. “Há uma certa militância no ambiente, porque de facto está muito colado à questão de revolução de algumas situações e irregularidades. Também

tem um papel muito educativo, junto das pessoas. Lá está, o carácter didático: ‘como se recicla’, ‘vamos cuidar da nossa água’, ‘vamos cuidar da nossa floresta’,...”. A jornalista salvaguarda, ainda assim, o propósito prioritário do jornalismo: “Passamos sempre uma mensagem de uma responsabilidade coletiva e um bocadinho moralista, mas o objetivo é, acima de tudo, informar e, depois – porque não? – deixar uma mensagem positiva e que incentive as pessoas a cuidarem deste património que é de todos”.

Filipe Duarte Santos destaca a importância do jornalismo, e em particular do “Biosfera”, na consciencialização da sociedade para este problema global, mas considera que não é a televisão que dá conhecimento: “A pessoa fica informada mas não fica necessariamente a conhecer o problema. Quando vê televisão, a pessoa está com atenção e compreende o que vê. Mas isso não lhe dá automaticamente conhecimento sobre o assunto”.

Fontes ativas: profissionalização das fontes

A pró-atividade e a profissionalização das fontes, sobretudo na área do ambiente, são temas curiosos de estudar. Na análise aos programas, este aspeto acaba por passar ao lado tendo em conta a impossibilidade de perceber que tipo de fontes chega aos jornalistas e de que forma é que procuram divulgar as suas ideias. Ainda assim, este foi um dos aspetos explorados nas entrevistas semi-diretivas.

Neste ponto, as três jornalistas entrevistadas foram consensuais: as fontes procuram chegar ao “Biosfera” e divulgar algum tipo de projeto ou ação. “Todos os dias recebo *newsletters* e informação de pessoas de marcas e de agências de comunicação a falar de conteúdos que sabem que interessam ao “Biosfera””, revela Arminda.

Marília acrescenta: “É uma coisa com que no jornalismo de ambiente se deve ter muito cuidado: as fontes. E as organizações ambientalistas não nos contactam de forma desinteressada. Não quer dizer que seja um interesse que tenha uma implicação negativa ou que represente algo mais oculto, mas tem que se ter cuidado”.

Este carácter interventivo e ‘de causas’, acima falado, faz com que o “Biosfera” receba várias denúncias, queixas ou simplesmente *newsletters* e informações sobre determinados projetos ambientais. Esta acaba por se assumir como uma característica do jornalismo de ambiente: um

jornalismo que, sendo interventivo, acaba por ser alvo de várias abordagens por parte das fontes de informação.

6. Conclusões

Perceber e conhecer um pouco melhor as características do jornalismo de ambiente. Esta era a premissa base e o objetivo inicial deste relatório de estágio. Um estágio na Farol de Ideias que me colocou em contacto com o jornalismo de ambiente, o que, seguramente, não teria tido em mais nenhum outro lugar. Um estágio que me deu ferramentas para aquilo que virá a ser o meu futuro profissional.

Este relatório surge da necessidade de perceber um pouco melhor as características de um género de jornalismo pouco explorado pelos canais portugueses. O “Biosfera” acaba, por isso, por se assumir como um conteúdo único na televisão nacional e uma referência no que ao jornalismo de ambiente diz respeito. Pelo caminho, aprofundei alguns pontos importantes relacionados com o programa. As características do jornalismo televisivo, da informação semanal, o ‘jornalismo de causas’ ou os princípios basilares do Serviço Público de Televisão foram alguns aspetos que mereceram destaque no relatório e que permitiram enquadrar o tema e levá-lo por um determinado caminho.

Comecei este relatório com o objetivo de conhecer melhor o jornalismo de ambiente. Acabei por analisar a mediatização das alterações climáticas.

Importa, nesta fase, lembrar a questão de partida e dar uma resposta concreta àquilo a que me propus concluir: Quais as principais características de um programa televisivo dedicado ao ambiente, em particular ao tema das alterações climáticas, e de que modo evoluíram essas características nos últimos 11 anos?

Depois de analisados dois programas, emitidos com 11 anos de diferença, e exploradas as entrevistas com elementos relacionados com o “Biosfera”, há algumas conclusões que se podem tirar.

Ao nível da forma, notam-se algumas diferenças. Desde logo, no formato do programa. O “Biosfera” começou por ser um programa com várias rubricas e sobre várias temáticas diferentes. Os programas mais recentes dedicam-se a um só tema e são explorados numa só peça. Ainda assim, apesar de os programas diferirem no tipo de abordagem, as consequências das alterações climáticas acabam por ser sempre referidas de alguma forma em ambos.

Os recursos visuais foram também evoluindo ao longo do tempo, o que é justificado, naturalmente, pela evolução das técnicas de grafismo. Esta estratégia comunicativa é utilizada no “Biosfera” como forma de reforçar uma ideia ou explicar e simplificar conceitos importantes no programa.

No entanto, são vários os padrões. Desde logo, nota-se uma característica constante: o “Biosfera” recorre a poucas (ou nenhuma) fontes de informação individuais. Os jornalistas optam por contactar especialistas para darem conta das consequências das alterações climáticas e enquadrarem o tema para o público a que o “Biosfera” se destina. Ao mesmo tempo, estes especialistas acabam por fazer previsões e dar uma perspetiva ampla sobre o tema. E aqui surge o critério de noticiabilidade da Amplitude, apontado também pelas jornalistas do programa. A Significância, notada pela preferência por conteúdos nacionais, e a Referência a algo negativo, associada ao tema das alterações climáticas, também são valores-notícia relevantes para o “Biosfera”.

Ainda em relação às fontes, nota-se uma preferência pelas primárias. Isto significa que a maior parte das fontes a que os jornalistas do “Biosfera” recorrem, apesar de se assumirem como ‘especialistas’, têm algum tipo de relação com o tema. De forma geral, ou estão envolvidos em projetos ou são responsáveis por estudos sobre o assunto em discussão. As fontes são, em todos os casos, identificadas. No jornalismo de ambiente, as fontes proativas e ativas são também um fator relevante e característico.

E esta proatividade tem muito que ver com a vertente ‘de causas’ que o “Biosfera” representa. Várias são as marcas no discurso que denotam a defesa de uma causa, favorável à preservação do meio ambiente. É como se o “Biosfera” fosse a voz de um planeta cada vez mais ameaçado pela ação humana.

Na realidade, depois de destacados todos estes pontos, há uma conclusão muito geral que é pertinente fazer: 11 anos depois, existem diferenças sobretudo no que diz respeito à forma do programa e muitas semelhanças no conteúdo. A estrutura mudou completamente, enquanto os aspetos relacionados com a escolha e papel das fontes, os critérios de noticiabilidade e o carácter de ‘causas’ de programa acabam por ser muito semelhantes.

Posto isto, percebidas algumas características do “Biosfera” e, portanto, do jornalismo de ambiente que se faz em Portugal, é altura de olhar para a mediatização dos assuntos de

ambiente pela perspectiva da audiência. Afinal, há um público cada vez mais interessado nos temas de ambiente? É este tipo de conteúdos sujeito a uma marginalização horária? Isso depende da audiência a que se destinam? Tem o jornalismo de ambiente a capacidade de cativar um público mais amplo?

Estas são algumas das questões que ficam por esclarecer e que poderão complementar este estudo. Afinal, as características de um programa de ambiente devem adaptar-se ao público a que se destinam, faltando, neste momento, perceber que tipo de público tem o “Biosfera” e o jornalismo de ambiente em Portugal. Estará esta especialidade do jornalismo em vias de extinção?

7. Bibliografia

Berkowitz, D. (2009). Reporters and Their Sources. In K. Wahl-Jørgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism* (pp. 102-115). Nova Iorque e Londres: Routledge.

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar. Acedido em <http://docslide.com.br/documents/bourdieu-p-sobre-a-televisaopdf.html>

Carvalho, A. (2011a). Introdução. In A. Carvalho (org.), *As alterações climáticas, os Média e os Cidadãos* (pp. 9-21). Coimbra: Grácio Editor.

Carvalho, A. (2011b). Entre a ciência e a política: a emergência das alterações climáticas como uma questão pública. In A. Carvalho (org.), *As alterações climáticas, os Média e os Cidadãos* (pp. 23-39). Coimbra: Grácio Editor.

Carvalho, A., Pereira, E., & Cabecinhas, R. (2011). O trabalho de produção jornalística e a mediatização das alterações climáticas. In A. Carvalho (org.), *As alterações climáticas, os Média e os Cidadãos* (pp. 145-173). Coimbra: Grácio Editor.

Carvalho, A., Pereira, E., Rodrigues, A. T., & Silveira, A. P. (2011). A reconstrução mediática das alterações climáticas. In A. Carvalho (org.), *As alterações climáticas, os Média e os Cidadãos* (pp. 105-144). Coimbra: Grácio Editor.

Fidalgo, J. (2005). De que é que se fala quando se fala em Serviço Público de Televisão?. *Comunicação e Sociedade*, 1, 23-40.

Harcup, T. & O'Neill, D. (2001). What is News? Galtung and Ruge Revisited. *Journalism Studies*, 2(2), 261-280.

Lázaro, A., Cabecinhas, R., & Carvalho, A. (2011). Uso dos media e envolvimento com as alterações climáticas. In A. Carvalho (org.), *As alterações climáticas, os Media e os Cidadãos* (pp. 195-222). Coimbra: Grácio Editor.

Lopes, F. (2005). Os conteúdos do serviço público de televisão: pistas para a elaboração de uma grelha de programação. *Comunicação e Sociedade*, 1, 81-114.

Lopes, F. (2007). *A TV das Elites*. Porto: Campo das Letras. [eBook]. Acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/41122>

Pinto, M. (2000) Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento de campo. *Comunicação e Sociedade* 2, 14 (1-2), 277-294. Acedido em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf

Quiivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

Schmidt, L. (2009). Civic Action and Media in the Water Issues. In C. Buchanan, P. Vicente, E. Vlachos (Eds.), *Making the Passage Through the 21st Century: Water as a Catalyst for Change* (pp. 151-190). Lisbon: Luso American Foundation. Acedido em http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/LuisaSchmidt_2010_n3.pdf

Schmitz, A. (2011). Classificação das fontes de notícias. *BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 1-22. Acedido em <http://bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>

Sena, N. M. (2011). *A televisão por dentro e por fora*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Waisbord, S. (2009). Advocacy Journalism in a Global Context. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (pp. 371-385). Nova Iorque e Londres: Routledge.

Estatuto do Jornalista. Acedido em <http://www.erc.pt/documentos/lei199.pdf>

Programas “Biosfera”

Farol de ideias / RTPN. (2005). “Biosfera”. Alterações climáticas.

Farol de Ideias / RTP2. (2016). “Biosfera”. Alterações climáticas: que oportunidades e desafios em Portugal?

8. Anexos

8.1 Entrevista a Arminda Deusdado, coordenadora editorial do “Biosfera”

Como é que um programa de ambiente está no ar há 11 anos?

Um dos sucessos para estarmos no ar é a sociedade portuguesa. A sociedade mudou. O mundo também mudou. As várias COP, que foram existindo ao longo destes últimos anos, foram chamando sempre à atenção. Desde a conferência do Rio que houve o conceito de que o ambiente está na nossa vida e que nós fazemos parte dele e o alteramos. Mas a sociedade portuguesa também acordou para esta realidade, não foi só a comunidade internacional. E isso é o motivo principal para existir um programa de ambiente há tanto tempo no ar.

E o facto de o “Biosfera” estar no ar na RTP, um canal de serviço público? Caberia o “Biosfera” num outro canal ou está no ar há tanto tempo por estar em canais de serviço público?

É por ser um canal de serviço público... Quando começou na RTPN, era um conceito de um programa de notícias, mas que não estava em contacto com toda a gente porque só quem tivesse cabo é que via. O serviço público percebeu que era um conteúdo que era importante estar no canal aberto, por isso é que ele passou para a RTP2. Na altura, até ficou com um formato maior, 50 minutos, e depois voltou a ficar mais pequeno, com os 25 minutos atuais. Um programa destes é muito importante que seja um serviço público a pagá-lo... Já existiram vários formatos ligados ao ambiente, só que eles tinham sempre uma agenda, eles estavam sempre ligados a alguém que pagava aquele conteúdo, a alguém que estava interessado em comunicar ambiente na sua marca (era mais um *branding*). Depois pontualmente existiram até documentários sobre questões ambientais, sobre barragens, ... Pontualmente há formatos nesse sentido. Mas, como magazine, que segue histórias de forma consistente e constante, e tendo um papel de história, ou seja, as pessoas que me respondem... algumas delas já me responderam atrás... se calhar em papéis diferentes.

Tendo um histórico, tendo um passado, conseguimos confrontar as pessoas, que às vezes têm chapéus diferentes, estão noutros formatos... e como é que elas reagem? Isso tem piada.

E a força do “Biosfera” é mesmo essa? É uma referência no ambiente? Distingue-se dos outros por não estar ligado a uma agenda?

Tem mesmo essa força. Primeiro, porque há um painel de jornalistas que foi ficando cada vez mais especialista nestas matérias. Eu vinha deste *dossier*, mas o grupo, desde o primeiro momento, não estava tão ligado ao ambiente como eu estava.

Tivemos consultores, e sempre tivemos vários consultores ao longo destes 11 anos. Sempre que queremos fazer algum tipo de matérias vamos falar sempre com especialistas. Mesmo que eles não apareçam no programa, eles são questionados, consultados. Trocamos ideias com eles. A nossa força nota-se na quantidade de pessoas que estão a fazer doutoramentos, que estão a fazer mestrados, que me pedem programas. Professores que estão a dar aulas sobre aquelas matérias e que pedem estes conteúdos. Não é *entertainment*, tem uma base científica tão forte e tão rigorosa que serve de base para estudos.

E tendo em conta esta força do “Biosfera” e o papel que tem na sociedade... Pode ser considerado “civic advocacy journalism”, um ‘jornalismo de causas’? Acredita nesse tipo de jornalismo que defende uma causa?

Acredito imenso nesse tipo de jornalismo que defende uma causa. Eu sei que as pessoas que às vezes defendem causas vão a um foco tão apertado que perdem a imagem geral. E estas causas podem ser sociais, podem ser ambientais, ... Qualquer pessoa para mim que tem uma causa... eu estou atenta. Porque tem uma paixão enorme sobre qualquer coisa. Dedicar imenso do seu tempo livre e não livre a qualquer coisa. E isso não deixa de ser importante. Depois, quando estamos a falar do ambiente, se não existisse por exemplo a questão das causas na eucaliptização em Portugal, nunca existia um movimento ambientalista. E os movimentos ambientalistas foram muito importantes para marcar muitas coisas na sociedade. Por exemplo, a nível energético nunca tivemos centrais nucleares e foi por causa deste movimento. Estas causas juntam pessoas e levam a que os Governos estejam mais atentos porque a sociedade

civil se movimentou. E um jornalista que está muito próximo de causas e que acredita naquilo em que escreve é sempre um jornalista muito mais capaz.

E o “Biosfera” enquadra-se nisso? Defende causas?

Nós, como jornalistas, temos sempre de ver os dois lados da barricada. Nós fizemos as dez barragens (plano nacional de barragens) e fomos ouvi-los. É muito importante que o “Biosfera” vá ouvir por que é que se defende e quais são os argumentos para se construir ou defender a construção daquela quantidade insana de barragens. E depois vamos ao outro lado. Estivemos na altura acampados com todo o movimento à volta do Sabor. Fizemos um documentário com as pessoas da região, mas também com especialistas em energia, em economia, em biodiversidade... e quando nós juntamos todos estes saberes, nós estamos a defender esta causa porque os argumentos nos convenceram. Mas nós também fomos ouvir o outro lado para mostrar também ao espectador e para que tenha o livre arbítrio de olhar e perceber: “eu estou a favor ou não estou a favor?”. Já tivemos uma rubrica ‘Frente-a-frente’: pessoas que tinham posições completamente diferentes. E isso estava no programa. As pessoas em casa é que decidem com o que concordam.

Enquanto coordenadora editorial do “Biosfera”... o que é que cada programa tem de ter para ser um bom programa, um “Biosfera”?

Primeiro, tem de responder a uma questão que as pessoas conheçam. Mas tem de ter um elemento novo. A esmagadora maioria dos conteúdos são problemas que a sociedade portuguesa identifica, ou que vive. Vive perto de uma barragem, vive perto de uma orla costeira que tem o avanço das águas do mar ou então atualmente com os incêndios...

O “Biosfera” vai argumentar não como um jornalista que tem de dar informação diária. Nós vamos um pouco mais longe. Não é como se fosse um jornal semanal, mas é um jornal de investigação semanal, é um jornal de ciência semanal, que vai um pouco mais longe do que o puro relatar dos factos. Vamos perceber: “Por que é que há isto e quais as soluções?”. Algumas soluções que existam na altura. A pergunta começa na sociedade e a resposta também é devolvida à sociedade.

E como é que o próprio jornalismo de ambiente foi evoluindo ao longo dos tempos, quer a nível de linguagem e conteúdos como de estrutura?

A nível de forma, estrutura: principalmente como é que nós comunicávamos ambiente com imagens. As imagens nem sempre são bonitas, mas nós estamos em televisão. E por isso temos que utilizar sempre imagens que cativem o espectador. Ou que as imagens sejam suficientemente fortes para contar uma história. Se as imagens não forem fortes eu tenho que tornar mastigável e perceptível ao espectador um conteúdo que às vezes não é fácil. Se, por exemplo, estamos a falar de aquíferos, não conseguimos pegar numa câmara e ir ao centro da Terra e ver como é que nasce a água. Mas se eu quero dizer como é que eu tenho de proteger este recurso eu tenho que, de alguma maneira, saber comunicar. E esta evolução da comunicação passava muito, por exemplo, pelo grafismo. Eu sempre apostei imenso no grafismo. O grafismo, num conteúdo de ciência e ambiente, é muito importante. Aquilo que a imagem ou a descrição não conseguem, o grafismo tem de passar. E isso foi uma das coisas mais importantes para mim, foi o evoluir da técnica de grafismo no programa, a maneira como eu apresentava o conteúdo, simplificando-o e facilitando. É um conteúdo imediato.

E a escrita? A própria escrita era mais acessível no início do “Biosfera”?

A escrita tem de ser sempre acessível. Porque se complicamos a escrita, significa que nós é que não percebemos o conteúdo. Nós não estamos a fazer um *paper* científico. Nós estamos a falar para o público em geral, por isso a linguagem tem de ser simples.

Em relação às alterações climáticas... Como é que evoluiu a mediatização das alterações climáticas? A abordagem do tema mudou?

Na altura, eu lembro-me de termos alguma dificuldade em passarmos um tema que era o “sumidouro de carbono”. Era um daqueles conceitos complicados de explicar. Como é que eu vou explicar que o mar é um sumidouro, que a floresta é um sumidouro, ...?

Tivemos essa dificuldade em passar esse conceito, que na comunidade científica era óbvio, mas para o público em geral não era. Hoje em dia, o “Biosfera” tenta sempre ir à procura do que é que já se fez. Olhando para o passado do “Biosfera”, o que é que a comunidade acaba por apreender? Quando nós vamos comunicar e estamos no meio desta de informação sobre alterações climáticas, tu tens que ir um pouco mais longe. Já não se explica o que é um sumidouro de carbono, mas diz-se por que é que em Portugal, em especial, está mais sujeito a um determinado vetor. Se se comunica alterações climáticas em fevereiro, eu irei buscar elementos que o público consegue ver. Eu não vou falar em vagas de calor em janeiro, quando em Portugal não há vagas de calor. Não faz sentido. Mas se eu começar a falar que é a altura boa para eu gerir a floresta por causa dos incêndios – que, nas alterações climáticas, vão ter períodos diferentes de torrentes de chuva e de sol – aí as pessoas percebem, porque provavelmente acabaram de sentir. Em Braga, as pessoas percebem que foi uma tromba de água e que estão a sentir o impacto. Ou então, se ouvem falar que há uma movimentação da coluna de água, ... Aí, falamos de alterações climáticas com este segmento. Se vamos pôr um documentário ou programa em agosto, setembro ou outubro, as pessoas vêm do calor. Tiveram, por exemplo, que sair da praia porque havia muitos mosquitos, a que não estavam habituados. Vamos falar em vetores, que são elementos que aparecem com as alterações climáticas. Vou falar do dengue, de determinados vetores... insetos que promovem doenças que só acontecem porque há uma alteração climática. Ou seja, eles já existiam, mas o paralelo deles sobe 10 graus, sobre 1 grau, ... essa informação é importante.

Portanto, o “Biosfera” começou por explicar o tema das alterações climáticas e agora procura reinventar o tema...

Mostrar às pessoas que aquilo que falávamos há 11 anos concretiza-se. As pessoas estão a viver. E isso não é só porque está mais calor ou mais frio. Há fenómenos de conjuntura e de estrutura que estão a acontecer. Se o nível médio das águas do mar está a ocupar terrenos que não existiam antes, por exemplo, a salinização de determinadas zonas em Aveiro, que não existiam antes porque as águas chegam hoje a sítios a que nunca tinham chegado antes. Isso é um elemento que as pessoas sentem. As pessoas que estão na agricultura e veem que a terra tem um grau de sal que não tinha antes. Estão a notar isso. Já tínhamos dito essa informação. Mas agora as pessoas estão a sentir, porque quando vão à vinha, ao olival estão a olhar para a

terra e estão a ver. E nós vamos mostrar, no fundo, aquilo que eles estão a ver, mas vou-lhes dizer e explicar por que é que estão a ver aquilo.

O facto das alterações climáticas serem um tema transversal e que parece, de alguma forma, estático, mesmo não o sendo, acaba por dificultar para os jornalistas a mediatização do tema?

Já há vários anos que nós marcamos a agenda de ambiente. Muitas vezes há determinadas associações e instituições que falam com o “Biosfera” e nos convidam, porque sabem que nós tivemos algum programa sobre o tema. É claro que o “Biosfera” não marca a agenda da COP, mas muitas vezes marca estes pequenos eventos. A questão do Glifosato, por exemplo, ...

E aqui também entra o ‘jornalismo de causas’...

Exatamente...

E falando nessas associações... Em relação às fontes... Que fontes procura o “Biosfera”? As fontes que se procuravam há 11 anos são as mesmas que se procuram agora? Há um padrão?

Há sempre um padrão: quem está no terreno a trabalhar e que nos dá feedback... muitas vezes um jornalista vai fazer um programa e sai de lá com 3 ou 4 informações para fazer os próximos. Porque são pessoas que estão ligadas a um tema e nos dão uma informação diferente que não estamos à procura, porque estávamos a falar de um outro tema. Estamos sempre atentos. Um jornalista está sempre atento ao que está a acontecer à sua volta.

Mas depois temos aquelas fontes que normalmente sabem... e todos os dias recebo *newsletters* e informação de pessoas de marcas e de agências de comunicação a falar de conteúdos que sabem que interessam ao “Biosfera”. Ou então a tentarem que me interesse por conteúdos que acabam por não me interessar (porque às vezes são mais *branding* do que conteúdo científico). Mas depois também vou às faculdades, por exemplo, ou a centros de investigação perguntar o que é que há de novo. E muitas vezes comunicar ciência não é fácil. Por isso é que os

investigadores contactam com um programa como “Biosfera” porque sabem que os jornalistas já têm algum traquejo e alguma informação para conseguir divulgar ou passar esta comunicação de ciência. Muitas vezes os cientistas dizem: “eu gostava que as coisas fossem ditas desta maneira”. Porque o imaginário e toda a formatação, às vezes, de um professor de faculdade é dentro de um determinado cânone, só que depois só estão a falar para os seus pares, não conseguem comunicar para o seu público. E quando passa por este crivo de um jornalista do “Biosfera”, esta comunicação depois começa a democratizar-se.

A escolha das fontes é por isso fundamental...

Exatamente...

E o facto de se explicar ambiente para o comum cidadão faz com que se recorra mais a especialistas?

A informação tem de ser credível. Todos nós achamos que chove mais e por isso notamos as alterações climáticas. Se eu perguntar a um senhor quando sair daqui, vão-me dizer “Ah, isto são as alterações climáticas, estes fogos,...”. Mas é um conceito que não é cientificamente comprovado. O “Biosfera” vai buscar a informação da ciência. Podemos ter a sensação de que antigamente o tempo era diferente. Mas isto... às vezes é importante. Enquanto jornalista e coordenadora do programa, às vezes interessa-me saber o que é que alguém ligado à pesca ou agricultura acha... e o que é que tinha antes. Mas não é exatamente o cidadão que está a passar na rua e a quem vou pedir uma informação sobre o tempo. Mas se eu for falar com um agricultor sobre quando é que abrolhava algum tipo de espécie e agora o que é que acontece... isso já me interessa, porque ele tem um *know-how* que não é ciência mas é um saber da experiência, e isso é importante. Como por exemplo o pescador... Têm de ter este *know-how*. Não é o “acho que”. O conceito de *vox-pop* para mim tem pouca importância, pouco sumo, porque as pessoas dizem coisas muito vagas.

E de quem forma é que a audiência via as questões de ambiente, nomeadamente o tema das alterações climáticas, e vê agora? Tem essa percepção?

A sociedade evoluiu, por isso é mais fácil comunicar agora com pessoas que estão mais disponíveis para ouvirem este conteúdo. Claro que o nosso objetivo é comunicar com aqueles cuja apetência por ambiente não é tão nativa. Há um grupo que automaticamente nós começamos a falar e estão lá e acrescentam informação e têm um modo de vida muito pró-ambiente, muito consciente do consumo, muito consciente da origem dos produtos. Isto é um espectador. É o premium, é o *crème de la crème*. Mas o importante quando estamos a fazer um programa de ambiente é comunicar com a população em geral. E essa população precisa às vezes de dados que lhes chamam a atenção. O que aconteceu agora na Madeira [incêndios] ... Já há uns anos, tínhamos feito um programa sobre a gestão da orla costeira e do ordenamento do território na Madeira e depois houve o desastre. Depois voltamos a ir à Madeira e fomos confrontar as pessoas com a realidade que estavam a viver, com a informação que tínhamos passado 5 anos antes, e os projetos para o futuro. A comunidade quando está recetiva... é sempre mais fácil comunicar com ela. E quando não está recetiva, às vezes confrontamos com fenómenos que acabaram por acontecer... ou tufões, ou fenómenos extremos. Normalmente são os fenómenos extremos que chamam a atenção. Mas, numa comunidade agrícola, falar na diminuição de determinado tipo de insetos chama a atenção, eles sabem. “Tenho menos abelhas porque este ano não houve tanta polinização. Este ano as castanhas não produziram tanto...” As pessoas sentem e sabem.

E tendem cada vez mais a ligar a esse tipo de temas?

Sim, porque lhes toca.

Da perspetiva do jornalismo, como é que tenderá a ser a mediatização das alterações climáticas daqui em diante?

Há vários tipos de abordagem, dependendo do órgão onde estás e do que estás a fazer. A forma como o “Biosfera” pode pegar neste conteúdo é sempre de acordo com o que está a acontecer no momento, é de acordo com a informação que eu tenho e, às vezes, a previsão do que é que vai acontecer. Nós trabalhamos com tanto tempo de antecedência e esta atualidade... o jornalista tem de estar preparada para ela. E comunica de maneira diferente. O jornalista de

ambiente do “Biosfera” comunica ambiente. O jornal da tarde também comunica ambiente. Só que o conteúdo é que tem de ser diferente.

Estão sempre atentos à atualidade... Os critérios de noticiabilidade no ambiente são os mesmos de outra especialidade do jornalismo?

A atualidade condiciona sempre. Mas nós somos semanais e com produções muito longas. Trabalhamos com cerca de quatro, cinco, seis semanas de antecedência. O que às vezes acontece é que trabalhamos um programa para aparecer numa certa altura. Se, por alguma razão, ele não pode ser transmitido nessa altura, ele vai ser adaptado para outra altura. Temos que às vezes fazer esse tipo de jogo de cintura.

E como é que se enquadra as alterações climáticas? Em que altura do ano?

Eu já sei quando é que vai existir a próxima COP. Portanto eu sei quando é que vou fazer o próximo documentário ou o próximo programa sobre as alterações climáticas. Mas entretanto, se está a haver uma altura em que as pessoas vão estar mais sensíveis... nesta época de calor é uma época ótima para falar em alterações climáticas, porque as pessoas sentem. Nesse sentido, eu antevi a atualidade, porque o ambiente é cíclico. Se lermos o que está a acontecer à nossa volta, há alguma previsibilidade de acontecimentos. Eu sei quando é que vai existir a Primavera, ou quando é que há o primeiro elemento de Inverno. Se eu quiser falar da gestão no Inverno, ou o que é que vai acontecer... eu vi no princípio de agosto porque a floresta já está no Inverno. O espectador pode não sentir isso porque estamos todos de mangas caveadas. Estamos todos a viver 40°C, mas a floresta não está neste segmento de relógio. Ela já está no Inverno. Por isso, falando com os especialistas, já te podem dizer o que vai acontecer em outubro ou novembro, quando o programa estiver no ar.

Tem ideia quantas vezes o “Biosfera” falou de alterações climáticas?

É um daqueles temas que é recorrente. É recorrente porque, cada vez mais, o público está sensível. E depois, nem que o tema principal não seja alterações climáticas, há sempre

elementos que vão buscar dados de alterações climáticas. Se eu estou a falar de barragens, eu vou falar de alterações climáticas, embora o tema não seja esse. Se eu vou falar, por exemplo, em várias espécies que estão em perigo, eu vou falar também de alterações climáticas. Sempre que estejam presentes e que faça sentido, eu vou falar de alterações climáticas.

8.2 Entrevista a Marília Moura, jornalista do “Biosfera”

Que diferenças é que existem entre o jornalismo de ambiente e as outras especialidades do jornalismo?

Deviam existir algumas diferenças. Quando falamos de jornalismo especializado, falamos de um jornalismo que já trata as matérias com um enquadramento diferente. Rege-se por outros valores notícia, vai procurar outras fontes de informação, tem outro vocabulário. A vantagem de continuar a haver secções especializadas nos órgãos de comunicação social é que abre a possibilidade de se tratar os assuntos de outra forma, com um enquadramento mais vasto, em que se trabalham as matérias de uma perspetiva... mais a fundo. Há um trabalho de investigação mais exaustivo. É essa a vantagem que eu vejo e é isso que o jornalismo de ambiente trata comparativamente com um jornalista que trata mais casos do dia, *hard news*. Dá um enquadramento diferente.

Há pouco falavas também da linguagem e vocabulário. Que preocupações tem um jornalista de ambiente na forma de escrita, na forma de comunicar?

Tive há pouco tempo a oportunidade de participar num encontro direcionado para jornalistas de ambiente, em que estive em contacto com outros jornalistas de ambiente. Há jornalistas de ambiente que acham que há certo vocabulário que não deve ser repetido. Por exemplo, quando falamos de resíduos... O formador, que era um jornalista de ambiente com alguns anos de experiência, referiu que repetir resíduos numa notícia é um chavão, que deve-se traduzir por lixo e que se deve utilizar um vocabulário mais próximo das pessoas para que as notícias de ambiente não sejam apenas uma secção lida por especialistas e que só interessa a alguns. Eu partilho dessa opinião. Eu acho que o ambiente deve ser tão interessante para o leitor ou para o telespectador como são as notícias de economia, desporto, e, uma vez que o ambiente é transversal à sociedade e trata muitas matérias para além da natureza e da poluição, alterações climáticas, há algum vocabulário do qual não se deve fugir, mas que se deve explicar. Há muitos chavões relacionados com nomes de estratégias políticas, por exemplo Programa de Ordenamento da Orla Costeira pode ser traduzido por POOC. Há uma série de siglas e de

estratégias políticas, que devem ser incluídas nas notícias de ambiente. Mas também devem continuamente ser explicadas. Há um vocabulário específico, mas que deve ser explicado e ao mesmo tempo tentar simplificar, sem perder o rigor, para se tentar alcançar e atrair mais leitores para as notícias de ambiente.

E em relação a esse tipo de explicações... Antes (desde há oito anos, que entraste na Farol de Ideias), explicavam-se alguns conceitos que agora não se explicam? Como é que evoluiu o tratamento da informação nesse sentido?

Não noto muitas diferenças. Não há sempre a necessidade de explicar. No caso do “Biosfera”, já se parte realmente do princípio que já há algum conhecimento por parte de quem lê e procura essas notícias. No desporto também não se está sempre a explicar tudo o que está para trás da notícia relacionada com um atleta. Há um resumo mínimo, quanto muito no final da notícia até a lembrar um pormenor ou outro, mas não se pode estar sempre a explicar o que é que é a erosão. Pode-se explicar, mas não se vai estar a ir ao início. Quanto muito é importante, como se faz no “Biosfera” de vez em quando, fazer programas que lembrem um bocadinho isso. Desde o ciclo da água, de onde é que vem a água que nos chega às torneiras, quais os processos pelos quais ela passa, ... relembrar as origens de e como se faz é algo que eu tenho sentido ao longo dos anos. Quando comecei a trabalhar no “Biosfera”, reparei que seguíamos muito a atualidade, ou o desenvolvimento de alguns temas que já tínhamos pegado, mas não íamos tanto para essa abordagem “O que é a erosão? O que são os solos e como se formam?”. E nestes últimos anos temos investido muito nessa abordagem mais didática de relembrar o que está na origem e porque chegamos até aqui para depois apresentar o tema de uma perspetiva diferente, com outro enquadramento.

Há pouco falavas dos valores-notícia... que tipo de critérios são adotados no jornalismo de ambiente? O facto de ser semanal faz com que a atualidade não seja importante?

Em termos de hierarquia de valores notícia deve ser diferente. Quando se olha para um programa como o “Biosfera”, nós temos agora – e estou a falar da atualidade – a questão dos

incêndios. Mas podia estar a falar das tempestades de janeiro e das cheias. Em janeiro, nós podemos ter o telejornal todo marcado com notícias de cheias e desmoronamento de terras e desalojamento de pessoas, e essa matéria ter sido tratada pelo “Biosfera” por exemplo em outubro. E porquê? Porque não seguimos tanto a agenda mediática dos outros colegas. Temos uma agenda própria e que se vai construindo à medida que achamos que é importante... relembrar certas políticas de gestão do território, ou porque já há muito tempo não se fala de resíduos... e os nossos programas abordam sempre esses temas de uma forma bastante exaustiva. Portanto, podemos estar sempre a repetir na nossa grelha.

A controvérsia e a polémica, por exemplo, é um dos valores-notícia que marca muito alguns órgãos de comunicação. No nosso caso, tentamos sempre perceber – porque recebemos ainda algumas denúncias – e enquadrar a história. “Um caso de poluição no rio Tejo e morreram centenas de peixes” – tentamos perceber de facto de fundo o que é que provocou essa situação, se é uma situação pontual, se é recorrente, quem são os responsáveis, falar com especialistas de ambiente e perceber realmente se há um foco de poluição e qual a sua gravidade, tentar perceber se há estudos no local, falar com políticos, ... Ou seja, tenta-se fazer uma investigação mais de fundo e não ir apenas pela atualidade, pelo imediato. Complementamos o outro tipo de jornalismo.

Em relação a esse papel do jornalismo de ambiente, de dar voz a denúncias, achas que o torna um ‘jornalismo de causas’?

Quando comecei a trabalhar como jornalista de ambiente, achava que não. O jornalismo de ambiente deve seguir a mesma ética que o jornalismo em geral, é apenas uma ramificação do jornalismo; não há uma ética própria, há um código e uma deontologia no jornalismo que deve ser seguido pelas especializações. Mas o que acontece de facto no ambiente é que é difícil dar o mesmo tempo de antena às diferentes fações da história. Vamos imaginar, por exemplo, uma denúncia a uma indústria poluidora que está a pôr em causa a qualidade da água de um rio que atravessa populações, é utilizado para abastecimento público, utilizado na rega de campos agrícolas... Eu posso questionar a pessoa que faz a denúncia e a seguir falar com investigadores, ou até com uma associação cívica ou ambientalista que tenha vindo a acompanhar a causa, mas igualmente devo ir ouvir políticos, autoridades fiscalizadoras, a entidade que é acusada

desse caso de poluição. Só que, na verdade, se o caso de poluição está à vista, se os factos falam mais do que os argumentos da pessoa que é acusada, eu não lhe posso dar o mesmo tempo de antena que às outras partes. E estamos aqui a falar de várias partes. Não estamos a falar de duas entidades e de privilegiar uma face a outra. Mas ouvir várias partes e há uma que não vai ter supremacia em relação às outras. E aí, eu acho que há uma certa militância no ambiente, porque de facto está muito colado à questão de revolução de algumas situações e irregularidades. Também tem um papel muito educativo, junto das pessoas. Lá está, o carácter didático: “como se recicla”, “vamos cuidar da nossa água”, “vamos cuidar da nossa floresta”, ... Tem de ter uma agenda própria. Porque não sempre a haver atualidade política, não se está sempre a decidir medidas de ação... O jornalista de ambiente, para haver uma continuidade de notícias, tem que ir decidindo sobre várias matérias e não estar só ligado a conferências de imprensa, conferências. Se é um ‘jornalismo de causas’? Não devia ser. A causa devia ser informar. Essa deve ser a primeira causa. Informar de forma verdadeira e fundamentada. Mas, de facto, em algumas situações surge colado a isso porque é um jornalismo que traz à tona alguns problemas.

E adota até pontos de vista... “Seja Bioativo”... Acaba até por definir a visão do “Biosfera”...

Sim, ... Ou “vamos cuidar da nossa Terra”. Na verdade, essa frase final, que acaba por ser um *slogan* associado ao “Biosfera”, que já é conhecido por muitos portugueses, não põe em causa tudo aquilo que está para trás. Mesmo que deixássemos de utilizar essas frases no final, o importante é que a informação seja dada de forma rigorosa e criteriosa, e as pessoas acabariam por perceber que de facto a forma como tratamos as coisas ou como falamos da importância de alguns temas... Passamos sempre uma mensagem de uma responsabilidade coletiva e um bocadinho moralista, mas o objetivo é, acima de tudo, informar e, depois – porque não? – deixar uma mensagem positiva e que incentive as pessoas a cuidarem deste património que é de todos.

Há pouco falavas das conferências de imprensa – e que os jornalistas devem ir à procura de outros tipos de abordagem... Agora em relação às alterações climáticas,

de que forma é que durante os últimos anos se reinventa este tema e como tem vindo a ser mediatizado?

Quando comecei a trabalhar em ambiente, há sete anos, as alterações climáticas apareciam muito coladas às conferências internacionais, à questão de se saber se estava a haver um novo clima ou não, os céticos e os investigadores das alterações climáticas, ...

Ainda se estava em dúvida se, de facto, estávamos perante alterações climáticas ou não. Hoje em dia isso já é um facto consumado. Estamos a passar por um período em que o clima está a mudar e já não se fala de “o que é que é” mas de “o que é que vamos fazer para mitigar as alterações climáticas e como nos vamos adaptar”. Em sete anos, passamos realmente de uma necessidade de ter notícias para a fundamentação da existência de alterações climáticas. Neste momento, já é um facto consumado e precisamos de agir. E é isso, neste momento, a abordagem que eu penso que será válida e que, não só no “Biosfera”, mas no jornalismo em geral, eu acho que faz falta. Ultrapassa muito as questões de “esta empresa está a fazer isto, é amiga do ambiente, é verde” – e aí vem muito as questões de marketing associado a um papel ativo e de defesa do ambiente. De que forma é que estas empresas e a sociedade geral estão mesmo a ter um papel ativo?

Neste momento, as alterações climáticas deveriam aparecer nas notícias para além dos encontros políticos, que continuam a ser importantes mas que daí pouco resulta, e vamos ver o que estão os Estados e nações a fazer realmente a nível local, porque as alterações climáticas são um fenómeno global, mas que se sente a nível local. Vamos perceber o que se está a fazer, se há estratégias locais, grupos de trabalho pelo país,..., e noticiar dessa forma pode ser até o impulso positivo para que se façam outras coisas noutros territórios em que isso não é valorizado.

E como é que o “Biosfera” vai à procura disso? Que tipo de reinvenções procura? Há o caso, por exemplo, do ClimAdapt...

O ClimAdapt é um projeto que envolve a sociedade, investigadores e agentes políticos. Esse tema chegou até mim através de uma proposta de um elemento da Quercus, que me falou desse projeto. Quando recebi o e-mail, quando percebi no que consistia o projeto e depois de ter

trocado algumas informações com uns investigadores, percebi que poderia ser interessante, uma vez que já estavam ações a decorrer. Porque temos muitos projetos que às vezes passam por identificar problemas, definir estratégias, mas não há ação no terreno e neste havia ação no terreno. Este foi um critério que pesou bastante para seguir esta história e para fazer um programa sobre este projeto. Contactar investigadores, fazer muita pesquisa sobre ações que estão a decorrer e, através das universidades, nós vamos encontrar estes projetos de investigação, estudos, que envolvem a sociedade, agentes políticos e investigadores – há aqui este trio que funciona muito bem e que nos traz sempre muita novidade.

É claro que já temos uma rede de contactos muito extensa e esse elemento chegou a mim porque já trabalhei com ela noutros programas. É claro que é parte interessada. É uma coisa com que no jornalismo de ambiente se deve ter muito cuidado: as fontes. E as organizações ambientalistas não nos contactam de forma desinteressada. Não quer dizer que seja um interesse que tenha uma implicação negativa ou que represente algo mais oculto, mas tem que se ter cuidado. Neste caso, decidi investigar e quando decidi fazer o programa falei até com outros intervenientes.

O facto das alterações climáticas serem um fenómeno global e transversal dificulta o trabalho dos jornalistas – no sentido em que têm a necessidade de reinventar o tema?

O que acontece é que quando se trata um fenómeno tão complexo como as alterações climáticas... Uma coisa são as alterações climáticas que se manifestam durante décadas e séculos, outra coisa é falar de eventos climáticos extremos e eventos meteorológicos pontuais. Quando fazemos programas sobre as alterações climáticas, baseamo-nos em previsões, em modelos climáticos. Uns já tivemos oportunidade de ver no nosso país, outros nunca sequer vão acontecer em Portugal. Quando olhamos para um evento meteorológico não podemos logo pôr o título de alterações climáticas. Pode ser um fenómeno isolado no tempo e não podemos seguir o alarme e o mediatismo. Como programa de 25 minutos sobre ambiente, temos a responsabilidade de contextualizar as coisas, de falar com especialistas que nos ajudem a perceber os fenómenos, e há muita incerteza sobre como vão ser os próximos anos. O facto de termos tido Verões mais secos e quentes é algo que indica o que pode vir a acontecer no futuro,

mas não sabemos se ainda não vai haver uma reviravolta. Quando se fala de alterações climáticas, fala-se em previsões de 100 anos ou 50 anos. Não podemos estar a encaixar as alterações climáticas de uma forma tão mediática. Isso é tirar-lhe rigor científico e não é uma interpretação que deva ter um jornalista de uma matéria especializada.

Que tipo de fontes prefere o “Biosfera”? Há um padrão?

Privilegia-se o investigador que tenha trabalho desenvolvido nesse campo, com estudo ou trabalho de campo a decorrer, para podermos mostrar o que está a tentar descobrir, tentar decodificar uma linguagem mais científica para uma outra linguagem mais perceptível para o público.

E de que forma é que o resultado final é influenciado pelas fontes? Isto é, se tivessem possibilidade de chegar a outras fontes, de outras nacionalidades, o trabalho final seria diferente?

Não. Claro que seria mais rico. Quando vamos a uma conferência sobre alterações climáticas, que tem especialistas de todo o mundo que partilham as suas realidades e estudos, ficamos com um programa mais rico. Mas como os fenómenos são tão localizados, a nossa matéria não fica mais pobre. A informação que passa sobre as alterações climáticas a nível global é uma informação que já está incluída em relatórios científicos e que não precisa de um porta-voz específico. Aumento de 2 ou 3 graus de temperatura, subida do nível do mar, os eventos climáticos fortes, ..., isso não precisa de um porta-voz. Podemos ser nós a dizer.

Não nos condiciona porque nos focamos no ambiente a nível nacional. Sempre que podemos também trazemos notícias de fora, mas como existe uma lacuna de informação do que se passa em Portugal, nós acabamos sempre por ter matéria muito interessante. E a nossa comunidade científica também é bastante rica, está sempre informada sobre o que se passa lá fora. Muitas vezes, dá-nos uma contextualização geral sobre o que se passa noutros pontos do globo. Por isso, não sinto que isso seja um problema que vá, de alguma forma, condicionar ou tornar a nossa informação incompleta.

O facto de ser um programa semanal é importante?

Não perde também a atualidade. Estamos a falar de um Verão muito quente, com muitos focos de incêndio. E nós em 2010, 2012, 2013... temos feito quase todos os anos programas sobre os incêndios. Eu posso ir buscar hoje um programa dessa altura e que acaba por ter a mesma atualidade.

Para trabalharmos estes programas de fundo precisamos de algum tempo. E, normalmente, temos mais do que uma semana para trabalhar os assuntos, e eles são pré-produzidos com antecedência. E a nossa equipa já está habituada a trabalhar estes temas, como temos todos *background*, a trabalhar há alguns anos, não pegamos nos temas do zero.

O “Biosfera” passou por algumas mudanças ao longo dos anos. Já teve o programa dividido em rubricas, com uma apresentadora, ... O que é que funciona melhor?

Neste momento, como o programa está funciona melhor, porque é um programa só dedicado a um tema de ambiente. Temos muito mais tempo para conseguir aprofundar o tema, para conseguir também mostrar alguns detalhes que não tínhamos antes. A título de exemplo, vou falar do ClimAdapt, das alterações climáticas, e consigo mostrar a metodologia de investigação associada a um projeto de estudo de impermeabilização das cidades. Algo que mostre também como é que se chega a determinado resultado, deixa-se a imagem respirar, a história, ... Porque falar destas questões, que são sérias, rigorosas, científicas, complexas, ... Temos mais tempo para dedicar a um só tema, em que entram vários subtemas ou histórias. Não quer dizer que não se possa a partir daí tirar partido da imagem que é a nossa arma, e da edição: mostra-se pequenos momentos que ajudam a complementar a história e a prender o telespectador. O *storytelling* é muito importante e agora temos mais tempo para enriquecer a reportagem, para a diferenciar. Temos 11 anos, temos que inovar, temos que abordar outros caminhos, temos que continuar a ser eficazes ao passar a nossa mensagem.

E como é que achas que tenderá a evoluir a mediatização das alterações climáticas? O que é que os jornalistas poderão trazer de novo para esta questão?

Eu espero que os jornalistas não vão pelo caminho do alarmismo e que não vão apenas pelos fenómenos climáticos extremos para apresentarem as alterações climáticas. Eu acho que se deve ir pelo que se está a fazer. Porque isto vai ser um trabalho contínuo, até com Portugal, no contexto da Comissão Europeia, que vai ter que responder a projetos, estratégias, fundos comunitários, que vão sempre privilegiar medidas que contemplem as alterações climáticas. Nesse sentido, acho que se deve ir por aí: o que se deve fazer para nos adaptarmos a um clima que está a mudar, para prevenirmos catástrofes. Não é só o acontecimento mais dramático, deve-se ir também pela prevenção, pela solução, uma abordagem um bocadinho mais construtiva e positiva.

Que peso tem o “Biosfera”, para as fontes, na mediatização destes assuntos?

Pela idade que tem o “Biosfera”, e pela abordagem que também tem – não tratar os temas com ligeireza ou com pouco fundamento, aquilo que a atualidade vai esquecendo nós vamos lembrar –, os entrevistados sabem que estão a falar para um órgão de comunicação que já tem alguma bagagem. Para alguns é sinal de confiança, porque sabem que não têm de explicar tudo do zero e que podem usar uma linguagem que nós vamos interpretar da melhor forma sem deturpar. No caso de algum político ou de uma indústria poluidora, no caso de irmos questionar sobre um assunto mais sensível, sentem-se um bocado intimidados, porque sabem que vamos colocar perguntas que vão além do discurso um bocadinho mais superficial.

Já tive várias situações em que me pediram para ver as peças para ser publicadas. E eram cientistas. Isso põe em causa a liberdade e trabalho do jornalista. Alguns não confiam e ficam de pé atrás, mas o tratamento com as fontes deve ser o mesmo. Seja no “Biosfera”, seja noutra órgão de comunicação. O facto de ser um magazine que trata ambiente de uma forma mais exhaustiva faz com que as fontes já não tenham o mesmo discurso do que, por exemplo, para um jornalista de *hard-news*.

Já sentiste que uma fonte, ao pedir para ver a reportagem antes de ser publicada, condicionou o teu trabalho?

Isso não aconteceu porque a nível interno há essa proteção. Não se sentem as pressões exteriores cá dentro. Trabalhamos como uma redação de jornalistas que tem essa liberdade editorial bastante respeitada e presente.

8.3 Entrevista a Joana Guedes Pinto, jornalista e principal produtora do “Biosfera”

Qual é o perfil do entrevistado do “Biosfera”? Há um padrão?

Primeiro, tem que ser especializado. Normalmente, nós recorremos a académicos. Se falarmos de arquitetura sustentável, vamos falar com arquitetos. Mas se falarmos por exemplo no âmbito da saúde podemos falar com um médico, ... normalmente, falamos com especialistas da área.

Numa reportagem “Biosfera” sobre alterações climáticas, que fontes se procuram e que ângulos de abordagem optam por seguir?

Depende muito daquilo que estejamos a tratar. Se for um foco geral, de alterações climáticas, normalmente vamos sempre a um especialista em alterações climáticas, que normalmente não é muito diverso, porque não há muita gente em Portugal a tratar este assunto de forma especializada. Para o “Biosfera”, precisamos de encontrar quem nos fale mais profundamente do tema. Normalmente, quem fala disso ou é o Filipe Duarte Santos, que é um especialista em alterações climáticas, ou alguém que ele nos indique que possa ser interessante.

Se falarmos das alterações climáticas, por exemplo, do ponto de vista da orla costeira, vamos a especialistas que nos saibam falar sobre as alterações na orla, o que é que vai ficar submerso pelo aumento do nível da água do mar... e aí vamos a uma faculdade procurar alguém que esteja a estudar este desnível das águas do mar e de que forma pode afetar a orla costeira. Mas por exemplo se falarmos do vento, já temos que ir a alguém que seja especialista nas correntes do vento e de que forma é que vão atingir o nosso país, porque é sempre no âmbito português, que é o que tratamos. Se formos falar, por exemplo, no caso agrícola, até podemos ir a um produtor e ver de que forma é que isso vai afetar a produção dele, mas normalmente falamos com um engenheiro agrónomo ou alguém que nos possa explicar um bocadinho de que forma como vai ser afetado... Normalmente, recorremos também a estudos universitários.

Em 11 anos como é que se tem mediatizado estas questões das alterações climáticas? Como é que se vai mostrando um novo ângulo para que não se torne repetitivo?

Isso é difícil. Porque, para já, o programa tem muitos anos. E as alterações climáticas são um tema que vai sendo sempre tratado e mediatizado. Mas quando o tema é mediatizado nos jornais ou nas televisões, e isso é a diferença em relação ao “Biosfera”, o que acontece é que se fala sempre do mesmo: o degelo, os tufões, furacões, ... porque é aquilo que toca mais nas pessoas, estes desastres naturais. No “Biosfera”, tentamos dar um ângulo diferente, mesmo pela parte da especialidade... que diferença é que podemos fazer? Focando pontos, relacionados com as alterações climáticas, como sobre as leguminosas, sobre as cidades, ... eu já fiz um “Biosfera” sobre “Portugal em 2050” – queria perceber o que vai mudar em Portugal nestes 25 anos... o que é que vai mudar? Basicamente, pensamos as alterações climáticas com ângulos diferentes, mas não fugindo muito daquilo que é próximo do cidadão.

E como é que essa mediatização tem evoluído ao longo destes últimos anos? Como é que se explicavam as alterações climáticas há 11 anos e como é que se explicam agora?

Temos que ver isto de uma perspetiva diferente. O “Biosfera” foi amadurecendo também. O primeiro “Biosfera” não é o “Biosfera” que se faz agora. Porque em 500 “Biosferas” houve uma evolução muito grande. Não só pelos temas – porque aí não podemos falar de amadurecimento – mas por parte dos jornalistas e da maneira que se trata o programa, porque foi um programa que foi crescendo. As pessoas foram evoluindo. Há 500 “Biosferas” pelo meio. Já temos uma equipa muito sénior, uma equipa que já está cá há alguns anos. O próprio programa foi evoluindo. Já tivemos um programa de 20 minutos, depois passámos para 25 minutos, depois para 30. Já tivemos 45 minutos, agora estamos outra vez 25 minutos. Começámos na RTPN, agora estamos na RTP2, ou seja, há também uma evolução dentro do próprio programa. E isso, depois, acaba por se transpor para a forma como abordamos os temas, que muitas vezes podem ser os mesmos temas.

O “Biosfera” nunca foi muito de enquadrar. Tem um enquadramento geral, mas o público do “Biosfera”... pode ser o mesmo do que vê o telejornal, mas procura uma informação mais

especializada. Por isso, partimos do princípio que o público que vê o “Biosfera” – e porque temos *feedback* dos telespectadores e sabemos onde é que o programa de enquadra – não é um público leigo no assunto. Claro que fazemos sempre um enquadramento e explicamos sempre, de forma simples, mas não tratamos a informação da mesma maneira que é tratado nos telejornais ou num jornal.

Em relação às fontes... há 11 anos era difícil encontrar quem falasse de alterações climáticas?

Ainda continua a ser difícil. Não é fácil, para os focos que nós queremos, encontrar as pessoas indicadas. Por isso é que tentamos encontrar através de estudos e perceber quem é que está a fazer esses estudos e perceber de que forma podem enriquecer o programa. Procuramos vários estudos, mas depois escolhemos alguns. Alguns não se adequam ou não têm o foco que queremos.

Mas, apesar de ser difícil, acaba por ser mais fácil agora porque nós já temos mais experiência. E há fontes que falavam connosco e que depois foram dando outros contactos que acabaram por enriquecer a nossa lista. No fundo, neste assunto das alterações climáticas, vamos quase sempre às mesmas pessoas. Não há uma lista muito diversa. Pode haver é um ou outro estudo que vá complementar o tema e que inserimos nestas nossas fontes.

E por que é que o “Biosfera” opta por essas fontes especializadas?

Nós já tivemos programas com denúncias ambientais, com os cidadãos – porque nesse caso faz todo o sentido. Mas neste caso das alterações climáticas... toda a gente tem uma opinião mas no fundo não tem. Não sabem muito bem ainda... nem os próprios especialistas. Há controvérsia em relação a isso. Uns dizem que estamos a entrar num período de aquecimento global, outros dizem que estamos num período de aquecimento global, outros dizem que estamos numa era glacial e que as alterações climáticas é que estão a não deixar entrar na era glacial. Mesmo os especialistas são um bocadinho confusos nesse sentido. Se isto é tão confuso para os especialistas, e mesmo para nós que estamos no “Biosfera” há tantos anos e vamos ouvindo falar destas questões, para o cidadão comum torna-se ainda mais confuso. E nós não

procuramos o cidadão comum por causa disso, porque não vai trazer nada de novo ao programa, nada que não se saiba. Provavelmente vão dar respostas muito vagas ou até confusas. O que nós procuramos é, através dos especialistas, dar respostas ao nosso público. E as questões do nosso público serão questões mais além daquilo que o cidadão comum sabe. Por isso não podemos ir por essas fontes. Podemos, quanto muito, fazer *vox-pop* e perceber quais as preocupações do cidadão e de que forma é que veem este assunto, mas as respostas que eles nos darão não irão muito ao encontro das questões que o nosso público tem feito sobre esta questão.

Como é que se definem os temas no “Biosfera” e o que é que se procura trazer de novo para as alterações climáticas?

Nós andamos, de certa forma, dentro da agenda, daquilo que vai saindo como notícia. Muitas vezes, há algum estudo ou notícias ligados às alterações climáticas que nos chama a atenção. Normalmente, nós temos reuniões de equipa e os jornalistas e a produção andam sempre muito ligados. Alguém vê alguma coisa (notícia, estudo, ...) ou alguma fonte até nos contacta com alguma coisa nova a acontecer e normalmente é isso que é levado para as reuniões e é assim que vamos escolhendo os temas que acabamos por abordar no programa. Neste caso, o meu trabalho é feito muito em paralelo com os jornalistas. Até posso ver alguma coisa e dar a ideia, sugerir, mas depois a pesquisa do tema acaba muito por vir da parte dos jornalistas. Acabo por ser uma peça que sugere e que, no fundo, coordena as diversas reportagens e o próprio guião.

8.4 Entrevista a Filipe Duarte Santos, investigador na área das alterações climáticas

Enquanto especialista no tema, como é que vê a mediatização das alterações climáticas por parte do “Biosfera”?

É um programa interessante e que pode ajudar as pessoas que o veem a compreenderem melhor a problemática das mudanças climáticas e tem a característica de permitir que os investigadores tenham algum tempo para explicar o que são as alterações climáticas, como é que elas se manifestam, quais são as observações que permitem concluir que há alterações climáticas, quais são os impactos atuais e futuros das alterações climáticas, e quais as soluções que temos para resolver o problema. É sobretudo a questão de darem aos investigadores algum tempo que permita explicar questões que não se podem explicar num minuto nem em dois. É necessário tempo para se explicar estas questões.

E de que forma é que se pode reinventar o tema de forma a abordá-lo várias vezes?

Eu percebo que as pessoas queiram sempre novidade e coisas diferentes e, de certo modo, divertidas e que as entusiasmam. Mas este é um problema que veio para ficar durante bastante tempo. Não é um problema que tenha desaparecido ou que se tenha transformado muito em 11 anos. Há alguns sinais que se têm agravado. Do ponto de vista de conteúdos científicos, a evolução que houve em 11 anos é relativamente pequena, porque a causa do problema mantém-se e tem-se agravado, mas é um agravamento que é lento. É um problema que vai ficar connosco até ao fim do século, mas também para além deste século, no próximo e no seguinte. Os meios de comunicação social, se privilegiam muito a questão de tornar atraente, entusiasmante, terão de reinventar a forma de comunicar, mas o problema não se tem alterado muito.

No primeiro programa, explicou-se alguns conceitos chave. Hoje, ainda há essa necessidade?

Essa necessidade mantém-se. Continua a haver uma grande iliteracia. As pessoas têm conhecimentos reduzidos, muito rudimentares sobre como funciona a atmosfera. Poucas pessoas sabem o que é o efeito de estufa, que foi uma coisa descoberta em meados do século XIX, por um físico e matemático chamado Joseph Fourier. Apesar de ter sido descoberto há mais de 150 anos, há muitas pessoas que não sabem bem o que é o efeito de estufa. Embora hoje em dia nas escolas, no ensino primário e secundário, haja alguma formação sobre estas questões, há muitas pessoas que não se interessam, não procuram informação. Por isso, penso que é um serviço que os meios de comunicação fazem, em particular o “Biosfera”, para procurar informar melhor as pessoas e sobretudo as novas gerações.

Há pouco falava que o “Biosfera” dá mais tempo para se falar de um tema. Por parte das fontes, há mesmo essa confiança de que a linguagem científica será bem interpretada pelos jornalistas?

Sim. Quando se tenta explicar questões que têm alguma complexidade, o “Biosfera” tem essa particularidade de permitir desenvolver um pouco mais estes assuntos. Portanto a probabilidade de que as pessoas compreendam aquilo que está a ser dito aumenta. Uma coisa é informação, outra é conhecimento. E o conhecimento não se adquire a ver televisão. Pode ser motivado por isso, mas depois implica um esforço que a pessoa pode ou não estar disposta a fazer. Se a pessoa estiver disposta a fazer tem de consultar outras fontes, como a Internet.

E é o jornalismo de ambiente um ‘jornalismo de causas’?

Depende muito do que isso queira dizer. Efetivamente, para resolver o problema das alterações climáticas, ou seja de uma mudança de clima que vai afetar os seus filhos, os seus netos, bisnetos, as gerações futuras... Para procurar resolver este problema, para que o clima no futuro não seja agressivo, é necessário uma mudança de comportamentos. E isto não é uma coisa que os políticos façam exclusivamente por sua iniciativa, é uma coisa que depende do eleitorado, do que é que as pessoas pensam sobre o assunto. E para isso é necessário que o eleitorado esteja informado. Combater as alterações climáticas tem um certo custo. Investir em energias renováveis, por exemplo.

E que papel teve o “Biosfera” nesse alerta?

É um programa especializado. É um programa que dá mais tempo para definir conceitos, problemas, enumerar as soluções. Permite ir mais além e aprofundar o problema. Nesse aspecto é um programa muito interessante. Na televisão internacional existem muitos programas de divulgação científica, e alguns deles sobre alterações climáticas. E são programas que são muito informativos. Mas eu insisto, ver um programa não dá automaticamente conhecimento. A pessoa fica informada mas não fica necessariamente a conhecer o problema. Quando vê televisão, a pessoa está com atenção e compreende o que vê. Mas isso não lhe dá automaticamente conhecimento sobre o assunto.

O primeiro “Biosfera” explicava alguns conceitos importantes. Este programa mais recente fala já da adaptação. Enquanto especialista do tema, o que é que é importante falar ainda das alterações climáticas?

O resultado do jogo só se sabe depois do jogo. Portanto, nós não somos capazes de prever o futuro. Mas a ciência consegue dizer alguma coisa sobre as tendências. Tem-se gastado muito tempo e esforço a fazer projeções sobre o clima futuro e quais as consequências e impactos desse clima futuro nos vários setores (água, florestas, saúde humana, zonas costeiras, biodiversidade, ...) e aquilo que a ciência nos diz é que as alterações climáticas têm tendência a agravar-se. É natural que as pessoas falem sobre o assunto, porque tem impacto em vários setores, e é natural que seja um tema para ser analisado e divulgado pelo “Biosfera”.